
Notícias
Manual do usuário
Alain
de Botton

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Alain de Botton

Notícias
Manual do usuário

TRADUÇÃO DE
Clóvis Marques

intrínseca

Copyright © Alain de Botton, 2014

TÍTULO ORIGINAL
The News: A User’s Manual

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Mariana Newlands

PREPARAÇÃO
Ângelo Lessa
Rayssa Galvão

REVISÃO
Anna Beatriz Seilhe
Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-784-6

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA
Electra LH

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Para minha mãe

SUMÁRIO

	Prefácio
UM	Política
DOIS	Noticiário internacional
TRÊS	Economia
QUATRO	Celebridade
CINCO	Desastre
SEIS	Consumo
	Conclusão

Prefácio

1.

NÃO VEM COM instruções, pois supostamente essa é a atividade mais normal, fácil, óbvia e banal do mundo, como respirar ou piscar.

Passado algum tempo, em geral não mais que uma noite, e às vezes bem menos — se estivermos inquietos, talvez apenas dez ou quinze minutos —, interrompemos o que estamos fazendo para *ver o noticiário*. Deixamos a vida em suspenso na expectativa de receber outra dose de informação indispensável sobre os mais importantes feitos, catástrofes, crimes, epidemias e complicações amorosas que se abateram sobre a humanidade em qualquer ponto do planeta desde a última vez que paramos para dar uma olhada.

O que se segue é uma tentativa de fazer esse hábito, tão familiar e onipresente, parecer muito mais estranho e perigoso do que o consideramos.

2.

O OBJETIVO DO noticiário é nos mostrar tudo aquilo que ele próprio considera mais inusitado e importante no mundo: nevascas nos trópicos; o filho ilegítimo de um presidente; gêmeos siameses. Mas, apesar dessa insistente busca pela anomalia, se há algo que o noticiário habilmente evita focalizar é a si mesmo e a posição predominante que passou a ocupar em nossas vidas. “Metade da humanidade é hipnotizada todos os dias pelo noticiário” é uma manchete que

tem poucas chances de algum dia ser noticiada por empresas que em geral se dedicam a relatar o que consideram digno de nota, fora do comum, corrupto e chocante.

O filósofo Hegel já dizia que as sociedades se modernizam quando o noticiário passa a ocupar o lugar da religião como principal fonte de orientação e como referência de autoridade. Hoje em dia, nas economias desenvolvidas, ele alcançou uma posição de poder no mínimo equivalente à que outrora era desfrutada pelas crenças. Os informes rastreiam as horas do dia com precisão assustadora: as manhãs foram transubstanciadas em um boletim matinal, e os fins de tarde, em um resumo das notícias vespertinas. No entanto, o noticiário não se limita a seguir uma programação quase religiosa; ele também exige ser encarado com uma parte da mesma expectativa deferente que um dia alimentou nossa fé. Por meio dele, também esperamos ter revelações, aprender o que é certo e errado, conferir sentido ao sofrimento e entender como funciona a lógica da vida. E aquele que se recusa a participar dos rituais também pode sofrer acusações de heresia.

O noticiário sabe tornar sua mecânica quase invisível e, portanto, difícil de questionar. Ele se dirige a nós com uma voz natural e transparente, sem qualquer referência à própria perspectiva tendenciosa. Ele abre mão de deixar claro que não se limita a *informar* sobre o mundo, pelo contrário: empenha-se o tempo inteiro em modelar um novo planeta em nossa mente, um que esteja de acordo com suas prioridades muitas vezes bem específicas.

3.

DESDE A MAIS tenra idade, somos ensinados a apreciar a força das imagens e das palavras. Somos levados a museus e informados solenemente de que quadros de pintores há muito mortos podem transformar nossa perspectiva. Somos apresentados a poemas e histórias capazes de mudar nossa vida.

E, no entanto, é raro tentarem nos instruir sobre as palavras e as imagens que sempre ouvimos no noticiário. Considera-se mais importante que sejamos capazes de entender o sentido da trama de *Otelo* do que de decodificar a primeira página do *New York Post*. É mais provável nos falarem do significado do uso da cor em Matisse do que nos brindarem com uma análise do impacto das páginas dedicadas a fotos de celebridades no *Daily Mail*. Não somos estimulados a contemplar como nossa visão de mundo pode ser alterada depois de um mergulho no *Bild* ou na revista *OK!*, no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* ou no *Hokkaido Shimbun*, no *Tehran Times* ou no *Sun*. Nunca somos instruídos

sistematicamente quanto à extraordinária capacidade que os meios de comunicação têm de influenciar nosso senso da realidade e moldar o estado daquilo que podemos muito bem chamar — sem qualquer implicação sobrenatural — de nossa alma.

Embora muito se fale sobre educação, as sociedades modernas se esquecem de examinar aquele que é de longe o mais influente meio de educar as populações. Não importa o que aconteça nas salas de aula: a mais poderosa e constante forma de educação ocorre nas ondas de rádio e em nossas telas. Ficamos encapsulados nos bancos escolares durante os dezoito primeiros anos de vida, mas a verdade é que passamos o resto da nossa existência sob a tutela de agências de notícias que exercem sobre nós uma influência infinitamente maior do que qualquer instituição acadêmica seria capaz. Uma vez concluída a educação formal, o noticiário é quem passa a nos ensinar. É ele que, sobretudo, dá o tom da vida pública e molda as impressões que temos da comunidade para além dos limites de nossa casa. É ele o grande criador das realidades política e social. Como bem sabem os revolucionários, aquele que deseja mudar a mentalidade de um país não vai às galerias de arte, ao Ministério da Educação ou à casa de romancistas famosos; é preciso direcionar o ataque para o centro nervoso do organismo político, a redação das agências de notícias.

4.

POR QUE NÓS, o público, não paramos de olhar o noticiário? Tem muito a ver com o medo. Após um período — ainda que breve — longe das notícias, a tendência é nossas apreensões se acumularem. Sabemos muito bem o que pode começar a dar errado, e quão depressa: um Airbus 380 pode sofrer um vazamento de combustível e rodopiar, em chamas, nas águas de uma baía; um vírus de morcego africano pode saltar a barreira das espécies e se infiltrar nos dutos de ventilação de um trem nos subúrbios do Japão; investidores podem iniciar um ataque à moeda nacional; e mais um pai que parecia normal pode dar um fim violento à vida de seus dois lindos rebentos.

Em nossa vizinhança, pode muito bem haver paz e estabilidade. Uma brisa talvez balance os ramos da ameixeira no jardim, e a poeira pode se acumular aos poucos nas prateleiras da sala de estar. No entanto, sabemos que essa tranquilidade não reflete a realidade caótica e violenta da vida, e, assim, depois de um tempo, a calmaria tende a se tornar preocupante. A consciência da possibilidade de uma catástrofe explica a leve pulsação de medo que podemos registrar quando direcionamos o celular para a antena mais próxima e esperamos

que as manchetes apareçam na tela. É uma versão atualizada da apreensão que nossos antepassados distantes deviam sentir nos momentos apavorantes que antecediam o alvorecer, quando se perguntavam se o sol conseguiria achar o caminho de volta para o firmamento.

Mas há também aqui um tipo muito especial de prazer. Por mais terrível que seja, e talvez especialmente em suas piores manifestações, o noticiário pode representar um alívio do peso claustrofóbico de vivermos em nossa própria companhia, de a todo momento tentarmos fazer justiça ao potencial que temos, de lutarmos para convencer umas poucas pessoas em nossa limitada órbita de conhecidos a levar a sério as ideias e necessidades que transmitimos. Consultar o noticiário é o mesmo que levar uma concha ao ouvido e se sentir subjugado pelo rugido da humanidade. Identificar questões muito mais graves e prementes do que as que são exclusivamente nossas e permitir que essas realidades de maior alcance se sobreponham à visão autocentrada das nossas próprias apreensões e dúvidas pode ser uma espécie de fuga das preocupações. A fome, uma cidade inundada, um *serial killer* à solta, a renúncia de um governo, a previsão de escassez que um economista faz para o ano seguinte — todas essas turbulências externas são exatamente aquilo de que podemos precisar para gozarmos de uma espécie de calma interior.

Hoje em dia, o noticiário nos informa que um homem adormeceu ao volante do carro — depois de ficar acordado até tarde da noite cometendo adultério pela internet — e caiu de um viaduto, matando uma família de cinco pessoas que dormiam em um trailer lá embaixo. Outra matéria conta a história de uma universitária linda, com um futuro brilhante pela frente, que desapareceu ao sair de uma festa e cinco dias depois foi encontrada esquartejada no porta-malas de um táxi. A terceira notícia repassa os detalhes do caso amoroso entre uma professora de tênis e seu pupilo de treze anos. Ocorrências assim, de um desvario tão flagrante, fazem com que as pessoas na calmaria se sintam sãs e abençoadas. Elas podem virar as costas e experimentar uma renovada sensação de alívio por terem rotinas previsíveis, por terem mantido os desejos menos ortodoxos sob o devido controle e por nunca terem envenenado um colega ou enterrado um parente no quintal.

5.

COM O TEMPO, que efeito tem todo esse noticiário sobre nós? O que resta dos meses e até dos anos que, somados, passamos sob sua influência? Para onde vão todos os medos e as agitações pela criança desaparecida, pelo déficit

orçamentário ou pelo general infiel? Em que medida todas essas notícias contribuíram para aumentar nossa sabedoria, se não contarmos o rastro vago e previsível de sedimentos de conclusões, por exemplo, de que a China está emergindo, de que a África Central é corrupta e de que é preciso reformar o sistema educacional?

O fato de geralmente não nos aprofundarmos nessas questões é sinal de nossa generosidade mental. Achamos que deve haver algo de errado em simplesmente desligar a televisão. É difícil abrir mão do hábito criado logo nos primeiros anos de vida, quando ficávamos sentados de pernas cruzadas durante as reuniões nas escolas para ouvir, com muita educação, algumas figuras de autoridade falarem sobre coisas que afirmavam ser essenciais.

Perguntar por que o noticiário é importante não significa presumir que não seja, e sim dar a entender que pode haver recompensas ao ingerir com mais atenção a dose diária de notícias. Este livro é um registro, uma fenomenologia de um conjunto de encontros com o noticiário. Organiza-se em torno de fragmentos colhidos em diferentes fontes e submetidos a uma análise deliberadamente mais aprofundada do que seus geradores pretendiam. É um exame atento das notícias com base no pressuposto de que esses fragmentos podem ser tão dignos de estudo quanto textos poéticos ou filosóficos.

A definição de noticiário foi deixada vaga de propósito. E, embora haja diferenças óbvias entre as agências de notícias, também há semelhanças o bastante para falarmos de uma categoria genérica que mescla os tradicionais feudos do noticiário — rádio, TV, on-line e impresso — e as ideologias contrastantes de direita e esquerda, intelectual e popular.

Este projeto tem uma dimensão utópica, que não se limita a questionar o noticiário dos dias atuais e tenta imaginar o que ele pode vir a ser. Sonhar com agências de notícias ideais não implica indiferença à presente realidade econômica e social dos meios de comunicação. Na verdade, é algo que decorre de um desejo de romper com uma série de pressuposições pessimistas com que talvez tenhamos nos resignado sem muita resistência.

6.

AS SOCIEDADES MODERNAS mal começaram a entender de que tipo de notícia precisa para prosperar. Durante a maior parte da história, era tão difícil colhê-las e tão oneroso distribuí-las que sua influência sobre nossas vidas era inevitavelmente questionada. Hoje, quase não existe lugar no mundo aonde possamos ir para escapar dos noticiários. Lá estão eles, à nossa espera, logo nas

primeiras horas da manhã, quando despertamos de um sono conturbado. Seguem-nos a bordo de aviões, atravessando continentes, e ficam à espreita, esperando para sequestrar nossa atenção depois de botarmos as crianças para dormir.

O acelerado zumbido do noticiário penetrou no âmago de quem somos. Que proeza é ter um momento de calma hoje em dia, que pequeno milagre é a capacidade de adormecer ou de conversar com um amigo sem se distrair — e que disciplina monástica seria necessária para desviarmos a atenção do turbilhão de notícias e, durante um dia inteiro, ouvirmos apenas a chuva e nossos próprios pensamentos.

Talvez a sociedade precise de ajuda para lidar com o que o noticiário vem causando a todos nós: inveja e terror, alegria e frustração; tudo aquilo que nos tem sido dito e que, no entanto, desconfiamos que às vezes seria melhor nunca ter sabido.

Por isso foi criado este pequeno manual, que tenta, em suma, complicar um hábito que, no momento, parece um pouco normal e inofensivo demais.

capítulo um

Política

TÉDIO E CONFUSÃO

INADIMPLÊNCIA DE LOCATÁRIOS AUMENTA EM PROJETO PILOTO DE AUXÍLIO DIRETO ¶

FRACASSA TENTATIVA DE MUDAR LEI DO ABORTO ¶

REEQUILÍBRIO DA ECONOMIA COMPROMETIDO ¶

SENTENÇA SOBRE IMIGRAÇÃO ESPERADA NA CORTE EUROPEIA DE DIREITOS HUMANOS ¶

“FALTA TRANSPARÊNCIA” EM GASTOS DO CONSELHO ¶

COMITÊS CONSOLIDAM DIREITO DE PORTE DE ARMAS ¶

INVESTIDA DE LOBBY CONSERVADOR ANTI-IMPOSTOS ¶

DECISÃO SOBRE NOMEAÇÕES NO RECESSO SERÁ CONTESTADA ¶

HOMEM ACUSADO DE CANIBALISMO E INCESTO EM SYDNEY ¶

BBC

1.

NAS PRIMEIRAS HORAS da manhã, ainda na cama, procuramos uma tela para navegar pelas notícias. Logo será hora de tomar banho e de se apressar para sair de casa a tempo, mas ainda temos alguns minutos.

É uma pena, mas não há qualquer assunto em particular que pareça interessante hoje. De qualquer maneira, clicamos no primeiro título, um tanto intrigante — "Inadimplência de locatários aumenta em projeto piloto de auxílio direto" —, esperando que a leitura traga algo capaz de prender a atenção:

> Pesquisa revela que a inadimplência nos aluguéis aumentou consideravelmente entre beneficiários de um projeto piloto do governo para direcionar auxílio direto. Em uma das regiões, a previsão é de prejuízo de 14 milhões de libras caso o novo sistema seja aplicado a todos os inquilinos. O encaminhamento de auxílio-moradia diretamente aos beneficiários, e não aos locadores, é um elemento fundamental do novo projeto de Crédito Universal. O Ministério do Trabalho e Pensões do Reino Unido afirma que a experiência consolidou a decisão de aplicar o projeto em todo o país. ¶

A situação não melhorou muito. A decisão de mudar a maneira como o governo subsidia a habitação da população de baixa renda evidentemente é importante, e uma agência de notícias bem-intencionada destinou tempo e dinheiro para informar o público sobre detalhes do projeto. Mas, ainda assim, não é fácil se importar com a notícia.

Isso não é incomum. Frequentemente nos deparamos com manchetes que parecem importantes e, mesmo assim, permanecemos indiferentes do ponto de

vista pessoal. Tédio e confusão podem ser duas das emoções mais comuns — e também mais vergonhosas e, portanto, encobertas — diante das chamadas notícias políticas "sérias" veiculadas pelas redações das democracias modernas.

Contudo, mais adiante na lista de manchetes encontramos uma matéria sobre um canibal incestuoso na Austrália, uma história que não exige qualquer esforço para ser lida.

Talvez, lá no fundo, sejamos cidadãos superficiais e irresponsáveis.

2.

PORÉM, ANTES DE nos sentirmos ainda mais culpados, vamos imaginar que, em circunstâncias semelhantes, nos deparássemos com a simples manchete "Cidadão russo consulta advogado", para depois ler a seguinte história:

> Três mulheres — uma senhora de idade, uma jovem e a esposa de um comerciante — e três cavalheiros — um banqueiro alemão de anel no dedo, um comerciante barbudo e um oficial indignado, uniformizado e com uma medalha de honra estampada no uniforme — esperavam havia muito tempo. Dois funcionários estavam sentados a suas mesas, escrevendo, e dava para ouvir o som das canetas riscando o papel. Os acessórios de escrivaninha (algo de que Karenin entendia bem) eram de excelente qualidade, como ele não podia deixar de notar. Um dos funcionários, sem se levantar, cerrou os olhos e se dirigiu a Karenin de mau humor.
>
> — O que deseja?
>
> — Quero falar com um advogado corporativo. ¶

Imagine que a esta altura a história terminasse de repente, e o narrador esperasse que manifestássemos um profundo interesse e o desejo de saber mais, embora não ficasse claro quando esse "mais" surgiria. Várias semanas poderiam se passar até que mais uma dezena de linhas sobre essa história sem graça chegasse ao nosso conhecimento.

Seria pouco plausível supor que, apresentada desse modo, a obra literária *Anna Karenina* fosse despertar qualquer interesse, mas é exatamente o que ocorre no relato de muitas das histórias mais relevantes que percorrem nossas sociedades. Seja cobrindo uma eleição, a negociação de um orçamento, uma iniciativa de política externa ou uma alteração no sistema previdenciário do governo, todos os noticiários têm o hábito de mergulhar os leitores aleatoriamente e por um breve momento em uma longa narrativa, para logo em seguida desviar de novo sua atenção, sem qualquer explicação do contexto em que os acontecimentos se deram. Não é de se surpreender que fiquemos entediados.

3.

ESTAMOS OBSERVANDO MUITO de perto. Para estabelecer outra analogia com as artes, é como se fôssemos convidados a abrir os olhos um ou dois milímetros acima de uma superfície confusa, toda em tons de azul e roxo, com riscos negros aleatórios e bordas brancas. Desse ponto de vista, poderíamos muito bem estar contemplando a paisagem de Júpiter, a superfície de uma escoriação ou as pegadas fossilizadas de uma criatura pré-histórica — e nenhuma delas seria considerada uma alternativa particularmente interessante. Mas, na verdade, poderíamos estar diante do detalhe de um dos quadros mais fortes da arte ocidental, o *Retrato de Gerolamo Barbarigo*, de Ticiano. O problema é que estaríamos observando da distância errada — trata-se de uma obra-prima diante da qual aquele que contempla deve estar a pelo menos um metro para que qualquer interesse possa ser despertado.

4.

O TÉDIO É um novo desafio e uma nova responsabilidade. Durante a maior parte da história da humanidade, simplesmente não havia notícias para nos entediar. A informação existente estava nas mãos de uma classe governante aristocrática, bem pequena e reservada, e se destinava a uma ínfima minoria: o rei, o chanceler, o comandante do exército e os membros mais importantes das empresas comerciais.

Hoje em dia, as notícias são para todos, e, no entanto, muitas vezes as rodas da nossa curiosidade correm o risco de girar sem sair do lugar em um lodo escorregadio de informações. É como se, a cada dia, antes do café da manhã, um funcionário público carrancudo e alarmado entrasse em nossa casa com uma pasta cheia de questões impressionantes, mas, no fim das contas, cansativas: “Cinco hospitais devem estourar os limites de crédito até o fim do mês”, “Banco Central talvez não consiga levantar fundos no mercado de ações”, “Navio de guerra chinês a caminho do Vietnã”, “Primeiro-ministro do Canadá jantará com nosso presidente amanhã”.

O que os noticiários querem que a gente pense? Em que lugar da mente devemos alojar todas essas informações?



1. Quem liga para esta imagem?



2. Ticiano, *Retrato de Gerolamo Barbarigo*, c. 1510.

5.

AS AGÊNCIAS DE notícias não gostam de admitir que o que nos apresentam a cada dia são fragmentos minúsculos cujas verdadeiras forma e lógica em geral só podem ser notadas a partir de uma perspectiva de meses — ou até mesmo anos — e que, portanto, muitas vezes seria mais aconselhável ouvir a história em capítulos, em vez de trechos de sentenças. Essas organizações seguem o pressuposto de que é melhor ter logo uma percepção parcial e duvidosa do que esperar algum tempo por um entendimento mais abrangente e seguro.

Levando em consideração os riscos de confusão resultantes, é preciso acima de tudo ter uma boa sinalização. Sob uma manchete como "Cidadão russo consulta advogado", um trecho de romance — mesmo um com a força de *Anna Karenina* — parecerá maçante. Mas, se formos informados de que estamos lendo um pequeno trecho levemente monótono das mil páginas de um livro extraordinário, um romance que explora as dimensões trágicas do casamento, em especial as tensões entre o desejo de aventura e as exigências da vida em família e do decoro social, podemos esperar um próximo episódio um pouco mais emocionante.

Precisamos que essas agências de notícias ajudem a atiçar nossa curiosidade, indicando de que maneira as histórias se encaixam nos temas mais amplos que requerem um interesse real de nossa parte. Para nos interessarmos por qualquer informação, precisamos "situá-la", encontrar uma forma de ligá-la a uma questão que já esteja em nossa esfera de preocupações. Pode-se descrever cada parte do cérebro humano como uma biblioteca na qual as informações são catalogadas em determinadas categorias fundamentais. É fácil localizar a pilha em que se deve alojar a maior parte do que ouvimos no dia a dia, e as informações são arquivadas de maneira imediata e inconsciente: notícias sobre um caso amoroso vão para a prateleira mais que sobrecarregada do Funcionamento dos Relacionamentos; ao passo que uma história sobre a inesperada demissão de um diretor-executivo se encaixa em nossas noções sobre Trabalho e Status.

Contudo, quanto menores ou mais estranhas as histórias, mais difícil se torna o processo de arrumação nas prateleiras. O que popularmente chamamos de "sentir tédio" é apenas a mente, em um reflexo de autopreservação, jogando fora informações que não sabe onde alojar. Podemos tentar descobrir, por exemplo, o que fazer com a informação de que um grupo de oficiais chineses visitou o Afeganistão para discutir questões relacionadas à segurança da fronteira na província de Badakhshan, ou de que um *think tank* de esquerda milita pela redução dos impostos na indústria farmacêutica. Talvez precisemos de ajuda para transportar essas informações soltas até as prateleiras que tenham mais chances de revelar sua lógica.

Cabe às organizações jornalísticas parte desse trabalho de bibliotecário. É função delas nos dar uma ideia dos tópicos mais amplos em que se encaixam os incidentes menores. A notícia de um caso de vandalismo durante uma noite de sábado em uma cidade do interior (“Ponto de ônibus pichado por jovens vândalos em Bedford”) pode ganhar vida se encarada como um minúsculo momento em um drama mais extenso, intitulado “Dificuldades das sociedades liberais seculares para incutir padrões morais de comportamento sem ajuda da religião”. Da mesma forma, uma matéria indigesta sobre mais um caso de corrupção no governo da República Democrática do Congo (“Acusações de propina no Congo”) ganharia relevo com uma manchete que apontasse para a questão mais importante por trás: “O confronto entre a ideia ocidental de Estado e o conceito africano de clã”.

Com a devida sinalização, até a malfadada notícia sobre a mudança no sistema de auxílio habitacional do governo britânico teria alguma chance. Na realidade, a matéria versa tanto sobre o que é anunciado na manchete — “Inadimplência de locatários aumenta em projeto piloto de auxílio direto” — quanto *Anna Karenina* trata de um cidadão russo que consulta um advogado. O artigo trata da constante investigação do Estado moderno para descobrir a melhor maneira de assistir aos mais pobres, é parte de um debate centenário para saber se o previdencialismo proporciona dignidade e apoio aos beneficiários ou os humilha sutilmente ao fomentar sua dependência. Trata-se de um único episódio em uma narrativa de muitos capítulos que poderia intitular-se “Como os subsídios afetam o caráter”, “A psicologia da ajuda” ou, se pensarmos em algo mais sonoro e abstrato, “A responsabilidade pela pobreza”.

6.

INFELIZMENTE PARA NOSSOS níveis de comprometimento, em muitas agências de notícias prevalece o preconceito de que o aspecto mais prestigioso do jornalismo é uma apresentação desapaixonada e neutra de “fatos”. O slogan da CNN, por exemplo, é “Apresentando os fatos”; na Holanda, o NRC Handelsblad apregoa sua capacidade de “fornecer fatos, não opiniões”; e a BBC se vangloria como “a fonte mais confiável de fatos em todo o mundo”.

O problema com os fatos é que hoje em dia não faltam exemplos dignos de crédito. A questão não está em precisarmos de mais fatos, e sim em não sabermos o que fazer com eles. A cada dia, o noticiário libera uma nova enxurrada: ficamos sabendo que a Standard & Poor’s está revendo a classificação do país em matéria de risco de crédito, que os gastos do governo

aumentaram, que um comitê votará acerca das novas restrições ao direito de voto e que começaram a ser traçados planos para um novo gasoduto. Mas qual é o real *significado* dessas informações? De que maneira elas estão relacionadas às questões centrais da vida política? O que podem nos ajudar a compreender?

O contrário dos fatos é a *parcialidade*. No mundo do jornalismo sério, ser tendencioso é o que há de pior. É sinônimo de intenções malévolas, mentira e tentativas autoritárias de negar ao público a liberdade de decidir por conta própria.

Entretanto, talvez devêssemos ser mais generosos com a parcialidade. Em sua forma pura, um viés tendencioso indica apenas a presença de um método de avaliar os acontecimentos orientado por uma tese coerente sobre o funcionamento e o florescimento da vida humana. É um par de lentes projetado sobre a realidade para deixá-la com mais foco. A parcialidade tenta explicar o que os fatos significam e introduzir uma escala de valores através da qual podemos avaliar ideias e acontecimentos. Parece exagero tentar escapar da parcialidade. O que importa de verdade é encontrar maneiras de conferir sentido a seus exemplos mais confiáveis e proveitosos.

Embora nossa compreensão da ideia de parcialidade seja dominada por exemplos irritantes de esquerda e direita, no fim das contas o número de vieses tendenciosos é igual ao de visões de mundo. Existem incontáveis lentes que julgamos dignas de serem colocadas entre nós e o mundo. Poderíamos, por exemplo, interpretar as notícias em função das perspectivas tendenciosas propostas por Walt Whitman ou Jane Austen, Charles Dickens ou Buda. Poderíamos imaginar um veículo de notícias de parcialidade psicanalítica, focalizando questões de culpa e inveja em ambos os lados do conflito árabe-israelense, atento à ideia de projeção nos debates políticos e extremamente cético quanto à “depressão” em vigor no país como resultado do encolhimento de 0,1% da economia — ou até quanto à inevitabilidade da felicidade ante a previsão de uma expansão de 1,3%.

O que devemos considerar digno de mérito em uma organização jornalística não é a simples capacidade de coletar fatos, mas o talento — desenvolvido por meio de uma parcialidade inteligente — de nos fazer ver sua relevância.

7.

NA POLÍTICA MODERNA, existe uma noção fundamental — uma ideia muito bela e majestosa — de que cada cidadão, ainda que de forma modesta, é governante do país onde vive. O noticiário desempenha um papel central no cumprimento dessa

promessa, por ser o canal por meio do qual encontramos os dirigentes, avaliamos sua capacidade de gestão e desenvolvemos nossas posições sobre os desafios econômicos e sociais mais prementes da época. As agências de notícias estão longe de ser características secundárias das democracias — na verdade, são suas fiadoras.

E, no entanto, tal como se apresenta, o noticiário parece terrivelmente carente de coordenação, destilação e curadoria. Corremos o risco de nos perder em sua programação sempre oscilante de tal maneira que podemos nos tornar incapazes de desenvolver qualquer posição política. Podemos perder de vista quais dos muitos escândalos de fato são graves e o que, horas antes, nos parecia ter uma importância tão arrebatadora. No exato momento em que as sociedades alcançam um nível inédito de complexidade, chegamos a um ponto em que esperamos, impacientes, que todas as questões significativas sejam resumidas de forma drástica. Ante a escala dos problemas focalizados pelo noticiário, a iniciativa pessoal pode começar a parecer patética e sem sentido. Em vez de deixar a impressão de uma possibilidade política, o contato com as notícias do dia pode nos causar uma sensação de insignificância em um universo fundamentalmente caótico e sem salvação.

8.

A TESE DE Hegel de que, na sociedade moderna, o noticiário passou a ocupar a posição de prestígio que antes era da religião ignora uma importante diferença entre os dois: as religiões sempre se mostraram particularmente sensíveis à nossa incapacidade de focalizar a atenção. Tal como o noticiário, as religiões querem transmitir informações importantes todos os dias. Mas, ao contrário dele, sabem que, se nos derem informações demais ao mesmo tempo, tocando no assunto apenas uma vez, de nada nos lembraremos — e *nada* faremos a respeito.

Sendo assim, as religiões tratam de servir apenas uma pequena porção de seu cardápio a cada dia, conduzindo-nos pacientemente por algumas poucas questões e retomando-as repetidas vezes. A repetição e o ensaio são fundamentais nos métodos pedagógicos das religiões. Elas sabem que não faz sentido nos informar a respeito de uma causa essencial de maneira apressada e agitada. Elas nos deixam sentados em um lugar solene, aquietam nossa mente e nos falam em tom de nobre premência, e não de pânico, entendendo que será preciso retomar a discussão com o passar dos dias para terem alguma chance de influenciar nossa maneira de pensar e de nos comportar.

9.

SERIA FÁCIL SUPOR que o verdadeiro inimigo da política democrática só pode ser a censura do noticiário — e, portanto, que a liberdade de dizer ou publicar uma informação seria o aliado natural da civilização.

Mas o mundo moderno nos ensina que, quando se trata de privar as pessoas de vontade política, existem dinâmicas muito mais traiçoeiras e cínicas do que a censura. Elas envolvem o empenho de *confundir*, *entediar* e *distrair* a maioria, afastando-a da vida política ao apresentar os acontecimentos de maneira tão desorganizada, fragmentária e intermitente que a maioria não é capaz de fixar a atenção por tempo suficiente no desenrolar das questões mais importantes.

Um ditador contemporâneo empenhado em se firmar no poder não precisaria tomar uma atitude tão declaradamente sinistra quanto proibir a divulgação de notícias. Bastaria dar um jeito para que as organizações jornalísticas divulgassem uma torrente de boletins aleatórios, fornecendo uma grande quantidade de informação, mas com pouca explicação do contexto. Além disso, dentro de uma programação que não para de mudar, tratando como sem relevância uma questão que pouco antes parecia premente e salpicando atualizações constantes das peraltices interessantes de assassinos e estrelas de cinema. Isso já seria mais do que suficiente para minar a capacidade da maioria de compreender a realidade política e qualquer determinação que por acaso tivessem mobilizado para modificá-la. Uma enxurrada de notícias, e não sua proibição, seria suficiente para deixar o *status quo* inalterado para sempre.

A percepção de que o noticiário político é entediante não pode ser descartada como uma questão sem importância. Quando as notícias não são capazes de canalizar a curiosidade e a atenção do público por causa das técnicas de apresentação, a sociedade fica perigosamente incapacitada para enfrentar seus dilemas e, portanto, para estimular a vontade do povo de iniciar a mudança e o progresso.

Mas a resposta não consiste apenas em forçar as pessoas a consumir mais noticiários “sérios”, e sim em induzir os chamados veículos sérios a aprender a apresentar as informações mais importantes de maneiras capazes de despertar o interesse do público. É muito fácil alegar que as informações sérias podem ser meio entediantes ou que podem se dar ao luxo de serem assim. O desafio consiste em transcender a atual dicotomia entre veículos que oferecem instrução relevante, mas impotente, e os que vendem sensacionalismo destituído de qualquer responsabilidade.

Nos noticiários que idealizamos para o futuro, as tarefas de contextualização e popularização das notícias seriam levadas tão a sério que as matérias sobre auxílio previdenciário seriam (quase) tão emocionantes quanto as que falam de

canibais incestuosos da Oceania.

ALGUMA ESPERANÇA

O centro de Manchester foi devastado por saqueadores, alguns de apenas nove anos. Foi o maior tumulto ocorrido na cidade nas últimas três décadas. Centenas de jovens e crianças “selvagens” percorreram as ruas quebrando vitrines e roubando roupas, celulares e joias. Lojas e lixeiras foram incendiadas, enquanto a polícia perseguia bandos de saqueadores pela cidade, na tentativa de contê-los. Ontem, o comandante da força policial reconheceu que foi “apanhado de surpresa” pela escala dos distúrbios e precisou pedir reforços a cidades vizinhas. ¶

Daily Mail

1.

QUE PAÍS É este em que vivemos? Como são seus habitantes? Devemos nos sentir amedrontados ou tranquilos, orgulhosos ou envergonhados?

A primeira coisa a admitir é que não podemos responder a essas perguntas com base apenas em nossa experiência. É muito difícil conhecer uma nação. Mesmo nos menores países, existem tantos indivíduos que não há como uma só pessoa conhecer mais que uma minúscula fração da população ao longo de toda uma vida de intensos contatos sociais. Além disso, não são muitos os espaços públicos de grandes proporções nos quais os cidadãos podem interagir. Não é sempre que fazemos amigos no shopping center ou descobrimos um pouquinho a respeito da pessoa ao nosso lado no cinema. Talvez antigamente fosse mais fácil. Em Atenas, ainda na Grécia Antiga, graças ao bom tempo, a um centro urbano pequeno e coeso e a uma cultura de convivência democrática (pelo menos para alguns) decerto havia muitas oportunidades de conhecer o coração da sociedade por experiência direta. Mas hoje em dia não temos essa sorte. As cidades são grandes demais; os padrões climáticos, imprevisíveis; os sistemas democráticos, muito indiretos, e as casas, muito espalhadas.

Restam-nos, assim, meios indiretos para formar impressões sobre as comunidades em que vivemos. Essas impressões nascem mais da imaginação do que de uma experiência concreta e são geradas com a ajuda de duas ferramentas em particular.

2.

A PRIMEIRA DELAS é a arquitetura. As aparências das ruas e casas, dos escritórios e parques de um país se combinam para configurar um perfil psicológico daqueles que os conceberam e neles habitam.





3-4. Visões contrastantes de como podem ser “os outros”.
Docas em Amsterdã (em cima), docas em Londres (embaixo).

Se uma pessoa quisesse entender o temperamento dos holandeses de hoje e

estivesse percorrendo a zona portuária leste de Amsterdã, talvez concluísse, exclusivamente pela observação da arquitetura, que se trata de um povo arrojado, alegre, pacífico e voltado para a família, de gente que convida a um contato mais aprofundado e cuja existência parece fonte de esperança e tranquilidade.

Compare, então, essa observação com as mensagens emitidas por outro projeto de reurbanização costeira, desta vez em Pier Parade, em North Woolwich, Londres. Lá, os prédios marcados pela água, abandonados e rachados, remetem a um clima de desespero, dando a entender que a melhor maneira de resolver uma discussão no local seria por meio de berros ou de violência. Parece não haver lugar para o riso e a inocência.

Claro que nem sempre precisamos seguir essas pistas arquitetônicas. É perfeitamente possível nos sentirmos furiosos e desanimados nas docas de Amsterdã e cheios de disposição e energia em Pier Parade. Só que é um pouco mais improvável.

3.

A SEGUNDA FERRAMENTA para conhecer o caráter e o temperamento dos outros é, naturalmente, o noticiário. É ele que nos introduz a uma variedade muito mais ampla de seres humanos do que seríamos capazes de conhecer pessoalmente e que, ao longo do tempo, pelas histórias que reproduz e a maneira como as comenta, forma em nosso espírito uma noção do país onde vivemos.

Dessa forma, se acompanharmos o noticiário todos os dias, com certeza aprenderemos algumas verdades bem sombrias sobre as pessoas que nos cercam:

> Mãe acusada de assassinato: filho de quatro anos morre de inanição ¶
>
> Prostituta que tentou falar com a polícia foi ameaçada por cafetões de ter o rosto cortado e o filho decapitado ¶
>
> Homem mantinha esposa acorrentada no porão e a espancava com a coleira do cachorro ¶
>
> Senhora de 51 anos mata com óleo de carro o marido que odiava e o filho que chamava de peste e envenena a filha que não conseguia emprego ¶
>
> Operário abusa sexualmente de duas meninas de treze anos que colhiam frutas ¶
>
> Piloto espanca e mata a esposa rica porque se sentia humilhado ¶
>
> Bebê sangra até a morte em hospital devido a “catastrófica” falta de comunicação entre os

médicos ¶

Homem tenta decepar as mãos de ex-namorada com cutelo de açougueiro ¶

Daily Mail

4.

HISTÓRIAS ASSIM EXERCEM um impacto maior do que poderíamos presumir. São lidas todos os dias por milhões de pessoas. São mais interessantes do que a maioria dos romances e do que alguns de nossos amigos. Sem que sequer percebamos, elas impregnam nossa mente e influenciam a forma como olhamos para estranhos. Depois de ler histórias como essas, muitas coisas ficam mais difíceis.

Fica mais difícil ter esperança:

Tripla calamidade econômica à espreita na Grã-Bretanha ¶

Parece mais arriscado chamar um táxi:

"Nenhuma mulher está segura ao andar de táxi", adverte juiz especializado em casos de estupro ¶

Ou tomar um trem:

Sem-teto é condenado por matar mulher de 84 anos empurrando-a da plataforma da estação ¶

Ficamos preocupados com doenças:

Novo vírus da gripe é "o mais letal de todos" e mata um terço das vítimas ¶

Mas ir ao hospital parece ainda mais ameaçador:

Negligência: paciente de 39 anos morre depois de passar oito horas sem água ¶

Às vezes queremos voltar a ser jovens:

Miley Cyrus usa short branco justo e provocante e botas pretas até as coxas em apresentação sexy em programa matinal ¶

Mas perdemos a fé na inocência:

Professora dá maconha a aluno de dezesseis anos e faz sexo com ele mais de oito vezes ¶

Ficamos preocupados com o corpo de alguém:

Chloë Sevigny deixa as pernas à mostra com short estampado na estreia de *Orange Is the New Black* ¶

E sabemos como seremos julgados quando formos mais velhos:

O que aconteceu com o rosto de Meg Ryan? ¶

Ficamos preocupados com pássaros:

Clientes ficam horrorizados ao encontrar pássaro morto em salada durante refeição ¶

E também com insetos:

Mulher encontra gafanhoto gigante e ainda vivo em sacola de verduras. ¶

Detestamos os políticos:

Líderes da UE insistem em dizer que não há como economizar no orçamento de Bruxelas, mas bebem vinho de 120 libras no almoço ¶

Mas também não temos muitas expectativas em relação às pessoas comuns:

Assistente social cadeirante de 59 anos é preso em motel por tentar ter relações sexuais com menina de cinco e a mãe ¶

Temos medo dos homens:

Pai mata bebê de onze meses após sacudi-lo e atirá-lo no chão ao discutir com a namorada ¶

E também das mulheres:

Mulher de 43 anos detida por ter um caso com amigo de catorze da filha adolescente ¶

Percebemos como nossa vida é provinciana:

Kate Moss e Naomi Campbell caem na farra até as cinco da manhã com Grace Jones após evento repleto de celebridades ¶

E como nossa relação perdeu toda paixão:

Lua de mel sem fim: Keira Knightley não para de chamego com o marido ¶

São poucos os motivos para não se desesperar com a raça humana:

Suri Cruise, de sete anos, lança coleção de moda ¶

Daily Mail

5.

SE QUESTIONARMOS O noticiário sobre o motivo de nos contar tudo isso, deixando-nos meio doidos, a resposta, muito séria e formal, será que não existe outra opção. É dever do noticiário nos dizer "a verdade". Ele não *decide* o que acontece em um país. As histórias não são inventadas: o pai matou mesmo o filho de onze meses depois de uma briga. Um assistente social cadeirante realmente tentou ter relações com uma menina de cinco anos e a mãe dela em um motel. Privar o público desses fenômenos preocupantes, mas fundamentais, seria trair o dever jornalístico. Os profissionais da área precisam compartilhar a verdade sobre a nação com a mesma franqueza e ausência de melindres que um médico deve ter ao pronunciar um diagnóstico difícil.

6.

MAS A VERDADE é que não é bem assim. Em qualquer país, a qualquer momento, sempre existirá um emaranhado de indicações conflitantes sobre o que está acontecendo. Sempre haverá assassinos pedófilos à solta, mas também podemos contar com dezenas de milhões que não concordam em abusar de crianças ou espancá-las até a morte. Certas pessoas terão vontade de matar os parceiros infiéis com cutelos, mas a maioria vai apenas se desmanchar em lágrimas e morrer de raiva. Alguns habitantes ficarão deprimidos com o desgaste das dificuldades econômicas, mas, por outro lado, haverá muitos outros mostrando brava resistência diante da mais desencorajadora adversidade. Alguns vão se rebelar e se exaltar nas ruas, quebrando vitrines e fugindo com seus saques, mas a maioria estará ocupada em cuidar das flores no jardim e manter a cozinha arrumada. Alguns poucos frequentarão festas glamourosas a todo momento, mas muitos outros aceitarão com alegria os prazeres, a dignidade e a liberdade da vida comum. É fácil se incomodar com a depreciação do corpo, mas existem outras maneiras de se superar e impressionar os demais sem mostrar as pernas.

É curioso, mas o lado alegre da moeda nunca chega ao noticiário. Não faltam manchetes que seriam verdadeiras, mas impossíveis de publicar:

Jovem de quinze anos ajuda idosa desconhecida de 87 a subir três andares de escada na ferroviária ¶

Professor supera sentimentos por jovem aluna ¶

Homem desiste de matar a mulher após breve reflexão ¶

65 milhões de britânicos vão para a cama toda noite sem matar ou bater em ninguém ¶

São tantas as versões da “realidade” que é impossível falar da nação como se fosse uma coisa só, passível de ser apreendida a cada dia, mesmo pelas agências de notícias mais determinadas. Talvez o noticiário adquira ares de maior autoridade quando o assunto é formar um retrato da realidade. Talvez alegue ter a resposta para a questão impossível que é saber o que está de fato acontecendo. Entretanto, a verdade é que ele não tem a capacidade universal de transcrever a realidade, apenas se limita a *moldar* a realidade por meio das escolhas que faz quanto às histórias que serão postas em foco e às que serão deixadas de lado.

É nisso que reside um enorme poder, em grande parte incompreendido: o poder de montar a imagem que os cidadãos formam uns dos outros, de ditar qual será a ideia que teremos das “outras pessoas”. O poder de nos levar a inventar a nação que o próprio noticiário quer que seja inventada.

Esse poder é de grande importância uma vez que as histórias divulgadas pelo noticiário acabam provocando em nós um efeito de autodeterminação. Se a cada minuto formos informados de que muitos de nossos compatriotas são loucos e violentos, toda vez que sairmos de casa estaremos cheios de medo e desconfiança. Se recebermos mensagens sutis de que o dinheiro e o status são as coisas mais importantes e estão acima de tudo, nos sentiremos humilhados por levarmos uma vida comum. Se ficar subentendido que todos os políticos mentem, trataremos de pôr o idealismo e a inocência discretamente de lado e zombaremos todas as vezes que os dirigentes da vida pública apresentarem planos e fizerem pronunciamentos. E, se nos disserem que a economia é o indicador mais importante da satisfação e que ela será um desastre por pelo menos uma década, nunca mais conseguiremos enfrentar a realidade com muita confiança.

7.

ANTES DE FICARMOS desesperados por causa das calamidades que parecem nos cercar de todos os lados, é preciso lembrar que o noticiário, no fim das contas,

não passa de um conjunto de histórias sobre o que está acontecendo no mundo lá fora, nem mais, nem menos.

Nossa nação não é apenas uma mão decepada, uma avó mutilada, três meninas mortas no porão, o constrangimento causado por um ministro, trilhões em dívidas, um suicídio duplo na ferrovia e um engavetamento de cinco carros no litoral.

É também a nuvem que flutua despercebida sobre a torre da igreja, o médico que aproxima a agulha do braço do paciente com gentileza, os camundongos na sebe e a criancinha quebrando a casca do ovo cozido sob o olhar amoroso da mãe. É o submarino nuclear patrulhando a fronteira marítima com eficiência e coragem, a fábrica produzindo os primeiros protótipos de um novo motor e o cônjuge que, apesar das provocações e palavras duras, encontra novas reservas de paciência e perdão.

Isso também é a realidade. As notícias que recebemos sobre a nação não *são* a nação.

8.

POR QUE AS organizações jornalísticas se concentram tanto na negatividade? Por que tanto pessimismo e tão pouca esperança? Talvez elas pensem que o público é, por natureza, inocente demais, muito protegido das vicissitudes do mundo e deveras satisfeito consigo mesmo e, portanto, precisa muito conhecer alguns aspectos negativos da realidade — para recalibrar as expectativas em relação aos outros e tomar medidas de segurança quando possível. O pressuposto é que, sem o realismo sombrio do noticiário, a nação poderia resvalar de novo na perigosa tendência a passar por cima de seus problemas e se sentir à vontade demais com a situação atual.

Deixando sua lógica de lado por um momento, essa tese pelo menos dá a entender como as agências de notícias deveriam fazer a curadoria de seu conteúdo. Ante uma infinidade de possíveis histórias, deveriam escolher aquelas que atendem ao que julgam ser a maior *necessidade* da nação. Aquilo que o país mais precisa ouvir em determinado momento, para compensar suas debilidades, é o que deve conduzir o processo de seleção por trás do noticiário.

Essa lógica não é algo que as empresas jornalísticas de hoje em dia desconheçam. O problema é a avaliação que elas fazem das necessidades reais da nação. Os países, em sua maioria, longe de nutrirem uma visão muito alegre da própria condição, confiarem demais e fazerem com que o povo se sinta absurdamente esperançoso, fazem o exato oposto. Correm riscos por motivos

diferentes dos que, em geral, os meios de comunicação diagnosticam implicitamente. Perdem oportunidades por excesso de medo, ansiedade e pessimismo. Estão habituados demais a ladainhas de problemas e, no entanto, parecem sentir-se debilitados pela pequenez, falta de ambição e fraqueza diante de si. Não conseguem ver a luz no fim do túnel para além da decadência, dos relacionamentos rompidos, dos adolescentes fora de controle, da ansiedade de status, da vulnerabilidade física e da ruína econômica.

Existe uma missão a ser desempenhada pelo noticiário. Ele não serve apenas para nos lembrar a cada dia das mais graves falhas da sociedade. Muitas vezes, também tem a função de treinar e direcionar a capacidade do povo de sentir orgulho, resistir e ter esperança. O declínio nacional pode ter início pela depressão clínica induzida pelos meios de comunicação, e não apenas — nem principalmente — pelo otimismo sentimental.

9.

A ARQUITETURA CONSTITUI um bom exemplo de como uma apresentação eventual de coisas positivas pode ter um uso legítimo. Os membros da equipe incumbida de conceber o velódromo para as Olimpíadas de 2012, em Londres (a menos de um quilômetro e meio de North Woolwich), tinham consciência dos muitos desafios enfrentados pela Grã-Bretanha — as divisões de classe e a desigualdade econômica, as deficiências do sistema educacional, o déficit habitacional, os altos índices de ruptura familiar e a degradação da moral e dos costumes —, mas decidiram não levá-los em conta.

Preferiram criar uma estrutura que se destacasse como expressão eloquente de polidez, modernidade, harmonia entre classes e reconciliação com a natureza, na expectativa de que tais qualidades se tornassem mais presentes no país, graças à articulação em um estádio de ciclismo feito de vidro, aço e cedro-vermelho. A construção era uma proclamação de lisonjas. Dava a entender que essas qualidades desejáveis já se encontravam em ampla oferta em um país onde, na verdade, eram apenas embrionárias ou intermitentes.

Estamos habituados a pensar na distribuição de elogios como algo sentimental e perigoso, que significaria dar as costas à realidade, mas isso é subestimar a maneira como a realidade pode ser moldada. A criança elogiada pelas primeiras manifestações de gentileza (ao compartilhar um brinquedo com o filho do vizinho), que é chamada de “gracinha” ao exibir tal comportamento, está sendo induzida a se expandir além do que já é. A ideia é que ela se transforme na pessoa que já a consideram ser.

O que ocorre com a arquitetura também se dá no noticiário. Paralelamente ao foco habitual nas catástrofes e no mal, volta e meia as notícias devem ser manejadas de forma a desempenhar a função crítica de destilar e concentrar um pouco da esperança necessária para que uma nação abra caminho em meio às dificuldades. Ao mesmo tempo que ajuda a sociedade revelando seus pecados e sendo honesto a respeito de suas dores, o noticiário não pode negligenciar a tarefa de igual importância que é construir uma comunidade imaginária que pareça boa, compassiva e sadia o bastante para que as pessoas queiram contribuir para o seu desenvolvimento.



5. Eis como as “outras pessoas” talvez um dia (também) possam ser na Grã-Bretanha: uma sugestão dada pelo Velódromo Olímpico de Londres, 2012.

MEDO E RAIVA

METEORO FERE CENTENAS E CAUSA PÂNICO ¶ **NBC**

ONDA DE PNEUMONIA RARA DEVE SE ALASTRAR ¶ ***Sydney Morning Herald***

CADEIRAS DE ESCRITÓRIO PODEM SER FATAIS ¶ ***Business Week***

E-BOOKS SÃO RUINS PARA AS CRIANÇAS ¶ ***Guardian***

FUTURO DA POLÍTICA EM RUÍNAS ¶ **CNN**

MANCADA IMPERDOÁVEL DO PARLAMENTO ¶ ***Daily Telegraph***

1.

QUANTO MAIS ACOMPANHAMOS o noticiário, cada vez mais ficamos familiarizados com o medo e a raiva.

As notícias não deixam a menor dúvida de que existe muito a temer no mundo: objetos extraterrestres, vírus mutantes, mobiliário de escritório, tecnologia... Com relação a esses e muitos outros possíveis danos, elas nos induzem a adotar uma posição bem clara: acanhamento, pânico e fragilidade. Nossas chances de sobreviver às dificuldades enfrentadas pela humanidade são consideradas muito pequenas — mas aumentam um pouco se cultivarmos o hábito de nos mantermos atualizados com as manchetes.

2.

PARA ATIÇAR OS medos, o noticiário explora a debilidade de nosso senso de perspectiva de forma cruel.

Nas artes visuais, ter perspectiva significa poder ver coisas diferentes em suas verdadeiras relações espaciais: o que está longe parece menor; o que está perto, maior. Para os artistas, é surpreendentemente difícil aprender a representar a perspectiva em uma tela — o que parece indicar que talvez a manobra seja igualmente desafiadora em outras áreas da vida.

No terreno do noticiário, ter perspectiva envolve a capacidade de comparar

um acontecimento do presente que parece traumático com as experiências da humanidade ao longo da história. Dessa forma, é possível entender quais níveis de atenção e medo são requeridos.

Ao colocarmos as notícias em perspectiva, logo percebemos que — ao contrário do que dá a entender o noticiário — quase nada é novo, poucos acontecimentos são de fato impressionantes e muito poucos são absolutamente terríveis. A revolução não trará o fim da história; apenas mudará muitas coisas de diversas maneiras, todas pequenas e complicadas. Os índices econômicos são desfavoráveis, porém já suportamos quedas semelhantes ao longo do século, e até as previsões mais pessimistas afirmam que logo retornaremos a um padrão de vida de algumas décadas atrás, quando viver ainda era possível. Uma terrível gripe aviária pode atrapalhar a circulação internacional e tornar temporariamente inúteis os remédios conhecidos, contudo os laboratórios de pesquisa farmacêutica acabarão por entendê-la e contê-la. A inundação parece dramática, mas, no fim, afetará apenas parte da população e logo cederá. O câncer e o ataque cardíaco têm muitas causas que talvez nunca entendamos por completo, no entanto ninguém estava se programando para a vida eterna. Roma caiu, porém, seis séculos depois, quase tudo já tinha voltado ao normal.

VILA EVACUADA EM UMA DAS ÁREAS ATINGIDAS
POR FORTE INUNDAÇÃO NA GRÃ-BRETANHA



6. Wallington, em Hampshire, foi uma das muitas áreas inundadas na Grã-Bretanha, deixando motoristas ilhados nas estradas, submergindo carros e até arrastando um *trailer*. ¶

Daily Telegraph

Em última análise, nossa capacidade de manter a calma depende bastante do nível de expectativa. Se partirmos do princípio de que as notícias quase sempre se revelam um tanto decepcionantes (mas não tem nenhum problema), de que a mudança ocorre lentamente (no entanto, a vida é longa), de que a maioria das pessoas não é muito boa nem muito má (e isso inclui a nós mesmos), de que a humanidade vem enfrentando crise após crise (contudo consegue seguir se arrastando); se conseguirmos manter vivos na mente todos esses pensamentos óbvios, ainda que bastante fugidios, será mais difícil nos deixarmos seduzir pelo

pânico.

Mas não devemos nos surpreender se esse tipo de estoicismo não é de interesse para o noticiário, pois ele tem fortes motivações comerciais para exagerar nossa vulnerabilidade. Naturalmente, ele precisa que seu público se sinta agitado, assustado e incomodado boa parte do tempo. Acontece que temos uma responsabilidade ainda maior de tentar mostrar resistência.

3.

QUANDO NÃO ESTÁ tentando nos assustar, o noticiário muitas vezes está empenhado em nos enfurecer. A possibilidade de postar comentários no fim das notícias on-line revelou um nível de indignação até há pouco inimaginável na população. A julgar por esses comentários, parece que a maioria de nós passa a maior parte do tempo em um enorme estado de fúria.

> **DIFÍCIL ACORDO ORÇAMENTÁRIO PARA A UNIÃO EUROPEIA**
>
> COMENTÁRIOS
>
> Cidadão Preocupado 2 HORAS ATRÁS
> Meu Deus! Quando é que vamos nos livrar desse peso??????????
>
> Tentilhão 2 HORAS ATRÁS
> Estamos em crise, mas o problema é que os políticos não conseguem resolvê-la. Por quê? Porque o conceito fundamental sobre o qual se fundou a União Europeia é equivocado. Ela nunca conseguirá funcionar desse jeito. Precisamos de um sistema de dois níveis. Por que não resolveram esse problema primeiro, para então tentar conseguir um orçamento realista?!
>
> Muishkin 4 MINUTOS ATRÁS
> Este comentário foi removido pelo moderador por conter linguagem imprópria. ¶
>
> **BBC**

Por trás da raiva, percebe-se a tocante convicção de que os problemas do mundo podem ser resolvidos, apenas não estão sendo enfrentados com a rapidez e a determinação necessárias por uma simples razão, que é comprovada a cada dia que passa: *somos governados por vigaristas e idiotas*. As percepções relevantes estão aí, só que nas mãos erradas. Eis um paradoxo central do noticiário: ele nos dá ferramentas para desenvolver pontos de vista a respeito de decisões sérias e importantes com impacto direto em nossa vida, nos convida à mesa de conferências e ao parlamento e nos apresenta àqueles que tomam decisões. Em seguida, no entanto, mostra-nos adiamentos inexplicáveis,

compromissos estranhos e escapatórias irritantes. É mais ou menos como se fôssemos convidados todos os dias a assistir através de uma vidraça a um amigo querido se afogando, sem nunca poder fazer nada.

O tempo todo, o noticiário nos seduz com a promessa de mudanças e melhorias drásticas. Unge certos políticos como visionários e manifesta confiança de que, em suma, eles podem transformar a nação poucos meses depois de assumir o cargo. Aguarda, ansioso, a chegada do novo presidente do Banco Central, capaz de liberar as energias adormecidas do capitalismo. Leva-nos a conferências e nos induz a acreditar que os delegados serão capazes, em três dias de negociatas, de resolver algumas das mais graves questões do planeta, entre elas a economia, a pobreza da África e o aquecimento da atmosfera.

Até que tudo desmorona. O político se revela um tolo e é considerado superficial e complacente; o presidente do Banco Central invoca o comportamento do mercado de títulos para justificar cautela ainda maior; as conferências atolam em disputas mesquinhas, e descobre-se até que um ou dois delegados tentaram mascarar a conta do hotel.

Se nos sentimos tentados a deixar comentários com linguagem impublicável ao fim das matérias on-line, talvez seja porque o noticiário reluta em nos fornecer descrições multifacetadas dos problemas que rodeiam as questões em pauta. Em geral, as soluções mais lógicas parecem ser ignoradas *por pura estupidez*. Indagamos, impacientes e por fim furiosos: “Por que eles simplesmente não...?” Sem precisar avançar muito na direção do fatalismo e da obediência confiante, essa pergunta cheia de razão deve nos deixar com o pé atrás. Deve servir de dica para diversas respostas sérias, em vez de permanecer apenas como uma pergunta retórica. O que o noticiário quase nunca se dá o trabalho de mencionar é o *motivo* pelo qual as coisas pouco mudam, o *motivo* pelo qual poder e recursos não são capazes de resolver nossas dificuldades de um só golpe. Ele não nos induz, nem com o mínimo de sutileza, a entender os verdadeiros motivos que levam os políticos a considerar uma decisão “difícil”. Pelo contrário, nos deixa presumir, com fúria crescente, que cada problema do momento só pode resultar de preguiça, estupidez ou má-fé absolutas e poderia ser resolvido com poucas medidas relativamente decisivas e simples tomadas por uma pessoa inteligente e engenhosa (talvez o próprio jornalista).

Grande parte de nossa indignação seria aplacada se nos conscientizassem do grande número de complicações ligeiramente encobertas para as quais nenhuma das partes envolvidas tentou chamar atenção; se nos lembrassem de que uma suposta solução pode desencadear uma onda de problemas secundários; se nos levassem a perceber as pressões ao redor da mesa, as alternativas terrivelmente difíceis que estão em pauta e (pelo menos em certos casos) a fundamental boa

vontade de muitos dos participantes. Tudo seria diferente se nos instruíssem sobre os motivos pelos quais as decisões difíceis *são* difíceis.

4.

EMBORA A RAIVA pareça uma reação pessimista diante de determinada situação, não deixa de ser, no fundo, um sintoma de esperança: a esperança de que o mundo pode ser melhor. O sujeito que começa a berrar toda vez que perde as chaves de casa revela uma bela e imprudente confiança em um universo no qual as chaves nunca se extraviam. A mulher que se enfurece quando um político ignora uma promessa de campanha deixa transparecer a crença utópica e infundada de que não há enganação nas eleições.

O noticiário não tem que eliminar as reações enfurecidas, mas deveria nos ajudar a ficar furiosos pelos motivos certos, na dose certa e pelo tempo certo — tudo isso como parte de um projeto construtivo.

E, sempre que isso não for possível, o noticiário deveria nos ajudar a prantear a natureza perversa do homem e a nos conformar com o fato de podermos imaginar a perfeição, mas, por uma série de motivos tolos e inevitáveis, nunca alcançá-la.

Hoje em dia, o noticiário apresenta certa resistência a nos dar a resposta mais tranquilizadora que se pode oferecer para alguns problemas: a comprovação de que eles são normais e dizem respeito a uma espécie intrinsecamente (e não excepcionalmente) imperfeita. Em penhor da agitação e das vantagens comerciais da raiva, o noticiário ignora o projeto da consolação.

O fato mais significativo da vida política, algo que quase nenhuma organização jornalística se arriscará a reconhecer, uma vez que de um só golpe eliminaria metade de suas especulações e decepções, é que, em certas áreas fundamentais da política, *pessoa nenhuma nem partido algum é capaz de realizar qualquer coisa em tão pouco tempo.* Seria impossível para *qualquer um* — e não apenas para aquele imbecil ou aquele outro bando de cretinos — alterar as coisas em um ritmo que atendesse às expectativas do ciclo de notícias. E, no caso de certos problemas, as únicas chamadas “soluções” terão de esperar cem anos ou mais de mudanças progressivas, não um líder messiânico, uma conferência internacional ou uma guerra-relâmpago.

5.

EM SEU OTIMISMO frustrado, o noticiário é o filho desiludido do Iluminismo. Ao se recusar a se alinhar com a natureza humana, ele faz nossas esperanças encalharem sempre nos mesmos bancos de areia. O noticiário saúda cada novo dia com uma falsa inocência angelical, para, logo em seguida, passar a noite insuflando indignação e desilusão quanto à condição atual. Postula a existência de um mundo perfeito que sempre estamos prestes a alcançar, mas que, curiosamente, escapole a cada passo do processo político. Não nos faz o favor de reconhecer que, sob muitos aspectos, somos uma espécie fundamentalmente — e não incidentalmente — incorrigível, e que, em momentos decisivos, seria indicado trocar a contrariedade histérica por uma profunda e tranquila melancolia.

OS VILÕES E A VILANIA DO MUNDO

Eric Illsley, membro do Parlamento, pode ser preso após confessar ter declarado uma despesa falsa de mais de 14 mil libras. As supostas despesas seriam referentes a impostos locais, uso de telefone, taxas de serviços e manutenção, além de gastos com seguro e consertos em sua residência secundária, na estrada Renfrew, Kennington, sul de Londres. ¶

Daily Telegraph

1.

ALGUNS DOS MAIORES triunfos do jornalismo estão ligados ao ato de desmascarar figuras de poder, o que, em boa parte dos casos, resulta na queda ou no encarceramento da pessoa em questão.

A ideia de que uma renúncia ou uma sentença de prisão podem ser ocasionadas apenas por palavras e imagens fascina os jornalistas, e ainda hoje muitos deles consideram a investigação do escândalo Watergate a principal inspiração e referência em seu trabalho.

Quando perguntados sobre sua maior contribuição para a sociedade, os jornalistas tendem a enfatizar uma função em especial. Dizem que é seu dever “obrigar o poder a prestar contas”.

2.

OS JORNALISTAS CONSIDERAM que os poderosos devem ser obrigados a prestar contas porque têm a forte tendência de desrespeitar as leis e se considerar imunes à justiça: roubam dinheiro, sonegam impostos, subornam para contornar a legislação, desrespeitam normas ambientais e empregatícias, intimidam e abusam sexualmente dos mais fracos.

De acordo com essa tese, o jornalismo é um ramo da força policial, além de colaborador do fisco e de vários grupos de consumidores. Ele denuncia e ajuda a

punir casos de desrespeito e infração da lei que, de outra maneira, passariam despercebidos, protegendo os interesses dos cidadãos comuns e sem voz.

3.

O MOMENTO DE clímax em que um poderoso é detido em casa depois de uma investigação dos veículos de comunicação pode ser um espetáculo fascinante. Agindo em colaboração com os veículos, a polícia chega mais cedo. Há fotos do malfeitor de pijama, surpreendido no ato de comer torradas ou cereal. Às vezes, pode-se ver um cônjuge ou um filho chorando ao fundo.

A oportunidade de testemunhar indiretamente um incidente dessa natureza pode proporcionar alívio para uma série de emoções, entre elas sentimentos de injustiça e humilhação, além da impressão básica de que, de agora em diante, o mundo nunca mais cairá nas mãos de incompetentes e vigaristas.

Ao nos mostrar o criminoso sendo levado no banco traseiro de uma viatura da polícia, o noticiário nos dá a esperança de que a fonte importante de uma infinidade dos nossos males e dos males da sociedade foi identificada e devidamente neutralizada.



7. Um mundo mais seguro: o político britânico Eric Illsley é preso por um ano após investigação de um jornal a respeito de gastos indevidos. É o paradigma de Watergate em ação.

4.

EMBORA SEJA FREQUENTE muitos poderosos serem justificadamente levados a

prestar contas pelo noticiário, grande parte das maiores dificuldades dos países desenvolvidos não decorre de forma tão direta dos atos dos vilões. Uma avaliação honesta dos maiores desafios desses países revela dilemas e apuros que incluem casos de fraude criminal ou contratual no topo, mas não se limitam a eles.

Por exemplo, muitas vezes é difícil encontrar um bairro razoavelmente atraente e de preços viáveis para morar, mas isso não parece ser "culpa" de ninguém que mereça ser mandado para a prisão. São muitos os empregos que pagam pouco, carecem de interesse e status e são supervisionados por gerentes e patrões desagradáveis, mas seria difícil descobrir como enquadrar problemas dessa natureza na linguagem de um escândalo de noticiário. Muitos produtos comerciais parecem desnecessários e extravagantes, representando um desperdício de recursos e sendo anunciados de maneira insultuosa — mas também nesse caso é difícil identificar e acusar culpados.

Talvez a detenção de uma figura desonesta proporcione um período de profunda satisfação, mas a esperança que ela inspira pode ser enganosa. Ainda que todos os derradeiros plutocratas e ministros corruptos fossem trancafiados, os países continuariam com uma quantidade respeitável de problemas a enfrentar. Se continuarmos apenas a buscar vilões do tipo que um jornalismo de estilo Watergate sabe identificar, estaremos fadados a perder de vista muitas questões relevantes. Deixaremos de encarar os muitos tipos de delitos mais sistêmicos e impessoais, mas não menos perniciosos, que estão para o desrespeito às leis assim como a agressão passiva está para a violência doméstica. São comportamentos e valores contrários à vida e desalentadores, mas não deixam marcas externas e conseguem vazar pelas malhas da lei.

Da forma como é estruturado hoje em dia, o noticiário não "vê" o empreiteiro que condena milhares de pessoas a viver em um ambiente humilhante, mas que não desrespeita lei alguma nem rouba de ninguém. O repórter mais dedicado à investigação de fraudes não será capaz de apontar o dedo para alguém responsável perante a lei pelas mensagens comerciais que sutilmente corroem a dignidade e a inteligência da vida pública, nem de encontrar quem possa ser detido por comprometer a educação e o respeito entre os sexos.

Em sua melhor versão, o jornalismo investigativo devia ter como ponto de partida um interesse abrangente por todo o espectro de fatores que comprometem a existência de um grupo e dos indivíduos que o compõem. Entre outras coisas, investigaria a saúde mental, a arquitetura, o tempo de ócio, as estruturas familiares, os relacionamentos, os estilos de gestão dos negócios, o sistema educacional e o de status. Todas essas áreas têm tanto impacto em nossas vidas quanto as decisões da legislatura.

O noticiário pode nos induzir a pensar que as raízes dos problemas de um país se originam fundamentalmente na criminalidade do topo. No entanto, embora fique claro que é necessário acabar com as frutas podres, não é menos vital a tarefa de voltar a atenção para as falhas institucionais menos vistosas, mas muito maiores, que se escondem por trás dos nossos arranjos políticos e sociais.

5.

ENTRETANTO, A PURA e simples dificuldade intelectual de identificar os males da sociedade — somada ao anseio quase artístico de encontrar indivíduos a cujos nomes possamos convenientemente associar os tropeços da vida — pode dar origem à bem conhecida alternativa escapista à verdadeira investigação: o jornalismo de gafe.

Uma gafe jornalística é algo que um poderoso diz ou faz sem querer, em um lapso momentâneo, que (como todo mundo sabe) de modo algum reflete sua visão das coisas. No entanto, o noticiário se agarra a esse lapso com unhas e dentes, insistindo que a gafe deve ser um indicador de uma verdade profunda e vergonhosa.

Por trás do jornalismo de gafe está a indignação impotente dos jornalistas que sabem que muitas coisas estão erradas no país, mas que não têm acesso ao poder e muito menos paciência para lidar com a burocracia que lhes permitiria identificar os verdadeiros problemas com alguma precisão.

A gafe não é denunciada porque alguém acredita sinceramente que sua exposição acabará levando a melhores políticas ou a um governo aperfeiçoado. Ela representa apenas uma oportunidade de vingança para um conjunto de indivíduos acossados que não conseguem mais ter ideias de como promover as mudanças.

6.

O QUE O noticiário deve fazer com os vilões? Hoje em dia, ele se empenha em entregar os piores deles à polícia. Ainda assim, a maioria dos casos é tratada com o instrumento mais característico do jornalismo: a humilhação. O noticiário evidencia níveis constantes de entusiasmo por histórias sarcásticas, entrevistas improvisadas na porta de alguém, fotografias tiradas em segredo e correspondência vazada. Pessoas que cometeram erros precisam ser *transformadas* em notícia para então enfrentar a repulsa e a indignação da

maioria moralizante. A ideia implícita é de que a sociedade será reformada pela ruína das reputações e pela abjeção pública.

Entretanto, será que a vergonha é mesmo a ferramenta mais útil para a reforma da humanidade? As pessoas melhoram quando são diminuídas? O medo educa?

É impressionante que tantas histórias sobre os desmandos dos vilões pareçam não suscitar o menor interesse para o único objetivo que deveria de fato estar por trás das informações sobre delitos e tramoias: *o desejo de contribuir para o progresso da nação*. Essas histórias cercam a presa decaída sem qualquer interesse para a evolução da vida pública. Seus autores não estão empenhados em melhorar a contabilidade, os casamentos, as universidades, a imigração ou o sistema fiscal. Estão apenas nos convidando para um tipo especial de diversão.

7.

O JORNALISMO TEM se revelado modesto e mesquinho demais ao definir seu objetivo apenas como a fiscalização de certos tipos de poder. Essa é uma definição prejudicial, uma vez que se mostra tão acanhada na própria concepção de jornalismo e do seu papel na sociedade. Ele não é apenas um ramo *de facto* da polícia ou do sistema fiscal. Na verdade, é, ou deveria ser, um governo no exílio que examina todas as questões da vida nacional com o objetivo de sugerir maneiras de construir um país melhor.

O único objetivo honesto do empenho de revelar o erro é fazer com que seja menos disseminado. Diante da corrupção, da estupidez e da mediocridade, em vez de permanecer no nível da exultante denúncia dos erros no presente, o noticiário deveria sempre tentar propiciar mais competência no futuro. Por mais satisfatório e importante que seja derrubar os poderosos, a investigação jornalística deveria partir de um objetivo um pouco diferente e nem sempre conflitante: o desejo de tentar melhorar as coisas.

IDEIAS FEITAS

A marcha implacável da impressão 3-D continua (...) [O processo] utiliza “tintas” extravagantes extraídas de nanotubos de carbono e prata (...) Por causa de seu componente de poliéster, que derrete quando aquecido, o *carbomorph* é uma das matérias-primas indicadas para o processo. E também é útil, pois entre suas propriedades elétricas está a piezorresistividade. ¶

The Economist

1.

A PROMESSA MAIS nobre do noticiário é a de que será capaz de aliviar a ignorância, superar o preconceito e elevar a inteligência dos indivíduos e das nações.

2.

MAS, EM CERTOS meios, vez por outra ele é acusado da capacidade oposta: nos tornar idiotas completos. Uma das versões mais intransigentes dessa acusação foi a de Gustave Flaubert, em meados do século XIX. Flaubert era de uma geração que assistiu ao crescimento dos jornais de circulação em massa. No entanto, em sua infância as notícias eram espalhadas aleatoriamente entre a população, por boatos ou boletins de péssima qualidade de impressão em folha única. Quando Flaubert já estava na casa dos trinta, a invenção da prensa a vapor, o desenvolvimento das ferrovias e o abrandamento das leis de censura tinham permitido a proliferação de jornais respeitáveis e bem capitalizados, que, a essa altura, somavam milhões de leitores em toda a França.

Flaubert ficava abismado com o que, em sua avaliação, esses jornais faziam com a inteligência e a curiosidade de seus compatriotas. Achava que os periódicos estavam disseminando um novo tipo de estupidez — a que chamava de "*la bêtise*" — em cada recanto da França, uma imbecilidade muito pior que a

mera ignorância que vinha substituir, pois era alimentada pelo conhecimento, em vez de ocupar seu lugar com passividade. O efeito da prensa era tão contagioso, aos olhos de Flaubert, que apenas os franceses completamente analfabetos e sem educação tinham chance de conseguir pensar do modo correto: “Os camponeses são menos imbecis que três quartos da classe média da França, sempre agitada por algo que leu nos jornais e girando como cata-ventos em função do que diz este ou aquele periódico.”

O farmacêutico Homais, personagem mais detestável de *Madame Bovary*, é apresentado logo no início do romance como ávido consumidor de notícias, que todos os dias separa uma hora para estudar “*le journal*” (Flaubert sempre mantém a palavra em itálico para ironizar a reverência quase religiosa com que o objeto é adorado). À noite, Homais frequenta uma taberna, *Le Lion d’Or*, onde a burguesia local se reúne para comentar os acontecimentos do momento: “Depois, discutiam o que estava no ‘*jornal*’. A essa altura, Homais já o sabia quase de cor e fazia um relato completo, inclusive dos editoriais, o que incluía as muitas catástrofes ocorridas na França e ao redor do mundo.”

3.

FLAUBERT DETESTAVA OS jornais por estar convencido de que eles tinham a intenção maliciosa de estimular os leitores a confiar a terceiros uma tarefa de que nenhuma pessoa honesta jamais deveria consentir em abrir mão: pensar. Implicitamente, a imprensa dava a entender que a formação de opiniões complexas e inteligentes sobre questões importantes podia ser confiada com toda segurança a seus empregados, que a mente do leitor podia deixar de fora as peregrinações, dúvidas e meditações particulares, entregando-se por completo às conclusões empacotadas com muita eficiência pelos principais redatores do jornal *Le Figaro* e outros de sua laia.

Sendo assim, não é de se surpreender que um escritor tão sensível ao clichê e à mentalidade de rebanho se sentisse ultrajado com as limitações à capacidade independente de investigação representada por esse novo meio de comunicação de massa, que trazia a neutralização das excentricidades locais e das diferenças individuais em favor de um conjunto de pressuposições abrangentes e monoculturais. Tratava-se de uma força homogeneizadora prestes a passar um rolo compressor sobre as originalidades produtivas da vida interior e a transformar as ricas e idiossincráticas hortas artesanais da mente em ondulantes e insípidos campos de trigo mecanizados.

4.

NA DÉCADA DE 1870, Flaubert começou a registrar aqueles que considerava os padrões mais imbecis de pensamento promovidos pelo mundo moderno, em âmbito geral, e pelos jornais, em âmbito particular. Em uma publicação póstuma intitulada *Dicionário das ideias feitas*, essa coletânea de banalidades organizada por temas foi apresentada pelo autor como uma "*encyclopédie de la bêtise humaine*" (enciclopédia da estupidez humana). Aqui vai uma amostragem aleatória de suas entradas:

ORÇAMENTO Nunca equilibrado.

CATOLICISMO Teve uma excelente influência na arte.

CRISTIANISMO Libertou os escravos.

CRUZADAS Beneficiaram o comércio veneziano.

DIAMANTES E pensar que não passam de carvão. Se encontrássemos um deles em seu estado natural, nem nos daríamos o trabalho de pegá-lo do chão!

EXERCÍCIOS Previnem todas as doenças. Recomendados a qualquer momento.

FOTOGRAFIA Tornará a pintura obsoleta.

Cabe notar que muitos dos clichês no *Dicionário* dizem respeito a disciplinas sofisticadas como teologia, ciência e política, sem contudo levar o leitor a conclusões muito inteligentes. As "ideias feitas" consistem em fatos exóticos ou complicados associados a um teimoso acanhamento mental. Flaubert sugeria que, no passado, os idiotas não tinham a menor ideia da estrutura carbônica dos diamantes. Sua superficialidade mental era clara e certa. No entanto, a imprensa tornara perfeitamente possível que uma pessoa fosse ao mesmo tempo sem imaginação, sem criatividade, tacanha *e* muito bem informada. O idiota moderno não tinha problemas em saber o que, no passado, era conhecido apenas pelos gênios, mas ainda assim continuava idiota — uma combinação deprimente de características com que as épocas anteriores não tinham precisado se preocupar. Para Flaubert, as notícias tinham armado a estupidez e conferido autoridade aos tolos.

5.

AS ORGANIZAÇÕES JORNALÍSTICAS de nossa época dificilmente aplacariam Flaubert, ainda que apenas um pouco. Elas continuam a malhar o ferro quente das opiniões de seu público em formas completamente padronizadas:

IMPRESSÃO 3-D No futuro, tudo será impresso em 3-D. Uma perspectiva

	surpreendente e espantosa.
INTERNET	Impossibilitou a concentração. Como é difícil ler romances longos!
EQUILÍBRIO ENTRE TRABALHO E VIDA PESSOAL	Mais difícil que nunca. Daqui a pouco teremos que marcar hora para ver o cônjuge.
ASAS DE FIBRA DE CARBONO NAS AERONAVES	Incrivelmente flexíveis, mas algum dia causarão uma tragédia.
MANDARIM	A língua do futuro.

6.

COMO O NOTICIÁRIO faz para nos convencer de suas conclusões por vezes banais ou equivocadas?

Em suma, ele consegue, por diferentes meios, apresentar-se a nós como extremamente fundamentado. Para começo de conversa, não entendemos muito bem quem decide o que é notícia e quais são os critérios utilizados — portanto, os boletins têm o hábito de parecer gerados pela natureza ou por uma necessidade maior que não é do nosso conhecimento, de forma que seria muito insolente de nossa parte questioná-los. Esquecemos a dinâmica condicionada e humana por baixo da escolha do que acaba sendo apresentado como “matéria”.

Cultiva-se um segredo um tanto evasivo sobre a preparação do noticiário. Pouco sabemos, por exemplo, das três horas que o correspondente político teve de esperar em pé debaixo de chuva por trás de uma barreira, na entrada do prédio Justus Lipsius, em Bruxelas, apenas para registrar a única frase da destemperada declaração do primeiro-ministro, dizendo que nada tinha a acrescentar ao boletim de imprensa distribuído na véspera. Temos ainda menos consciência das inacreditáveis 22 horas que o correspondente no norte da África levou até encontrar um grupo de rebeldes no Mali para que pudéssemos ter uma história sobre a qual passar os olhos distraidamente enquanto comemos um sanduíche na hora do almoço. E sabemos menos ainda do descomunal esforço do fotógrafo que perdeu várias horas de sua vida esperando que uma atriz saísse de uma

cafeteria em Beverly Hills para nos dar o prazer de admirar um surpreendente modelo novo de capa de chuva.

Ninguém espera que o leitor pense nas apertadas fileiras de gigantescos computadores negros alinhados por meio quilômetro em centros de processamento de dados no Colorado ou no norte da Finlândia, alimentados a carvão e gás natural — ou sequer que tenha conhecimento deles. Trata-se de uma realidade física sombria, ignorada por nossas telas leves e luminosas.

Embora irradiem um ar de importância convencido e impessoal por baixo das manchetes, as matérias que consumimos não foram decididas por decreto sobrenatural depois de algum conclave de anjos, mas por um grupo de editores em geral bem cansados e pressionados, tentando juntar uma lista plausível de itens enquanto devoram bolinhos com café em reuniões apressadas que acontecem em escritórios apertados. As manchetes não constituem o reflexo supremo da realidade, apenas palpites iniciais sobre o que pode ser importante, todos emitidos por mortais, homens sujeitos aos mesmos preconceitos, erros e fragilidades que todos nós. São palpites pinçados em um universo de vários bilhões de possíveis eventos com que nossa espécie se defronta todos os dias.

Saber se uma guerra na África deve ter prioridade sobre o lançamento de uma coleção de sapatos; se um tigre foragido é mais importante que os números da inflação, se o estupro de uma linda estudante branca de classe média é uma notícia maior que a decapitação de um negro sem-teto, ou se o colapso das ações de empresas mineradoras é mais digno de nota que as primeiras palavras pronunciadas por uma criança depende de métodos de classificação que apontam para os preconceitos mais peculiares e clandestinos de uma sociedade.

Devíamos ao menos desconfiar um pouco da maneira como as fontes geradoras de notícias, que investem tanta energia em apregoar sua originalidade e independência de espírito, parecem tantas vezes em total acordo quanto à importante questão de saber o que aconteceu no dia.

7.

AS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS também ganham força quando divulgadas sob a égide de uma marca. Opiniões que talvez questionássemos com mais ênfase se fossem emitidas por uma pessoa sentada do outro lado da mesa podem adquirir força quase mitológica se aparecerem debaixo de certos cabeçalhos.

É um pouco menos provável (mas não menos decisivo) que o fundamento de um artigo sobre os motivos para entrar em uma guerra seja questionado quando ele é publicado debaixo do título em fonte neogótica Cheltenham do *New York*

Times, ou que a coerência de uma tese defendendo um orçamento presidencial seja investigada quando apresentada nas colunas sóbrias, mas sensuais, da fonte Fenway, do *Le Monde*.

Só as marcas nos dissuadem de exercitar o ceticismo quanto ao conteúdo que está por trás delas.

8.

APESAR DA SUPOSTA pluralidade do noticiário, as questões que acabam sendo levantadas nos diferentes veículos não ultrapassam limites terrivelmente acanhados em determinados assuntos.

No campo da educação, parece “normal” publicar matérias sobre o número de alunos em uma classe, os salários dos professores, o desempenho do país em levantamentos comparativos internacionais e o devido equilíbrio entre os papéis dos setores privado e estatal. Mesmo assim, correríamos o risco de parecer um tanto esquisitos e até desequilibrados caso perguntássemos se o currículo de fato faz sentido, se realmente dota os alunos dos recursos emocionais e psicológicos fundamentais para levar uma boa vida.

Quando se trata de moradia, o noticiário quer que a preocupação seja saber como aumentar a atividade das construtoras, facilitar a compra da primeira casa própria e equilibrar as necessidades da natureza com as dos níveis de emprego e dos negócios. No entanto, em geral, ele não encontra tempo para fazer perguntas primordiais e aparentemente excêntricas, como: “Por que nossas cidades são tão feias?”

Nos debates econômicos, nossa energia é canalizada para examinar a quantidade certa de impostos e a melhor maneira de combater a inflação. Ainda assim, os principais meios de comunicação nos dissuadem de fazer perguntas mais singulares e remotas sobre as finalidades do trabalho, a natureza da justiça e o papel adequado dos mercados.

As matérias jornalísticas tendem a apresentar as questões de maneira a reduzir nossa vontade e até mesmo nossa capacidade de imaginá-las sob ângulos muito diferentes. Pela força de intimidação, o noticiário entorpece. Sem que ninguém busque um resultado em particular, ideias mais hesitantes, porém potencialmente importantes, ficam debaixo do rolo compressor.

9.

EM PARTE, A culpa é do dinheiro. As necessidades financeiras das empresas de comunicação fazem com que elas não possam se dar ao luxo de arriscar ideias sem potencial de cair muito depressa nas graças de uma enorme quantidade de pessoas. Um artista pode viver bem vendendo seu trabalho para cinquenta clientes, enquanto que um escritor pode se virar com cinquenta mil leitores. No entanto, uma organização divulgadora de notícias não é capaz de pagar as contas sem contar com um público maior que a população de uma metrópole. Que tipos de acordo devem ser feitos? Quanto se deve eliminar de idiossincrasias e de originalidade útil para tornar o material oferecido palatável o bastante para tantos?... Sabedoria, inteligência e sutileza de opinião não se espalham com facilidade pela população, não se difundem em blocos de vinte milhões de pessoas.

10.

EM VIRTUDE DE seu tamanho e complexidade, o mundo sempre estará além da capacidade de qualquer organismo de fazer perguntas produtivas a seu respeito. As agências de notícias nunca serão capazes de oferecer mais que mapas hesitantes e, muitas vezes, profundamente equivocados de uma realidade que continuará para sempre variada e fugidia.

Visto isso, seria desejável que alarmes soassem em nosso espírito — assim como soou no de Flaubert — diante de qualquer ponto de vista que pareça ter alcançado um nível de consenso consistente demais. Devemos sempre permanecer céticos e alertas ante a tolice às vezes grosseira que pode se esconder por baixo das mais belas fontes tipográficas e das manchetes que parecem mais bem fundamentadas e dignas de crédito. Cabe a nós ficar tão alertas aos clichês midiáticos quanto Flaubert se mostrava diante dos literários. Estes arruínam romances; aqueles podem arruinar nações.

capítulo dois

Noticiário internacional

INFORMAÇÃO / IMAGINAÇÃO

A região leste da República Democrática do Congo enfrenta uma crise humanitária catastrófica, adverte uma organização de ajuda internacional no início de uma reunião de cúpula regional em Uganda. Segundo a Oxfam (Oxford Committee for Famine Relief), milhões de pessoas estão à mercê de milícias, com grande aumento de matanças, casos de estupro e saques. A organização constata que a necessidade de enfrentar os rebeldes desviou forças de segurança de outras áreas vulneráveis. A ONU afirma que o conflito expulsou cerca de 250 mil pessoas de seus domicílios. ¶

BBC

1.

AS ORGANIZAÇÕES JORNALÍSTICAS podem ser locais inesperadamente idealistas. Na entrada da sede da BBC, em Londres, é possível ler uma citação em latim na parede:

> Este Templo das Artes e das Musas é dedicado a Deus Todo-Poderoso pelos primeiros Governadores da Radiodifusão no ano de 1931 (...) Eles oram para que (...) tudo que seja hostil à paz ou à pureza seja banido desta casa e para que as pessoas, inclinando-se para ouvir tudo que seja belo, honesto e bem relatado, caminhem pela trilha da sabedoria e da integridade.

Lá dentro, o visitante pode verificar como parte desse idealismo é traduzida em atos concretos. Há seções incumbidas de cobrir os acontecimentos nos lugares mais conturbados e desafortunados do mundo. A redação que cuida da África ocupa um andar inteiro. Só a Somália merece atenção de oito profissionais da reportagem, e a República Democrática do Congo conta com uma equipe de três, que desfrutam de uma área com sofá e uma vista inspiradora de Portland Place.

O pensamento idealista no noticiário enuncia-se assim: o mal, a passividade e o racismo resultam, sobretudo, da ignorância. Ao ajudar as pessoas a tomar conhecimento do que de fato acontece em outras partes do mundo, diminuem-se as chances de preconceito, medo, engano e agressão. O noticiário pode tornar o mundo um lugar melhor.

2.

MAS ESSA LÓGICA apresenta um problema, que pode ser constatado ao examinarmos o número de consultas diárias no site de notícias da BBC:

> Duquesa de Cambridge dará à luz em julho 5,82 milhões
> Previsão de tempestade de neve para todo o Reino Unido 4,34 milhões
> Volta de Bowie entra na lista dos dez *singles* mais vendidos 2,52 milhões
> Atentado à igreja em Kogi, estado da Nigéria, deixa dezenove mortos 9.920
> Iminência de catástrofe humanitária no leste da República Democrática do Congo 4.450
> Cinco mortos em tiroteio entre clãs em KwaZulu-Natal, África do Sul 2.540
> Conflito na República Democrática do Congo: Kagame e Kabila não chegam a acordo 1.890

De certo modo, o grande objetivo do Iluminismo foi alcançado: hoje em dia, o cidadão comum tem acesso quase instantâneo a informações sobre acontecimentos em todos os países. Entretanto, também fomos forçados a constatar algo ainda mais surpreendente: *ninguém está muito interessado*.

3.

A RESPOSTA-PADRÃO DAS agências de notícias é culpar o público por sua superficialidade, por se preocupar mais (e por uma margem incrível) com uma música pop do que com um tiroteio entre clãs; com o nascimento do bebê de um membro da família real britânica do que com cerca de cem mil crianças desesperadas sofrendo de raquitismo e malária na África Central.

Mas e se esse espantoso nível de desinteresse não for só de responsabilidade do público? E se o *verdadeiro* motivo de espectadores e leitores não se importarem muito com o que está acontecendo em terras estrangeiras não residir no fato de sermos particularmente superficiais e sórdidos, nem mesmo no caráter intrinsecamente entediante dos acontecimentos descritos? E se decorrerem apenas do fato de *o noticiário não ser apresentado de maneira interessante* o suficiente? E se tivermos perdido o interesse no mundo em virtude, sobretudo, de certos pressupostos equivocados das empresas que geram os noticiários sobre a maneira como devem nos *descrever* o mundo?

4.

O PRIMEIRO DESSES pressupostos é que a principal função técnica de qualquer jornalista é a capacidade de coletar informações com precisão. Como as agências

de notícias partem do princípio de que estão combatendo a ignorância do público, a coleta de informações precisas toma a frente das prioridades educativas nas escolas de jornalismo. Os novatos aprendem a obter e transcrever citações de personas importantes dentro de cada história, apresentar fatos e números para escorar qualquer afirmação, abster-se de ornamentar a escrita — o que distrai a atenção — e procurar eliminar quaisquer vieses pessoais e culturais do ato de reportar.

Todas essas estratégias parecem perfeitamente lógicas, mas o problema é que, na verdade, a condição real do público difere um pouco da diagnosticada pelo *establishment* de divulgação das notícias. A audiência não sofre tanto de *ignorância*, mas de *indiferença*. Hoje em dia, não é muito difícil conseguir informações precisas sobre outros países; a verdadeira questão é como poderíamos sentir interesse sincero por elas. Uma coisa é informar, em uma matéria jornalística, quantas pessoas morreram em um ataque de guerrilheiros, afogaram-se em uma enchente ou perderam tudo que tinham por culpa de um presidente corrupto. Nesse tipo de cobertura, os desafios são técnicos e administrativos, e o repórter precisa de paciência, coragem e muita vontade de trabalhar. Uma tarefa completamente diferente (e muito menos contemplada) é convencer os leitores ou espectadores a *se importar* com tais acontecimentos. E o talento exigido para isso se encontra em uma área quase sempre ignorada pelas redações internacionais das empresas que geram os noticiários.

Pode-se definir a arte como a disciplina que se dedica a tentar incutir conceitos na cabeça das pessoas. Na literatura, em contraste com o jornalismo, os mais capazes jamais partirão do princípio de que o mero esqueleto de uma história seja suficiente para conquistar o público. Eles não imaginariam que um atentado, uma enchente ou um roubo pudesse, por si só e intrinsecamente, gerar um interesse que leve o leitor a ficar comovido ou indignado. Esses escritores sabem que nenhum acontecimento, por mais chocante que seja, pode garantir o envolvimento. Para isso, precisam trabalhar duro na prática de sua arte única, o que significa prestar atenção à linguagem, dar vividez aos detalhes e manter o ritmo e a estrutura sob controle estrito. Em certas situações, os mais criativos podem até optar por sacrificar a precisão rigorosa — quem sabe adaptando um fato, eliminando um detalhe, condensando uma citação ou alterando uma data —, e, em vez de pensar que estão cometendo um crime (reação habitual das organizações jornalísticas quando apanham um dos seus fazendo coisas do tipo), entenderão que falsificações podem eventualmente ser necessárias a serviço de um objetivo ainda mais elevado que a precisão: a esperança de transmitir ideias e imagens importantes a um público impaciente e distraído.

5.

UM SEGUNDO PRESSUPOSTO por trás do noticiário internacional é que, quanto mais terrível, trágico ou macabro um incidente, mais "importante" deve ser considerado e, portanto, mais bem posicionado ficará na hierarquia das matérias. Os jornalistas e seus editores tendem a considerar que a importância de qualquer acontecimento é determinada por seu grau de anomalia e raridade, que quase invariavelmente significa que seja um fato pavoroso, sanguinolento e mortífero. Dessa forma, um bombardeio que mate trinta pessoas é considerado mais importante para o noticiário que um dia tranquilo em uma aldeia pesqueira; uma epidemia de doença tropical que dilacera os pulmões das vítimas em três horas é vista como de maior interesse que uma pacata colheita agrícola; denúncias de tortura pelos serviços de segurança têm mais significado que um ritual coletivo de almoçar tabule e folhas de parreira recheadas em um campo bucólico às margens do rio Jordão.

O problema com essa filosofia é que, se não tivermos alguma noção do que é considerado normal em determinado local, podemos ter muita dificuldade para aferir ou prestar atenção em condições *a*normais. Só podemos nos preocupar de fato com distúrbios lamentáveis e violentos se tivermos informações sobre as condições habituais de tranquila normalidade de determinado lugar, o que inclui a vida cotidiana, as rotinas e as modestas expectativas de sua população.

E, no entanto, apesar do incrível aparato tecnológico dos meios de comunicação, não obstantes as sucursais, os correspondentes, os fotógrafos e os operadores de câmera, não recebemos informação alguma sobre os acontecimentos comuns na maioria dos países. Não sabemos dizer se alguém chegou a ter um dia normal na República Democrática do Congo, pois nada parecido jamais foi registrado por uma organização jornalística ocidental. Não temos a menor ideia sobre como é ir à escola ou ao cabeleireiro na Bolívia; paira o mais perfeito mistério sobre a eventual possibilidade de um bom casamento ser, quem sabe, possível na Somália; e, da mesma forma, permanecemos ignorantes quanto à organização do trabalho em escritórios no Turcomenistão e o que fazem as pessoas durante um fim de semana na Argélia. Por partir do pressuposto de que deve nos deixar devidamente chocados e interessados, o noticiário só quer saber dos chamados acontecimentos "importantes" — terremotos, estupros coletivos, a destruição indiscriminada de aldeias inteiras por assassinos viciados em drogas.

Mas, na verdade, não temos como nos importar muito com incidentes terríveis se antes não tivermos sido introduzidos a comportamentos e atitudes com os quais possamos nos identificar, se não nos familiarizarmos com momentos e detalhes banais que dizem respeito a toda a humanidade. Voltar a atenção para

eles não distrai das notícias “sérias”; pelo contrário, fornece a base sobre a qual deve repousar qualquer interesse sincero por acontecimentos espantosos e perturbadores.

Os críticos desse argumento poderiam assinalar que não precisamos ver ou ler uma matéria sobre a vida comum em nosso país para nos preocuparmos com acontecimentos irregulares verificados no interior de suas fronteiras — apenas nos preocupamos, por instinto. Mas isso seria esquecer que desenvolvemos automaticamente um sentido do que é comum com base na experiência cotidiana de morar onde moramos. Sabemos como é pegar um trem, comparecer a uma reunião, entrar nas lojas, levar as crianças para a escola, flertar, rir e ficar furioso — e é por isso que logo nos sentimos envolvidos ao saber que alguém foi sequestrado em Newcastle ou que uma bomba explodiu em Edgbaston.

A organização jornalística ideal do futuro, reconhecendo que o interesse pelo anômalo depende de um conhecimento prévio do que é normal, criaria o hábito de encomendar histórias sobre certos aspectos da natureza humana que induzem a uma identificação do público e que invariavelmente existem, mesmo nos recantos mais distantes e devastados do planeta. Depois de aprender alguma coisa sobre as festas de rua em Adis Abeba, sobre como se dá um relacionamento amoroso no Peru e sobre as relações de família na Mongólia, o público estaria preparado para se preocupar um pouquinho mais com o próximo tufão devastador ou golpe de Estado violento.

6.

EXISTE OUTRO PRESSUPOSTO no que diz respeito ao objetivo principal da cobertura internacional. Tal como se apresentam hoje, as notícias sobre o que acontece no mundo obedecem implicitamente às prioridades do Estado e do mundo dos negócios, tratando de forma quase exclusiva de eventos que afetam interesses militares, comerciais ou humanitários. O noticiário internacional está preocupado em nos dizer com quem devemos guerrear, fazer negócios ou simpatizar.

Porém, essas três áreas de interesse não são prioridades para a maioria de nós. Em um nível muito mais profundo, mais metafísico, o noticiário internacional deveria representar um meio de humanizar o Outro — ou seja, o estranho que mora do outro lado da montanha ou para além dos mares, pelo qual instintivamente nos sentimos repelidos, entediados ou assustados e com o qual nem sequer podemos imaginar ter algo em comum. O noticiário internacional deveria encontrar maneiras de nos tornar mais humanos aos olhos dos outros,

para que as barreiras aparentemente insuperáveis de geografia, cultura, raça e classe possam ser transcendidas e que desenvolvamos algum sentimento de identificação para além dos abismos que nos separam.

Muitas organizações jornalísticas bem-intencionadas investem duramente contra aqueles que se ressentem do influxo de imigrantes de outros países. Contudo, esse ponto de vista decorre do pressuposto de que a desconfiança automática em relação aos estrangeiros é antes uma marca de Satã que um resultado comum e quase natural da ignorância — pecado que as agências de notícias têm capacidade de combater de maneira mais construtiva (ao contrário de denúncias culpabilizantes de intolerância).

Para alcançar seus objetivos declarados, o noticiário internacional deveria se dispor a adotar certas técnicas da arte. Como dizia George Eliot, a arte como meio de comunicação é capaz de nos ajudar, "ampliando a experiência e estendendo nosso contato com os outros seres humanos para além dos limites da situação pessoal em que nos encontramos". Seu maior benefício, segundo Eliot, é "a extensão de nossas simpatias". Hoje, mais que nunca, precisamos que essas simpatias se estendam, em certo sentido porque a maior parte da informação que recebemos chega em forma de dados ou fatos abstratos, coisa que nosso ser mais profundo não é capaz de digerir ("Iminência de catástrofe humanitária no leste da República Democrática do Congo"). Eliot acrescentava: "Os apelos baseados em generalizações e estatísticas requerem uma simpatia *prêt-à-porter* (...); mas o tipo de imagem da vida humana que um grande artista pode nos proporcionar surpreende até os superficiais e egoístas, forçando-os a prestar atenção ao que está distante, o que pode ser considerado a matéria-prima do sentimento moral."

Esta, em resumo, deveria ser a missão do noticiário internacional: fomentar a "atenção ao que está distante" e, assim, facilitar o contato construtivo, a assistência prática e a compreensão mútua entre nós e outros povos.

Outra justificativa correlata do noticiário, de ordem psicológica, é nos ajudar a recuperar a perspectiva. Como vivemos em uma única sociedade, é fácil deixarmos de reparar, que dirá de apreciar, as vantagens de nossa civilização — a relativa sofisticação de nossas leis, hábitos sociais, tradições educacionais e redes de transporte. Não conseguimos ver o que foi tão difícil conseguir. Os outros países representam uma espécie de escala perante a qual a nação e o modo de vida que temos podem ser avaliados. Eles são capazes de nos ajudar a enxergar as esquisitices nacionais, os pontos cegos e a força que temos. As histórias a respeito desses países podem nos levar a apreciar as liberdades imperfeitas e a relativa abundância de nossa terra, que de outra maneira seriam encaradas exclusivamente como objeto de reclamações e acusações. Por outro lado, podemos descobrir que soluções melhores para problemas com que

estamos mais que familiarizados foram encontradas em outros lugares. Coisas que pareciam inevitáveis revelam-se alternativas culturais, abertas à mudança.

Deveria estar na pauta do noticiário destacar as virtudes e falhas relativas de tudo aquilo que se tornou tão presente e frequente que já nem vemos mais.

7.

OS CÉTICOS ARGUMENTARÃO que estamos sendo ingênuos e insistirão que, salvo sob circunstâncias muito específicas, não se pode esperar que nos preocupemos com o que acontece no exterior. Segundo essa tese, as reportagens sobre o que ocorre no mundo sempre nos deixarão entediados, pois no fundo estamos interessados apenas em "nós mesmos", categoria cujos limites são delineados pelos campos restritos da família, dos amigos, da segurança, do emprego e do clima. Desse modo, se, por exemplo, estivéssemos zapeando na televisão e parássemos em uma reportagem sobre os últimos acontecimentos no governo italiano (no Senato della Repubblica, no Palazzo Madama, em Roma, o novo orçamento mais uma vez provoca tumulto, velhas alianças se confrontam, e outras, mais vantajosas, se formam), inevitavelmente bocejaríamos e mudaríamos de canal.

Porém, isso não é tudo, uma vez que, na verdade, nossa curiosidade natural é muito mais persistente do que essa visão das coisas poderia dar a entender. Somos perfeitamente capazes de nos interessar e até soluçar pelo destino de indivíduos que viveram, governaram e morreram em outros países não só em nossa época, mas centenas e talvez até milhares de anos atrás — gente com nomes estranhos e ocupações ainda mais estranhas, cujos atos não tiveram quaisquer consequências diretas sobre nossa vida. Podemos ficar sentados em um teatro escuro por duas horas e quinze minutos, sem pensar no intervalo, enquanto acompanhamos de perto a história de um pretor da Roma Antiga chamado Marcus Brutus, que certa vez recebeu do amigo, Gaius Cassius, notícias preocupantes sobre planos traçados no Senado.

Como somos capazes de nos preocupar com o que acontece em *Júlio César*, de William Shakespeare? Por que nos dispomos a gastar preciosos recursos mentais com algo tão distante de nossos interesses? A resposta é que, embora a peça trate ostensivamente de maquinações políticas muito específicas ocorridas na península italiana há cerca de dois milênios, na verdade ela fala o tempo todo sobre *nós*.



8. *Noticiário político*
Acontecimentos importantes, e constrangedoramente entediantes, na República italiana.



9. *Júlio César*
Acontecimentos importantes, e incrivelmente fascinantes, na República romana.

Quando bem contadas, as histórias podem funcionar em dois níveis. Na superfície, tratam de temas *particulares* envolvendo uma série de fatos relacionados a determinados tempo e lugar, a uma cultura local e um grupo social — e esses elementos específicos tendem a nos entediar quando são alheios à nossa experiência. Mas, em uma camada abaixo dos temas particulares, escondem-se os temas *universais*. Eles são psicológicos, sociais e políticos e transcendem os contextos temporal e geográfico das histórias, escorando-se nos

elementos fundamentais invariáveis da natureza humana.

Na linguagem dos temas particulares, a peça histórica de Shakespeare é "sobre" a Roma Antiga, dramatizando acontecimentos bem confusos em torno da triunfal volta de César da guerra contra Pompeia, no momento em que Gaius Cassius conspirava para matá-lo, com apoio de Marcus Brutus. Mas, na linguagem dos temas universais, *Júlio César* contrapõe temas atemporais — por exemplo, como decidir o que devemos aos amigos e o que deveríamos dar ao nosso país, como reagir a boatos e conspirações e de que maneira distinguir apreensão de pânico. A peça examina a forma como as boas intenções podem gerar resultados desastrosos e avalia quais são os papéis desempenhados pelo erro e pela cegueira até nos atos dos homens de caráter.

Não podemos esperar, de modo algum, que as matérias jornalísticas em geral sejam escritas com talento shakespeariano; no entanto podemos insistir para que alguma atenção shakespeariana seja dada aos temas universais, sobretudo nos casos em que os temas particulares têm toda probabilidade de parecer estranhos a ponto de causar repulsa. Existem maneiras de apresentar uma história que são capazes de nos ajudar a transmitir conhecimentos apesar das defasagens culturais e circunstanciais e a encarar a infinidade de experiências vividas pelos outros seres humanos como fontes a que sempre podemos recorrer na nossa busca por inspiração, cautela, orientação e percepção.

8.

MAS NÃO PERDEMOS todo o apetite por aquilo que acontece em outros lugares. Somos criaturas que, em eras passadas, faziam fila para ouvir histórias sobre as chamadas terras estrangeiras. O problema é que os métodos de relato desenvolvidos pelos meios de comunicação modernos — que privilegiam, em detrimento quase total de qualquer outro tipo, uma cobertura factual, exata, rápida em termos tecnológicos, impessoal e centrada nas crises — levaram por equívoco a uma espécie de provincianismo globalizado. Por causa deles, sabemos muito e nos importamos pouco. Eles fazem com que um pouco de conhecimento do tipo errado sirva para apequenar, em vez de expandir, o alcance de nossa curiosidade.

Ainda assim, nosso fascínio e nossa capacidade de sentir empatia estão apenas adormecidos. Para reconquistar sua força, o noticiário internacional precisa apenas se submeter a alguns dos processos da arte.

OS DETALHES

A auditoria do governo de Uganda informou que milhões de dólares foram transferidos do gabinete do primeiro-ministro, Amama Mbabazi, para contas privadas. O chefe do governo reconheceu que o dinheiro foi roubado de seu gabinete, mas nega qualquer envolvimento. John Nagenda, assessor do presidente de Uganda, disse que o governo está decidido a fazer com que os responsáveis por supostos atos de corrupção sejam levados à justiça. Os ugandenses estão “fartos” da corrupção, acrescentou. Mbabazi nega qualquer delito, mas admite que houve “roubos em massa” em seu gabinete. ¶

BBC

1.

EM VISITA À redação da BBC especializada em Uganda, saboreando um bolo de banana generosamente oferecido por um colega da BBC Nigéria, tentei deixar transparecer, com a maior gentileza possível, minha incapacidade de desenvolver interesse pelas notícias que a equipe ali reunida coletava com tanto zelo e tentava transmitir a um mundo indiferente. Entre essas notícias estavam, naquele dia, um relato sobre o roubo descarado de 12 milhões de dólares destinados à ajuda humanitária que se encontravam no gabinete do primeiro-ministro de Uganda.

2.

DO PONTO DE vista da vida política em Uganda, tratava-se evidentemente de uma questão de grande importância, mas no site da BBC a informação teve a infelicidade de competir com uma matéria sobre um jogador de futebol casado que fora fotografado nos braços da mulher de um dos mais famosos chefs da televisão britânica, e com outra, sobre uma atriz francesa ferida em circunstâncias muito peculiares no iate de um americano que se tornara bilionário com a internet e tinha sua embarcação ancorada ao largo de Monte Carlo. Como se poderia esperar, a matéria sobre Uganda não teve grandes chances.

Os jornalistas da BBC especializados em Uganda mostraram-se mais elegantes do que se poderia esperar diante do desinteresse manifestado por mim e pela sociedade. Até que, enfim, um jovem ugandense que trabalhava lá e que passara vários anos da adolescência em um campo de refugiados no norte do país sugeriu que talvez fosse melhor eu fazer uma *visita* a Uganda e constatar por mim mesmo, na esperança de assim, quem sabe, despertar um interesse até então fugidio.

3.

E FOI O que fiz. Não porque quisesse, mas exatamente porque não queria — porém ainda assim queria entender por quê. Fui para desenvolver minhas ideias acerca dos motivos pelos quais tantos países estrangeiros não exercem qualquer apelo sobre uma parcela tão desalentadoramente grande do público nacional, bem como o papel que o noticiário desempenha na geração ou na sustentação desse cansaço e desinteresse.

Minha primeira surpresa foi o fato de precisar fazer uma viagem para chegar a Uganda. A tecnologia contribui para ocultar esse detalhe um tanto óbvio. Durante a maior parte da história da humanidade, os obstáculos oferecidos pelas viagens e pela comunicação com os países do outro lado de um oceano eram de tal alcance que as distâncias geográficas — e também, por implicação, as distâncias psicológicas e culturais — eram constante e automaticamente enfatizadas. Atravessar o oceano, ou mesmo mandar uma simples mensagem, era uma proeza tão demorada e onerosa que deixava os envolvidos de posse de uma moral que hoje tende a se perder quando, com um toque em uma tela, podemos viajar, de graça e à velocidade da luz, de Marselha a Djibuti pelo cabo submarino de internet SEA-ME-WE4, para, em seguida, passando pelo cabo submarino de fibra ótica EASSy, na África Oriental, ir de Mombasa a Kampala, onde confessamos certa sensação de tédio e impaciência. É uma moral segundo a qual as experiências da humanidade são infinitamente mais complexas e interessantes do que jamais poderíamos imaginar ao contemplar de nosso acanhado e estático ponto de observação, sendo, portanto, uma cortesia básica que devemos ao planeta e às suas muitas terras manter-nos sempre abertos, curiosos e modestos diante de seus múltiplos mistérios.

Essa moral naturalmente se agregava ao espírito de alguém quando a única maneira de chegar a Uganda era passar dois meses viajando pelo mar, contornando o perigoso cabo da Boa Esperança em direção a Dar es Salaam e, em seguida, adentrando terra firme por mais alguns meses, passando por matas e

desertos, com toda probabilidade de nunca mais voltar. Em 1859, John Hanning Speke, o primeiro europeu a pôr os pés em Uganda, o homem que deu ao lago Inyansha seu novo nome, lago Victoria, conseguiu retornar à Grã-Bretanha e fez uma conferência sobre suas viagens para uma multidão quase histérica de oitocentas pessoas na Real Sociedade Geográfica, em Kensington. Para aqueles indivíduos, não restava dúvida de que o "noticiário internacional" era algo extremamente empolgante. Speke contou-lhes que, perto do lago Manyara, na Tanzânia, fora atacado por ferozes caçadores locais e acabara com as bochechas perfuradas por uma lança. Dias depois, um besouro tinha entrado em seu ouvido, começara a roer seu tímpano e tivera de ser extraído com uma faca. O momento em que ele finalmente concluíra a escalada das luxuriantes colinas tropicais, em que hoje repousa a cidade de Kampala, foi descrito de maneira pitoresca no livro de viagem, um best-seller, que ele publicou em 1863, *The Discovery of the Source of the Nile* [A descoberta da fonte do Nilo]:

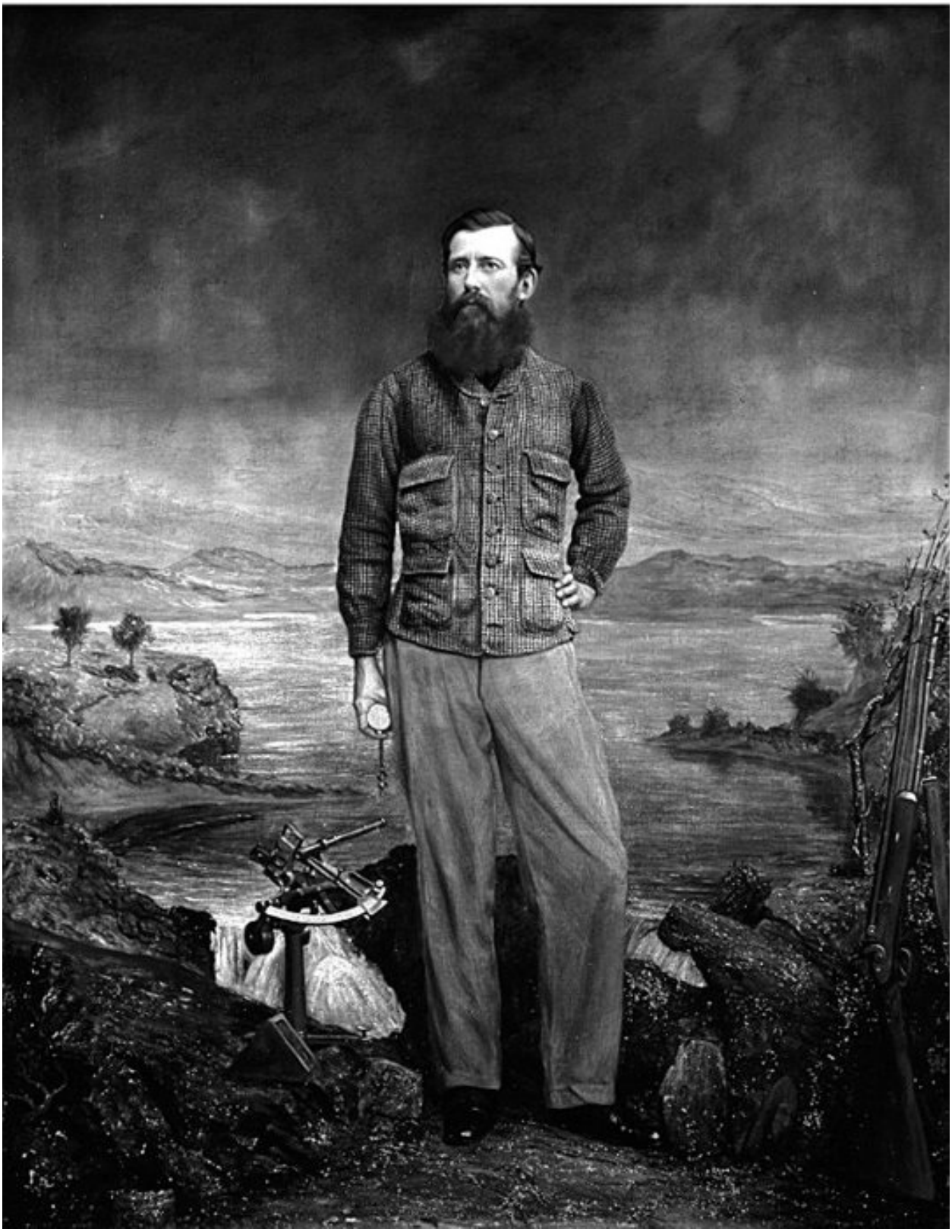
> Atravessamos a parte baixa de uma colina e nos deparamos, até onde a vista alcançava, com uma paisagem rica e verdejante. Fiquei imensamente impressionado com a ordem e o bom arranjo do lugar, assim como sua enorme beleza e riqueza. Nenhuma região de Bengala ou Zanzibar podia superá-la a esse respeito; e meus homens, de uma só voz, exclamaram: "Ah, que povo extraordinário!" (...) Eu me senti inclinado a ficar ali mais um mês, tudo era muito agradável (...) Toda aquela terra era uma imagem de beleza tranquila, com o infinito [lago Victoria] ao fundo (...) À noite, uma hiena entrou na minha cabana e levou uma de minhas cabras, que estava amarrada a um tronco entre dois de meus homens que dormiam (...)

Não havia grande risco de o público inicial desse tipo de material ser distraído por algum equivalente do século XIX de um episódio sobre um jogador de futebol mulherengo.

Mesmo hoje, a viagem para Uganda não poderia ser considerada fácil: o voo de oito horas em um Boeing 767, percorrendo cerca de 6.500 quilômetros entre Londres e Entebbe, é um bom lembrete das enormes dimensões do planeta. Passadas seis horas, começamos a voar sobre o interminável deserto ocre perto de Ounianga Kébir, no Chade. A Europa já ficou bem longe. Uma hora depois, em um tédio interminável, passamos de novo a folhear páginas da revista de bordo, enquanto o avião entra no espaço aéreo do Sudão. No mapa da companhia aérea, os nomes são fortes e estranhamente poéticos — Emi Koussi, Am Djeress, Umm Buru, Muhajiriya —, tantos lugares desconhecidos e imprevistos, abrigando gente cujos pressupostos e estilos de vida pareceriam muito desafiadores se o avião escolhesse cair neste ponto. Então, chega um lanche preparado no fim da noite anterior, em Hounslow (pode-se escolher entre um sanduíche de queijo ou de ovo com agrião), a ser comido nos minutos de voo entre as cidades de Khogali e Tambura, no Sudão do Sul, percurso que a pé

levaria cinco dias. No fim das contas, passando sobre a República Democrática do Congo, os avisos de apertar os cintos de segurança se acendem, ouvimos os agradecimentos do comandante, um lembrete sobre imigração e malária, e começamos a sobrevoar Hoima e Luwero para chegar a Entebbe, tendo como pano de fundo o lago Victoria mergulhado em uma escuridão pontuada pelas lâmpadas tremeluzentes de centenas de minúsculos barcos de pesca.

Hoje em dia, desconfiamos de qualquer coisa "exótica". Essa maneira de elogiar o que é estrangeiro parece perigosamente provinciana, condescendente e, possivelmente, racista. O noticiário internacional tratou de se distanciar da literatura de viagem e de toda a parafernália correspondente que remetia ao exótico. Tomando o cuidado de não supervalorizar nem denegrir outras culturas, optou pela solução intermediária de um tom sempre neutro, sem nunca manifestar espanto com os modos e práticas dos longínquos recantos do mundo sobre os quais informa. Nunca parece perplexo por se encontrar onde está; apenas aceita, sem qualquer comentário explícito, o fato de estar enviando uma matéria de um lugar onde as noivas oferecem uma cabra aos noivos no dia do casamento, onde se pode servir *luwombo* com pasta de *sim-sim* no jantar e a temperatura à sombra ao meio-dia talvez chegue a 30ºC, fatos que aparentemente não são considerados interessantes quando o noticiário tenta focalizar o provável envolvimento do primeiro-ministro em um incidente de má administração financeira.



10. O noticiário faz questão de nunca se parecer nem um pouco com este homem. John Hanning Speke (1827-64).

Ao descer em Uganda, contudo, não podemos deixar de ficar impressionados com o que ainda merece ser considerado exótico: os coloridos anúncios do óleo vegetal Golden Fry, da empresa Bidco, pintados à mão nas paredes das casas, os nomes das pessoas locais (Patience, Ignatius e Kenneth), o cheiro de carne assada e de fumaça de fogueira, os marabus e turacos que rodopiam no céu azul da manhã e se aboletam no alto dos postes de telecomunicações e as figueiras que crescem no meio de ilhas de trânsito. Além disso, aonde quer que se vá, em todo momento de espera (coisa frequente por lá) há a constante repetição do velho provérbio ugandense "*Mpola mpola, otuuka waala*" (algo como "devagar se vai ao longe").

4.

NA LITERATURA DE viagem, entramos em outros países com a ajuda de narradores com os quais podemos nos identificar e que reagem a esses lugares com alguns dos pressupostos e medos que nós mesmos nutrimos. Eles também podem sentir saudades de casa e se assustar com febres e insetos. Podem reconhecer que sentem fraqueza, entusiasmo e desespero. Podem hesitar um pouco em sua habitual falta de passividade jornalística ao ver, na principal estrada que leva a Kampala, um grande e nada convincente outdoor com a promessa de que "Juntos podemos matar a doença de Marburg" (febre hemorrágica virótica altamente contagiosa que mata mais de 80% das vítimas em dois dias e é endêmica em vastas regiões de Uganda).

Hoje, entretanto, qualquer tipo de narrador pessoal seria considerado uma intrusão na objetividade de um relato jornalístico. Assim, o noticiário internacional evita falar com uma voz ou personalidade. Contudo, se sobrevém algum dano a quem contemple outro país pelas lentes distorcidas de um correspondente que manifeste suas mais francas reações, não é nada em comparação com o sufocante tédio causado pelos repórteres declaradamente neutros e precisos. Estes, sob a alegação de nem sequer terem alguma reação ante o que é estrangeiro, solapam o desejo que sentimos de enriquecer nosso conhecimento de mundo.

5.

NA PRESSA DE nos informar sobre os chamados “acontecimentos relevantes”, o noticiário esquece que nosso envolvimento com determinado país depende de fazermos contato com aqueles elementos visuais ou sensoriais menores que, por si sós, podem despertar um interesse mais profundo por um povo e um lugar. Para de fato sentirmos interesse real pelo noticiário sobre Uganda, precisamos primeiro saber alguma coisa sobre as mangueiras de Kampala, cuja doce fragrância flutua pelas avenidas apinhadas de gente depois das tempestades tropicais, que caem quase de hora em hora. Também ajuda dar uma olhada em um típico escritório de Kampala, ver como funcionam as escolas do país, aprender sobre os rituais de relacionamento e folhear o jornal local, *New Vision*, para saber das notícias sobre os crimes mais recentes:

> O ex-presidente do Sindicato dos Médicos, dr. Apollo Nyangasi, foi condenado à prisão perpétua pelo assassinato de sua mulher, Christine, depois de desentendimentos sobre os bens comuns. Ao pronunciar a sentença, na quarta-feira, a juíza Jane Kiggundu, da Suprema Corte, disse que os atos do ex-presidente não eram civilizados. Nyangasi cometeu o crime em 24 de julho de 2010, no domicílio conjugal em Kireka Kira, distrito de Wakiso. Eles estavam casados havia dezessete anos, com dois filhos. A promotoria pediu pena de morte para Nyangasi, alegando que o assassinato foi cometido de maneira brutal. ¶

Em certa medida, o tom da notícia já indica a distância que percorremos. A juíza considerou apenas “não civilizado” que um homem matasse a esposa, e o promotor não pediu a pena de morte por considerá-la um castigo adequado por homicídio, mas porque, em vez de se livrar da mulher recorrendo a um método mais brando, Apollo matou Christine “de maneira brutal”. Os “desentendimentos” em torno dos bens comuns também soam como uma expressão desconcertantemente sóbria (“Tínhamos desentendimentos, e eu a espanquei até a morte...”). Sem pretendê-lo, a matéria transmite a ideia de um mundo estranho, no qual a violência está sempre por perto como alternativa de comportamento em reação à frustração e à inconveniência e onde a agressão física representa uma ameaça tão constante e avassaladora que os meios de comunicação, ao contrário de seus equivalentes mais sensacionalistas em países mais obedientes à lei, só podem tratá-la com os eufemismos mais nauseabundos.

6.

EU ACOMPANHO O correspondente da BBC a uma entrevista coletiva do assediado primeiro-ministro, que há várias semanas vem sendo acusado de roubo, tanto por governos de outros países quanto por seus próprios compatriotas. Em ocasiões

assim, a máquina de notícias exige uma coisa acima de tudo: uma citação com cerca de cinquenta palavras, a ser complementada por outras cinquenta palavras de um porta-voz da oposição.

Entretanto, mesmo esse cenário jornalístico pré-montado dá ao observador uma oportunidade de aprender sobre Uganda de maneira não convencional. Por exemplo, analisando a enorme fotografia — que, por incrível que pareça, ainda fica exposta em lugar de destaque — do primeiro-ministro abraçando o coronel Muammar al-Gaddafi na reunião da União Africana, em Kampala, em 2010 (o último evento dessa natureza de que o coronel participou), ou notando, ao redor da mesa de conferência, as enormes cadeiras giratórias de couro preto ao estilo da década de 1970 — o tipo de assento que um diretor de filme pornô imaginaria adequado para um importante diretor-executivo —, nas quais estão entronizados o primeiro-ministro e seus assessores.



11. Stuart Franklin, *O primeiro-ministro de Uganda*, 2012.



12. Stuart Franklin, *Saguão do Serena Hotel , Kampala*, 2004.

Também podemos aprender algo sobre Uganda com a inarredável recusa de nosso anfitrião em dar qualquer resposta de acordo com as normas do jornalismo contemporâneo. Ao ser perguntado se as alegações a seu respeito o tinham levado a pensar em renunciar, ele responde com um sorriso lento e magoado e uma declaração teatral e cheia de rodeios, em uma voz que estranhamente combina a dicção de um pregador da igreja batista do sul dos Estados Unidos

com o tom sombrio de um carrasco (e, de fato, ele foi o chefe da segurança durante muitos anos). “Meus amigos”, começa, “queridos amigos, todos aqui são meus amigos. Nós, em Uganda, estendemos ao mundo a mão da amizade. De modo que, a todos vocês aqui reunidos, chega de desconfiança e tristeza, chega de acusações. O certo é que nada de mau voltará a nos acontecer no futuro que estamos construindo para os ugandenses, todos os ugandenses, os muito pobres e aqueles que prosperaram, hoje, amanhã e em todos os dias que o Senhor nos conceder”. Com certeza, não é o tipo de declaração fácil de encaixar no próximo boletim.

Se as matérias têm normas habituais, o mesmo acontece com as fotografias usadas para ilustrá-las. As convenções exigem diretores fotografados na escrivaninha, políticos desembarcando de aviões, campeões no pódio — nada idiossincrático demais, muito menos “artístico” demais. Mas o fato é que seria proveitoso se o fotógrafo que foi a Kampala com o autor infringisse as regras e capturasse tanto o olhar de espanto do primeiro-ministro, na fração de segundo depois de ouvir a pergunta contundente de um repórter, quanto a assistente por ele instruída a registrar *nossa* presença enquanto registrávamos a *dele*, talvez como um lembrete implícito de que o primeiro-ministro tem em seu poder as chaves das câmaras de tortura que, segundo a Anistia Internacional, situam-se no porão do prédio em que nos encontrávamos.

Os bons fotógrafos condensam temas amplos em uma única imagem: ela pode falar da corrupção endêmica em um país inteiro ao simplesmente nos mostrar alguns homens aguardando sentados no saguão de um hotel de luxo, ou da extrema pobreza local ao focalizar a tuba mais que usada de um músico em um desfile comemorativo (embora talvez não fosse bem essa a palavra) do quinquagésimo aniversário da independência de Uganda.



13. Stuart Franklin,
Instrumentos de metal, Comemoração da Independência, Hoima, Uganda, 2012.

7.

EM SEU POEMA “Asphodel, That Greeny Flower” [Abrótea, aquela flor esverdeada] (1955), o poeta americano William Carlos Williams escreveu estes

versos que ficaram famosos:

> É difícil
> encontrar notícias em poemas
> ainda assim, a cada dia os homens sofrem mortes horríveis
> de um jeito horrível
> por falta
> do que lá se encontra.



14. Aluno de Pieter Bruegel, o Velho, *Paisagem com a queda de Ícaro*, c. 1565.

Essa parte de “morte horrível”, naturalmente, é um exagero. O que Williams receia é que, sem contato regular com a poesia, percamos a vitalidade, deixemos de nos entender, negligenciemos nossa capacidade de sentir empatia ou nos tornemos pessoas sem imaginação, vitalidade e fertilidade. A literatura, para Williams, tal como para George Eliot antes dele, é o meio de comunicação que pode voltar a nos despertar para o mundo. Na superfície, o noticiário pode parecer muito sério e, com isso, é natural que os mais sensatos imaginem que ele merece mais a nossa atenção do que os versos jamais merecerão. Porém, o artista reconhece seus efeitos perigosamente anestésicos.

Ainda assim, essa equação — a poesia como forma de vida, o noticiário como manifestação da morte — não é uma lei permanente. Não é a categoria do “noticiário” que está em questão, pois, em sua essência, a palavra não indica nada mais específico do que a junção dos fatos que acontecem no mundo em dado momento. O problema não está nas notícias em si, mas na versão inibidora da “vida” com que nos deparamos com tanta frequência. Entretanto, se Tolstói, Flaubert ou Sófocles estivessem na redação, o veículo poderia nos fornecer muito mais do que precisamos para impedir que nossas almas “morram”. Afinal, o que seriam *Guerra e paz*, *Madame Bovary* e *Antígona* em seu estado original, senão aquilo que William Carlos Williams criticava tão injustamente — a saber, as notícias dos acontecimentos?

8.

POR VOLTA DE dezesseis anos antes da publicação do poema de Williams, W.H. Auden levara os leitores a Bruxelas em seu poema “Musée des beaux arts” [Musa das belas-artes], colocando-os em frente à *Paisagem com a queda de Ícaro*, quadro que durante muito tempo pensou-se que era de Bruegel, mas hoje é atribuído a um de seus alunos.

Na pintura, vemos uma cena superficialmente bucólica: navios velejam, um pastor cuida do rebanho, cidades distantes parecem prósperas e ordeiras. Contudo, no canto inferior direito da tela, uma tragédia se desenrola quase despercebida (as manchetes, se existissem, tratariam de outro assunto nesse dia): o imprudente Ícaro acaba de morrer no mar, após permitir que a cera das asas por ele confeccionadas fosse derretida pelo sol. No centro da imagem, um lavrador decidido é a própria representação de um provérbio popular na região dos Flandres na época em que Bruegel viveu: “Não se para o arado pelo homem que

morre.”

Não foram muitos os que notaram a presença de Ícaro — mas o pintor, sim, e agora também o poeta. Auden pretende revelar o que os artistas *fazem*: percebem as coisas, aquelas mais insignificantes e quase imperceptíveis que os outros — lavradores e pastores, você e eu, e também jornalistas apressados — deixam de perceber e que, no entanto, são essenciais para acabar com nossa habitual indiferença e insensibilidade.



15. O detalhe

9.

PRECISAMOS DE UM tipo de noticiário internacional que se agarre com tenacidade aos detalhes, um noticiário que nos provoque interesse pelos acontecimentos ao se manter aberto a algumas lições da arte e que permita aos poetas, autores de relatos de viagens e romancistas transmitir certos aspectos de seu ofício aos jornalistas — talvez até os autorizando a, vez ou outra, dispor de uma mesa em algum recanto mais tranquilo da redação. Precisamos disso para não continuarmos ignorando solenemente a beleza e a tragédia menos evidentes do planeta.

FOTOGRAFIA



16. Um presidente Barack Obama genérico (Getty Images).

1.

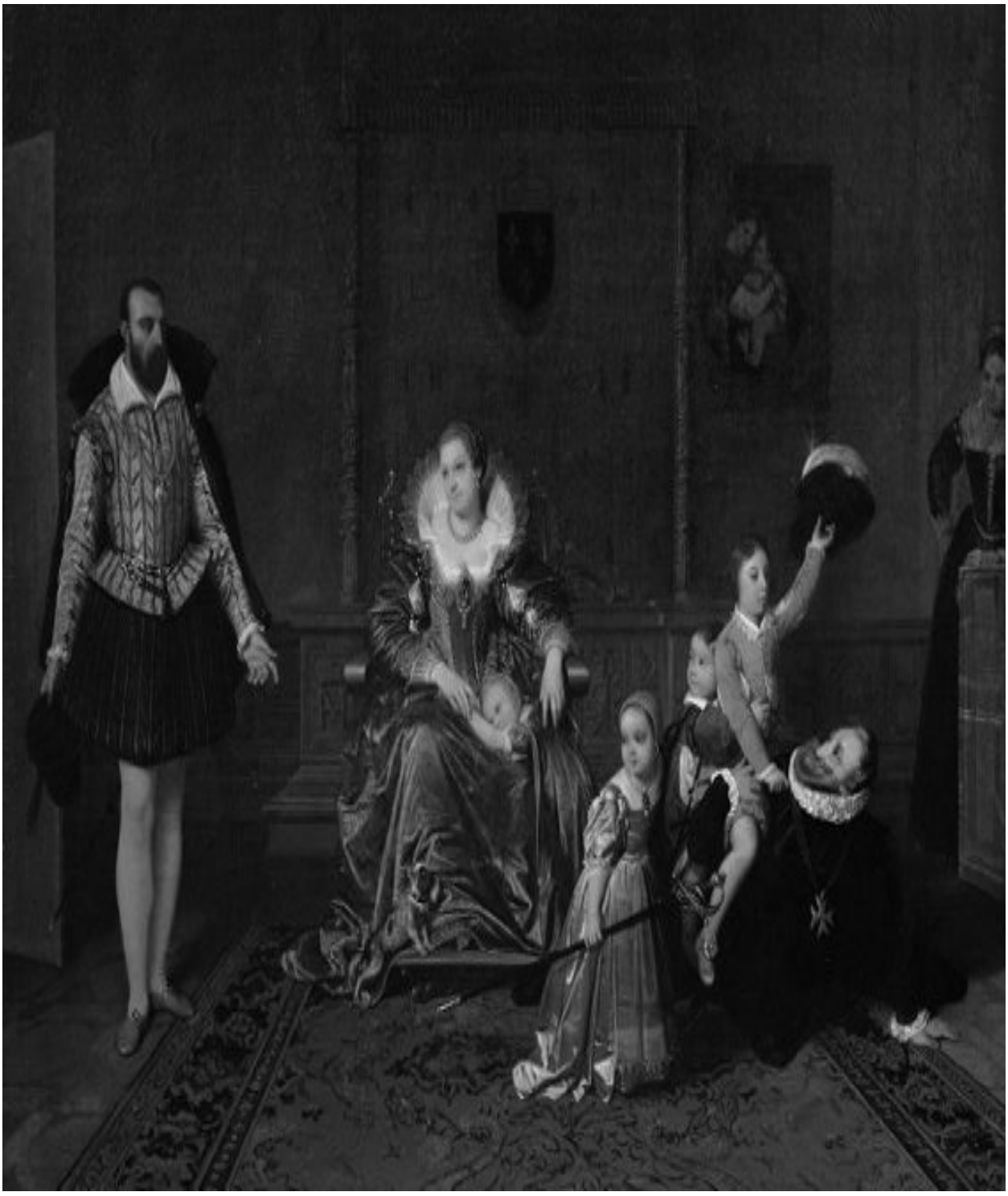
NÃO EXISTE FIGURA mais oprimida ou grotesca em uma redação do mundo moderno do que o editor de fotografia. Responsáveis pela coordenação dos aspectos visuais da produção de notícias, os homens e as mulheres que desempenham essa função quase sempre fazem (longe dos ouvidos do patrão) a mesma queixa: “Ninguém mais acredita na fotografia.”

Isso não significa que não se usem fotografias para ilustrar o noticiário, longe disso. Hoje em dia, o número de imagens encontradas na cobertura que consumimos é maior que nunca. O problema está na falta de ambição por trás de sua produção e exibição. As fotografias continuam sendo usadas, mas parece que os argumentos invocados para tirá-las, identificá-las e pagar pelas melhores foram esquecidos. Em sua grande maioria, as fotos que chegam a ser impressas são banais, insípidas, repetitivas, óbvias e despropositadas, e não é de se surpreender que sejam encaradas apenas como manchas de cor para quebrar a monotonia dos blocos de texto.

Poderíamos dividir as fotografias do noticiário em dois gêneros. O primeiro compreende as imagens de *corroboração*, que praticamente se limitam a confirmar um fato acerca de uma pessoa ou um acontecimento de que trata o artigo a que está anexada. Assim, se uma matéria nos informa que o presidente fez um discurso, aparece ao lado uma fotografia para confirmar. A ideia, aqui, é que a fotografia fornece apenas um nível a mais de comprovação da realidade dos acontecimentos que já foram descritos em linguagem verbal.



17. Anônimo, *Retrato de Henrique IV*, século XVII



18. Jean-Auguste-Dominique Ingres, *Henrique IV brincando com seus filhos*, 1817.

Da mesma forma, existe outro tipo de imagem, esse bem mais raro. É a fotografia *reveladora*, que tem o objetivo não apenas de apoiar o que o texto nos descreve em palavras, mas também de fazer nosso nível de conhecimento

avançar para um novo ponto. O que ela se propõe a fazer é desafiar os clichês.

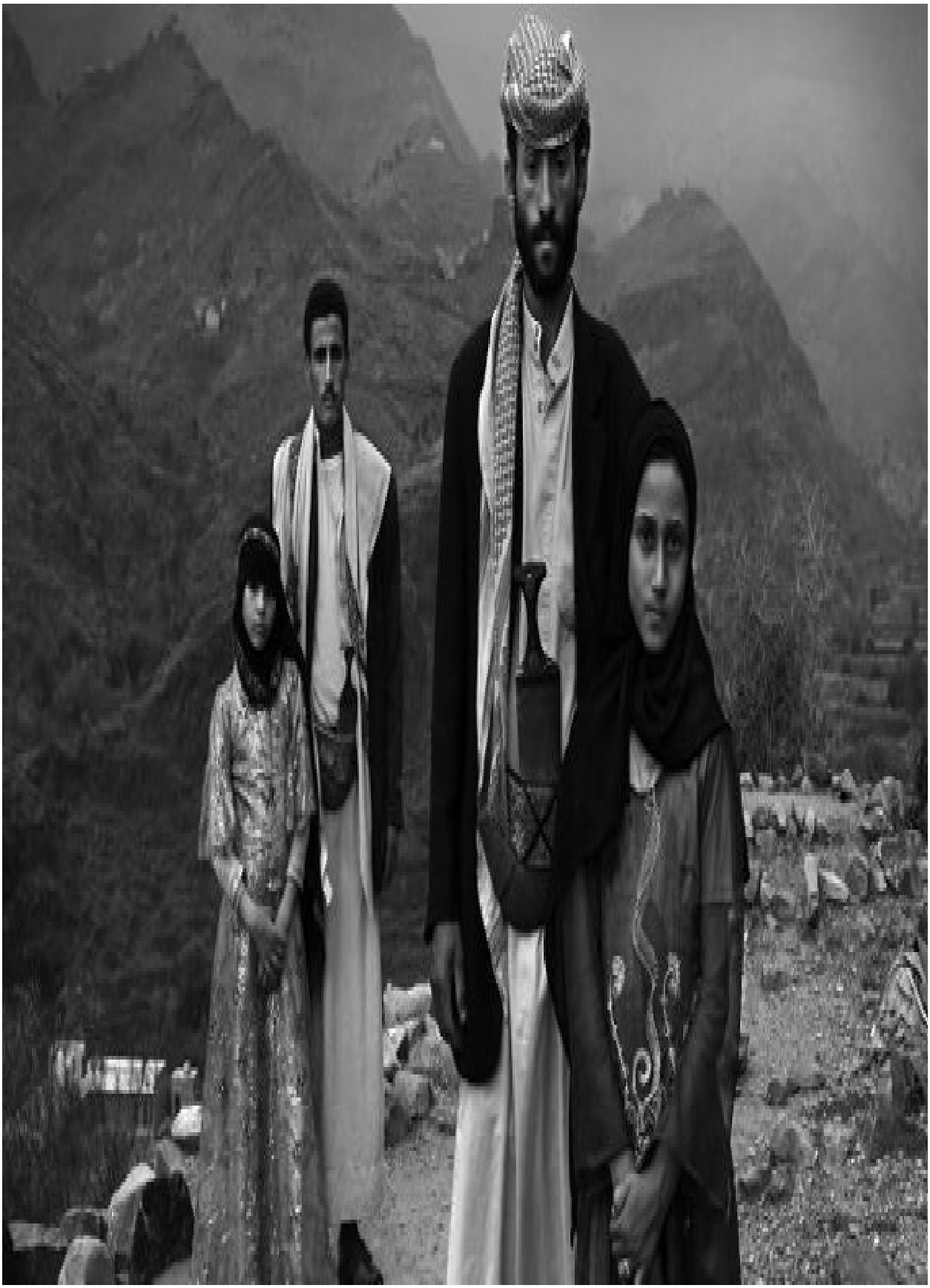
Se os editores de fotografia parecem um pouco desorientados, é porque precisam enfrentar, a cada dia, o fato de que as fotos solicitadas e compradas por sua indústria quase sempre se enquadram na primeira das categorias, a mais barata e menos útil.

2.

UMA DICOTOMIA SEMELHANTE entre imagens que corroboram e imagens que revelam pode ser encontrada nas belas-artes, em especial nos retratos e pinturas históricas. É possível comparar, por exemplo, dois quadros bem diferentes que representam Henrique IV, rei da França. No primeiro, obra de um pintor desconhecido do século XVII, o monarca aparece com ar bondoso, rígido e opaco. Podemos presumir que existe nele uma semelhança grande, porém o retrato pouco contribui para ampliar nosso conhecimento sobre o temperamento do rei. Vamos compará-la, então, com uma pintura feita por Ingres no início do século XIX, na qual Henrique aparece brincando no chão com os filhos, fingindo-se de cavalo ou quem sabe de burro. Do lado esquerdo da tela, o embaixador da Espanha acaba de chegar para reunir-se com ele, mas o rei pede mais alguns minutos para concluir a brincadeira. A imagem de Ingres não se limita a confirmar que Henrique existiu e usava barba: convida-nos a contemplar a alma do estadista.

3.

DA MESMA FORMA, toda grande imagem jornalística deveria enriquecer nossa visão da realidade, em geral deficiente e preconceituosa.



19. Stephanie Sinclair, *Tahani e Ghada, Iêmen, 2010*.

Por exemplo: eu achava que conhecia a realidade dos casamentos de crianças, mas, até ver uma fotografia tirada por Stephanie Sinclair, não tinha me dado conta de que as noivinhas envolvidas não são de fato crianças. O casamento logo as transforma em pequeninas senhoras de idade, com as expressões ao mesmo tempo resignadas, solenes e terrivelmente tristes de alguém que foi enganado. Ao lado delas, os maridos não são os brutamontes maduros que eu imaginava. Têm um ar ingênuo, inocente e confuso, parecendo mesmo ainda crianças. Quase não dá para imaginar que esses pares de cônjuges pungentes, absurdos e amaldiçoados de alguma forma sejam capazes de oferecer conforto um ao outro.



20. Manu Brabo, *Um sírio chora segurando o corpo do filho, morto pelo exército da Síria, perto do Hospital Dar El Shifa, em Alepo, Síria*, 2012.

Eu achava que sabia que a guerra de uma forma geral não é uma boa ideia e que às vezes provoca a morte de inocentes no fogo cruzado. Mas não tinha percebido quanto eu também acreditava em qualquer tentativa diplomática e quão pouco ligaria se alguns importantes interesses estratégicos fossem contrariados para evitar uma guerra — para que os pais não tivessem que prantear os filhos banhados em sangue.



21. Stuart Franklin, *Nas ruas, Kinshasa*, 2004.

Eu achava que conhecia o mundo, mas agora percebo que, apesar das muitas fotos que vi e das muitas publicações que li, quase não guardo na cabeça uma única imagem da maioria dos países do planeta. Esforço-me por acessar qualquer associação visual com o Chile ou o Peru, não tenho a menor ideia de como são o Burundi ou o Níger, não consigo imaginar como devem ser Burkina Faso ou as Ilhas Salomão. Dessa forma, fico fascinado com uma fotografia que pelo menos me mostra que em Kinshasa existem lojas de venda de eletrodomésticos, as pessoas falam francês (“*Vente des appareils electroménager*”) e os jovens, por mais problemas que enfrentem, ainda sabem o que é rir e brincar.



22. Pete Souza, *O presidente Barack Obama finge ter sido apanhado na teia do Homem-Aranha ao brincar com o filho de um funcionário da Casa Branca, no vestíbulo do Salão Oval*, 2012.

Do mesmo modo, eu achava que conhecia o presidente Obama, pois já o vi em muitas fotografias, discursando com a águia presidencial como pano de fundo. Sabia que ele era capaz de fingir certas coisas para ser eleito, mas não tinha percebido que também podia, em seus melhores momentos, fingir uma coisa ou outra para agradar a uma criança. Assim, encaro por um bom tempo uma imagem obtida pelo fotógrafo da Casa Branca, Pete Souza, e penso que Obama, como seu congênere Henrique IV quatro séculos antes, pode revelar-se mais tocante ao lidar com o poder exatamente quando se permite brincar com uma criança.

4.

COMO LEITORES DE matérias, já vimos tantas fotografias ruins que dificilmente nos ocorreria que, às vezes, pode valer a pena parar um pouco para examinar com mais atenção algumas entre as boas. Pareceria estranho interromper a leitura de um artigo para contemplar uma imagem ilustrativa pelo mesmo tempo que empregaríamos em observar uma pintura em um museu — por exemplo, trinta segundos ou mais — e com a expectativa de identificar algo digno de nota. Perdemos por completo a noção do potencial da fotografia como meio informativo, como uma força de papel crucial em termos do conhecimento que temos de um planeta que, de maneira desdenhosa e arrogante, insistimos em achar que já conhecemos muito bem.

capítulo três

Economia

M2 E UTOPIA

O M2 da Coreia do Sul, uma medida apurada da oferta de moeda do país, aumentou 4,6% no ano, chegando a 1.827,3 trilhão de wons em outubro, o que representou recuo em relação aos 5,2% de ganho anual em setembro, segundo o Banco da Coreia (BOK). O M2 do país aumentou 0,2% em outubro em relação ao mês anterior, em comparação com o 0,1% de ganho mensal em setembro. O somatório de liquidez da Coreia do Sul, a medida mais abrangente da oferta de moeda, aumentou 7,8% em outubro em relação ao mesmo mês do ano anterior, uma queda em comparação com o ganho anual de 8,9% em setembro, acrescentou o BOK. ¶

***Yonhap News*, Coreia**

1.

EM SEU ESTADO de espírito mais sério, o noticiário procura nos explicar o mundo, o que significa tentar abrir caminho por entre os dramas, a hipérbole e o alarido de cada novo dia com o objetivo de direcionar nossa atenção para o punhado de acontecimentos que têm chance de realmente importar. São muitas as coisas que podemos considerar interessantes (um casal pulou da ponte Golden Gate; incêndios proliferam em várias partes da Tasmânia; um industrial mexicano matou um rival a tiros), mas o que de fato merece nossa atenção no noticiário?

Somos herdeiros da ideia, endossada tanto pela direita quanto pela esquerda do espectro político, de que a realidade mais fundamental das nações é sua condição financeira — e de que, portanto, as informações econômicas devem ser consideradas a faceta mais importante da produção de notícias.

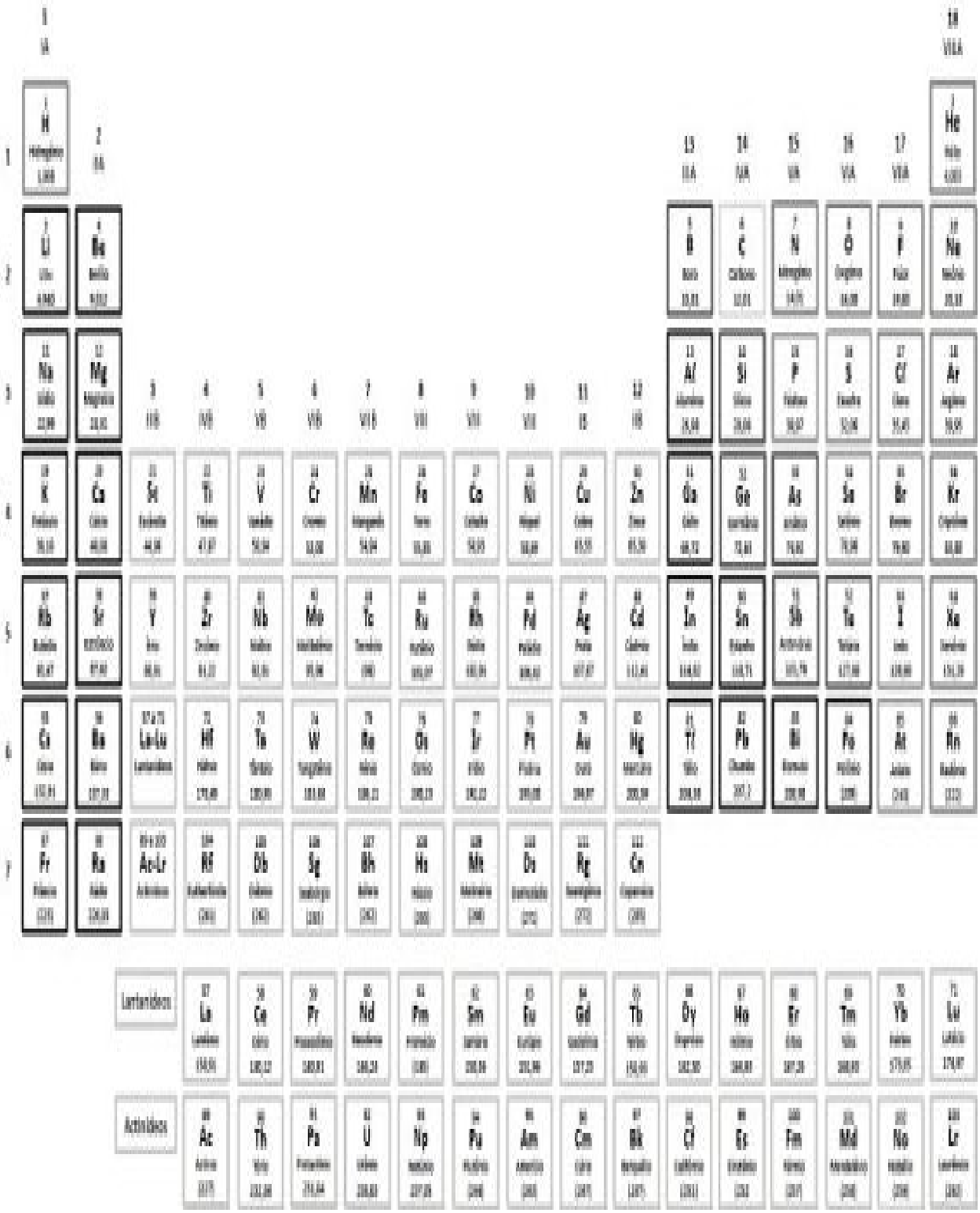
2.

NOS VEÍCULOS MAIS ambiciosos, nossos olhos são a todo tempo orientados para uma série de indicadores econômicos, como a oferta de moeda (M1, M2, MZM), as reservas do banco central, as encomendas da indústria, o índice de preços ao consumidor (IPC), os alvarás de construção, as demandas de emprego, o déficit, a dívida nacional e, sobretudo, o PIB.

No entanto, os números podem confundir. Avaliar uma nação baseando-se em

seus dados econômicos é mais ou menos como se avaliar pelos resultados de um exame de sangue, no qual os indicadores tradicionais de personalidade e caráter são deixados de lado, e fica bem claro que, no fundo, naquilo que realmente importa, nos resumimos a um nível de creatinina de 3,2, uma lactato desidrogenase de 927, um leucócito (por campo) de 2 e uma proteína C-reativa de 2,42.

Assim como o sangue para o homem, o dinheiro representa para o Estado o meio vital, em constante circulação, no qual alguns dos mais reveladores dados a respeito do futuro surgem em formas codificadas. Colher amostras nesse terreno é a missão dos grandes laboratórios financeiros do governo: o Escritório Nacional de Estatísticas na Grã-Bretanha, o Departamento de Comércio nos Estados Unidos, o Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos na França e o Departamento Nacional de Estatística na Coreia do Sul. A cada semana, seus estatísticos realizam levantamentos com todo tipo de informação relacionada à economia. Só no Reino Unido, coletam dados de seis mil empresas do setor manufatureiro, 25 mil companhias prestadoras de serviços, cinco mil varejistas, dez mil empreiteiras da construção civil e quatro mil projetos do governo nas áreas de agricultura, energia, saúde e educação. Contando com a ajuda de computadores gigantes para processar a colheita de informações, os estatísticos publicam constatações muito condensadas, mas profundamente significativas. Os dados relativos ao PIB, por exemplo, podem nos informar que o valor financeiro de todo o trabalho efetuado no país no último trimestre aumentou 1,1% ou (Deus nos livre) caiu 0,5%. São números por trás dos quais existem dezenas de milhares de reuniões, ansiedades, dilemas, maquinações, discussões de diretoria, corridas para pegar o metrô nas primeiras horas da manhã, demissões, iniciativas, lançamentos e decepções, tudo canalizado e confinado em apenas dois algarismos.



No fundo, tudo que vemos por aí (as árvores, nosso cônjuge, o escritório) não passa disto.

A destilação é conhecida de outras áreas da ciência — categoria a que a

economia aspira. Também na química, somos convidados a examinar por trás da confusão da realidade física para descobrir os meros 118 elementos subjacentes à matéria, que podem, com uma elegância quase artística, ser classificados em colunas de tabela periódica de acordo com as propriedades químicas, os números atômicos e as configurações de elétrons.

3.

OS DADOS ECONÔMICOS podem comprometer a noção de escala em que temos o hábito de nos basear para fazer com que nossa vida pareça significativa ou promissora. Nosso senso de propósito pode ser esmagado pelas dimensões inimagináveis nas quais a economia revela que existimos: um sistema em que o PIB mundial fica na casa dos 70 trilhões de dólares, o mercado global de ações vale 100 trilhões de dólares, e o mercado de derivativos, 791 trilhões de dólares, a dívida mundial é avaliada em 50 trilhões de dólares, a dívida da União Europeia, em 17 trilhões de dólares, e a dos Estados Unidos, em 16 trilhões de dólares (gastando-se um dólar por segundo, seriam necessários 31 mil anos para esgotar uma verba de 1 trilhão de dólares). Nesse sistema, um bilhão de pessoas vivem na pobreza, enquanto uma elite composta dos 2% mais ricos detém mais da metade de toda a riqueza. Esses dados têm algo do caráter estonteante das estatísticas da astronomia, quando nos dizem, por exemplo, que a Via Láctea abriga quatrocentos bilhões de estrelas, ou que seriam necessários 93 bilhões de anos-luz para atravessar o universo. Nossa mente não está preparada para contemplar nosso modo de vida em tais perspectivas. Contrapostas a um panorama assim, as aspirações que temos se tornam risíveis, senão absurdas. Nós nos sentimos ainda mais humildes e apáticos diante dessa sensação de profunda insignificância.

4.

NÃO É APENAS a escala da máquina econômica que tem a capacidade de nos calar, mas também sua complexidade. Somente um percentual minúsculo das populações das economias desenvolvidas tem de fato alguma compreensão sólida do funcionamento do sistema econômico em que está inserida. A maioria de nós sempre terá de se esforçar bastante para entender o significado de termos e expressões como arbitragem, Basileia 1 e 2, orçamentos correntes ciclicamente ajustados, relação preço/rentabilidade ou *quantitative easing*. Acompanhando os

acontecimentos do universo financeiro pelo noticiário, podemos nos perguntar, e não seria a primeira vez: “Qual *é* a taxa de crescimento do dinheiro?”; “Como funcionam os fundos de hedge?”; “O que realmente é determinado pela taxa LIBOR?”; “O que é liquidez?”; “Como funcionam as metas de inflação?”; e “Como pode um governo ‘fabricar dinheiro’ e quais são as consequências a longo prazo?”.

Os amáveis comentaristas que volta e meia são convocados pelas empresas de notícias para nos ajudar com esse sentimento de confusão certamente dão o melhor de si para explicar. No entanto, talvez porque os conceitos que nos deixam tontos carecem de qualquer ligação com a vida cotidiana, essas explicações nos escapam poucas horas depois de apresentadas.

Se quisermos de fato resolver a situação e nos educar a respeito dos detalhes, precisaremos ter nervos de aço. Veja, por exemplo, a lógica por trás da equação do câmbio, conceito situado nas colinas mais suaves da ciência econômica, mas que nos convida a contemplar um panorama em que:

$$M \cdot V_T = \sum_i (p_i \cdot q_i) = p^T \cdot q$$

e no qual:

p_i e q_i são respectivamente preço e quantidade da i^a transação
p^T é um vetor linha de p_i
q é um vetor coluna de q_i

A esta altura, a maioria de nós já está doida para sair correndo, quem sabe de volta à trágica notícia do casal que pulou da Golden Gate.

Em certas circunstâncias, podemos sentir uma sensação quase agradável de pequenez diante da majestade e da complexidade da economia. Às vezes, os teólogos falam do sentimento de espanto que pode nos dominar quando o minúsculo ego humano se defronta com a presença divina e vivencia o que em latim é chamado de *mysterium tremendum*, o mistério da divindade. Talvez haja

momentos equivalentes ao *mysterium tremendum* quando a mente se depara com um gráfico de dispersão:

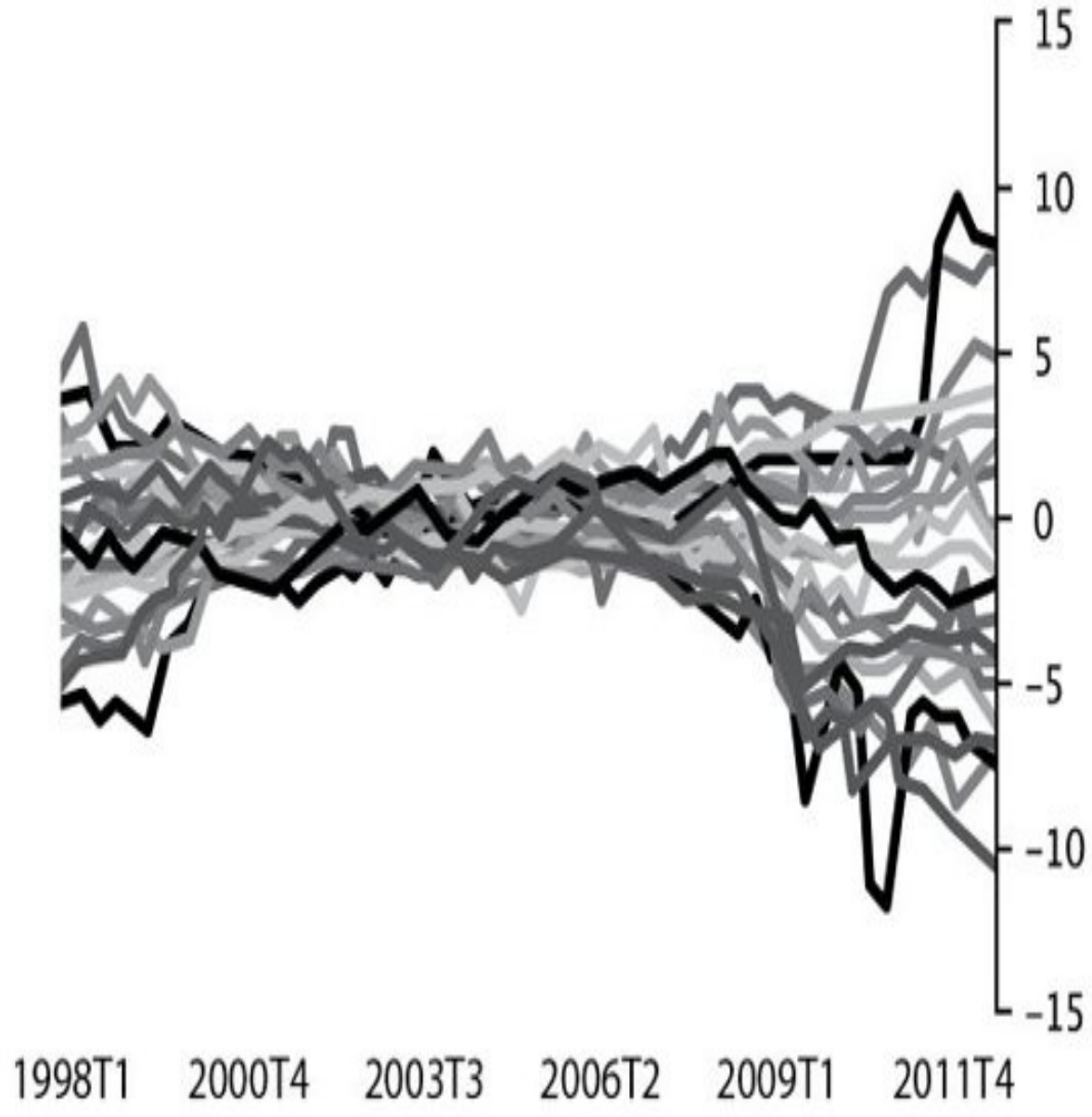


Gráfico de dispersão.

5.

EMBORA ÀS VEZES possamos ceder de bom grado ante a inteligência superior da economia, em outros momentos talvez seja difícil reprimir certas perguntas rebeldes ao contemplarmos os arranjos econômicos do planeta que chegam pelo noticiário.

Acordados à noite na cama, por exemplo, alguns de nós podem se perguntar, de maneira inarticulada, mas sincera, por que o mundo construído pelo capitalismo não é (e aqui um certo sentimentalismo é intencional) mais *bonzinho*. Por que ainda existe tanto sofrimento por aí? Por que uns têm tanto, e outros, tão pouco? Por que a maioria dos empregos é de trabalhos realizados mecanicamente? Por que não pode haver mais segurança e lazer? Por que a ansiedade e o medo persistem quase que em toda parte? Será que não estamos destruindo o planeta sem motivos ou recompensas concretos? (A esta altura, já pode ser muito tarde, e só alguns poucos teimosos continuarão a insistir.) Não poderíamos recomeçar de alguma forma, rearrumar as coisas, quem sabe promulgar algumas leis e experimentar ideias novas e ousadas para criar um mundo mais livre, menos ansioso e *mais feliz*?

6.

SABEMOS MUITO BEM que essas perguntas não são realmente sérias. É o tipo de coisa sobre a qual adolescentes de catorze anos escrevem poemas ou discutem com os pais. Pela manhã, trataremos de descartá-las com firmeza. Elas não fazem parte da narrativa-padrão da economia no noticiário. Somos capazes de empalidecer só de pensar no que qualquer pessoa com a inteligência e a sensibilidade necessárias poderia fazer com elas — por exemplo, alguém como o presidente do Federal Reserve (FED, o Banco Central dos Estados Unidos), o economista mais poderoso da atualidade.

Se nossas perguntas parecem ingênuas, é porque associamos maturidade a uma fria aceitação de muitas coisas dolorosas, mas necessárias para o funcionamento da vida econômica, ao passo que nossas especulações ficam parecendo devaneios de um sonhador utópico, sonhos alheios à realidade. A vida adulta requer uma aceitação definitiva do sepultamento de muitas de nossas esperanças. As correntes centrais da economia exaltam esse processo de crescimento e o masoquismo que ele exige. É basicamente uma história de dor, que nos ensina muitas razões complicadas, mas sólidas, por que tantas coisas boas não são possíveis: por que não podemos agitar uma varinha mágica e enriquecer os países pobres; por que a competição e, portanto, a ansiedade são necessárias em uma economia de mercado; por que a segurança total no emprego

deixa as pessoas indolentes; por que um país precisa recompensar os vitoriosos e punir os perdedores; por que os ricos não podem ser obrigados a pagar impostos proporcionais; por que não podemos viver com mais simplicidade, porém com dignidade; por que os governos não podem limitar o livre mercado em nome de valores mais elevados; por que os bens de consumo inúteis são parte indispensável de uma economia robusta; por que é bom para o crescimento que a partilha e a reciclagem dos bens não sejam generalizadas; e por que não podemos nos dar ao luxo de ter uma preocupação excessiva de tornar o mundo belo e limpo.

7.

FICAMOS COM A seguinte situação: por um lado, temos uma pauta de notícias dominada por relatos sobre o funcionamento de uma ciência social muito complicada, que enfrenta problemas de escala quase cósmica e de dificuldade incompreensível, sobre o qual, de tempos em tempos, alguém comenta com pessimismo e resignação. E, por outro lado, há uma série de anseios ardorosos, mal articulados e ingênuos, mas poderosos, que são encobertos com muito cuidado e passam despercebidos por receio de sacrificar certas pretensões de decoro e de seriedade próprias do mundo adulto.

8.

EVENTUALMENTE, AS TENSÕES se tornam excessivas, e ocorrem explosões. Um grupo de pessoas declara que não aguenta mais, pinta algumas faixas e cartazes, compra megafones e toma posição diante do Banco Central, de uma filial da cadeia de lanchonete ou da sede da empresa petrolífera. Semanas depois, passados alguns momentos de exuberância e confrontos com a polícia, o acampamento é desmontado, e o noticiário segue em frente.

Essas explosões são comprometidas por uma ingenuidade fatal: um amontoado das melhores intenções possíveis para resolver uma situação problemática. Algo que é associado à total falta de conhecimento efetivo e fundamentado das causas primárias. Uma queixa que poderia ocasionar um debate político complexo acaba gerando apenas um grito primitivo.

9.

EM PARTE, O noticiário é culpado por essa indignação incoerente. É ele que ajuda a incitar um público incapaz de entender sua própria condição, que se sente perdido diante dela e que é nutrido de análises econômicas que sufocam habilmente quaisquer considerações mais ambiciosas sobre as possibilidades de criar um mundo mais justo.



23. Movimento Occupy Wall Street, Nova York, setembro de 2011.

De forma muito acertada, os manifestantes reconhecem que existem coisas erradas no sistema econômico, mas acham difícil identificar os elementos específicos dessas dificuldades. Seria preciso haver um período intensivo de estudo e questionamento bem orientados da mecânica da máquina financeira — além de mexer um pouco nas alternativas realistas para sua reforma. E é fascinante a variedade de alternativas sensatas à disposição — das quais não ouvimos falar muito no noticiário, e não por acaso.

De maneira geral, as organizações jornalísticas não parecem inclinadas a fornecer uma educação econômica adequada e com uma dimensão política forte, seja por estarem desorientadas e mergulhadas na confusão, seja por se beneficiarem do *status quo*.

Não é vocação do noticiário, nem está a seu alcance, resolver sozinho as charadas econômicas. Seu poder é mais secundário, porém não deixa de ser considerável: as agências de notícias têm a capacidade de definir a pauta, voltando a atenção do público para as questões que consideram importantes e podendo, assim, dotar governos e corporações de um eleitorado e uma clientela interessada e bem informada.

No momento, as principais organizações jornalísticas tratam basicamente de acompanhar as atividades do dia a dia no *establishment* econômico. Relatam o que está acontecendo, mas sem convicção alguma do que poderia ou deveria estar acontecendo no lugar. Se o noticiário determina uma pauta, ela é limitada: resolver se cabe ou não intervir para estimular o mercado de trabalho, entrar para a união monetária (ou deixá-la), manter controle estrito da inflação ou assumir uma posição menos vigilante. O “debate” econômico, tal como visto pelas lentes do noticiário, não se afasta de demarcações hermeticamente definidas, que restringem, ao mesmo tempo, as expectativas do público e seu entendimento do que poderia ser possível. Basta que alguém se afaste da pauta (com uma pergunta sobre a necessidade de reexaminar o que é ou deveria ser um acionista, por exemplo, ou questionando pressupostos a respeito do crescimento e do bem-estar) para que logo acabe em território considerado “radical” e, portanto, ridículo — muito embora grande parte do que hoje damos por certo (salário mínimo, proteção à infância, legislação ambiental) tenha parecido, no início, absolutamente radical, senão insano, para a opinião “sensata”.

Um serviço de notícias perfeito analisaria os acontecimentos da atualidade sem deixar de transmitir uma noção clara dos princípios econômicos que no contexto ideal deveriam ser subjacentes à sociedade. Seria pautado por um senso

teleológico, tendo em mente uma utopia econômica, uma comunidade ao mesmo tempo próspera e civilizada, voltada tanto para o dinheiro quanto para suas finalidades: realização, justiça, generosidade, beleza e bondade. Seria doutrinário apenas a respeito dos objetivos, mantendo-se empiricamente flexível quanto aos meios para alcançá-los — ao contrário das análises polarizadas de esquerda e direita, que se tornam rígidas e cansativas por sua reiteração evidente de meios previsíveis.

10.

MESMO PERSISTINDO NA rotineira análise de derivativos, de coeficientes de rentabilidade e da situação do M2, o noticiário econômico não deve esquecer sua principal responsabilidade na busca de um mundo capaz de promover vidas ativas menos ansiosas e desastrosas, mais seguras e significativas.

Essa pauta, por mais excêntrica que pareça no contexto da economia clássica, é significativa demais, nesse momento da história, para ser comentada apenas em caráter privado, no meio da noite, ou berrada a plenos pulmões em um megafone, segundos antes de uma investida da polícia.

NOTICIÁRIO DE INVESTIMENTOS

A Procter & Gamble Co. (P&G), maior empresa mundial de produtos de consumo, está fechando centros de pesquisa de tratamentos capilares no Reino Unido e no Japão. As operações em Kobe, Japão, serão transferidas para Cingapura, e o funcionamento das instalações em Egham, Inglaterra, para os Estados Unidos. A unidade do Reino Unido se especializou em produtos de modelagem e estilização, e a do Japão, em condicionadores. A P&G também mantém um centro de pesquisa para xampus em Cincinnati e instalações de produtos de tintura na Alemanha. Suas ações subiram 0,7% no fechamento em Nova York, chegando a 69,82 dólares. ¶

Bloomberg News

1.

MUITAS DAS ORGANIZAÇÕES jornalísticas mais ricas do mundo passam a maior parte do tempo produzindo matérias sobre o que ocorre em determinadas empresas. Elas acompanham acontecimentos nos setores automotivo, de aviação, energético, de saúde, de consumo, de comunicações e tecnologia, mantendo a atenção voltada para as exigências de um público específico: investidores que precisam de dados imediatos e exatos sobre o andamento comercial dos negócios, para ajudá-los a decidir para onde e de que maneira deverão encaminhar seus ativos e, assim, aumentar a própria riqueza.

Durante a história, a evolução dos meios modernos de divulgação de notícias esteve muito vinculada à necessidade de informações de mercado por parte dos bancos, das empresas de corretagem e das casas de comércio. Os cabos transoceânicos lançados entre o Reino Unido e os Estados Unidos nos meados do século XIX foram financiados em conjunto por financistas e empresas de notícias (a Reuters, por exemplo). Na época, as notícias que transitavam por esses cabos nas profundezas das águas glaciais do Atlântico levavam respostas a perguntas como: “A demanda de guano está aumentando ou diminuindo?”; “Qual será o impacto no mercado do algodão caso haja uma greve de tecelões de seda em Lyon?”; “Que rendimentos poderiam crescer com a cobrança de uma taxa sobre o malte?”; e “O que aconteceria com os preços do milho se as restrições à importação fossem suspensas?”.

Essa ênfase no “noticiário para o investidor” ainda persiste. Até as principais agências de notícias reservam um espaço proeminente para os últimos números das principais bolsas de valores do mundo, assim como atualizações em tempo real sobre a melhora ou piora da situação de centenas de milhares de corporações pouco conhecidas mas, com toda evidência, grandes e importantes, que sustentam nossa vida de modo invisível. Elas vão da Molycorp Inc. (metais raros) à Sphere Drake Holdings Ltd. (seguro de bens comerciais).

Ações e Índices

Índices	Pontos	Variação
FTSE 100	6081,95	+17,37
Dow Jones	13384,29	-50,92
Nasdaq	3098,81	-2,85
Dax	7748,03	+15,37
Cac 40	3729,26	+24,62
S&P 500	1461,89	-4,58

Empresa	Pontos	Variação	%
Nationstar Mortgage Holdings Inc.	38,83	+5,60	+16,85
Molycorp Inc.	11,56	+1,26	+12,23
Energysolutions Inc.	3,73	+0,29	+8,43
Newcastle Inv. Corp.	9,60	+0,61	+6,79
Alcatel-Lucent S.A. (ADR)	1,73	+0,09	+5,49
Imax Corp.	24,08	+1,24	+5,43
Ocwen Financial Corp.	36,77	+1,88	+5,39
Quiksilver Corp.	5,29	+0,22	+4,34
Walter Industries Inc.	39,61	+1,59	+4,18
Sphere Drake Holdings Ltd.	6,80	+0,24	+3,66

O que aconteceu hoje, segundo a *Bloomberg News*.

2.

OS INVESTIDORES CONSULTAM esse material com intenções bem definidas: ao voltar sua atenção para uma empresa, querem ver os dados relativos ao crescimento quinquenal dos dividendos, aos lucros anunciados recentemente, ao

índice preço/lucro no último trimestre, aos juros máximos de mercado e ao atual índice preço/rendimentos (P/R) para os próximos doze meses. Se necessário, também podem verificar o volume médio de negócios da empresa nos últimos trinta dias e a relação de seu P/R com o intercâmbio de pacotes em sequência.

Mas, sem dúvida, não está em seu escopo imaginar como pode ser trabalhar como representante de vendas ou supervisor de fábrica nessa empresa. Muito menos especular sobre a tendência de sua gestão, imaginar como é a lanchonete, visualizar as instalações das fábricas em Shijiazhuang, questionar-se sobre a origem das matérias-primas usadas ou perguntar qual a relevância de determinado negócio para a humanidade.

Os investidores são como pilotos voando muito alto e à noite. Para controlar a navegação, contam apenas com poucas balizas de sinalização e pistas visuais: a usina nuclear na península, a principal rodovia norte-sul e a cidade medieval, brilhando como um diamante incrustado ao pé das montanhas. Mas não há necessidade de se preocupar com as discussões no prédio de apartamentos perto da praça, os dilemas do caminhoneiro no posto de gasolina ou os sonhos do técnico na casa de máquinas da turbina principal. Na cabine do piloto, os únicos sons são os dos motores gêmeos Pratt & Whitney, rugindo a 25 mil rotações por minuto.

As empresas que geram os noticiários financeiros dispõem de correspondentes em alguns dos postos avançados econômicos mais remotos do mundo. Há jornalistas acompanhando a colheita de trigo em Saskatchewan, no Canadá; os progressos da exploração do petróleo ao longo do litoral do Brasil; a extração de nióbio, tântalo e zirconolita no Malawi; o desenvolvimento da próxima geração de trens interurbanos no Vale do Ruhr, na Alemanha; e a fabricação de painéis de fibra de carbono para aviões em Chubu, na região central do Japão. No entanto, apesar de instalados nesses pontos de observação privilegiados, tais jornalistas são convidados a se concentrar apenas em informações que ajudem os investidores a responder a uma única pergunta: “Em quais empresas devemos investir?”

3.

CONTUDO RELATAR O que acontece nas empresas apenas em termos econômicos, resumir uma companhia inteira como sendo apenas +1,20 ou condensar as experiências de oito mil pessoas em uma produção de 375.776 unidades parece tão limitado quanto reduzir um romance da complexidade de *Orgulho e preconceito* aos extratos bancários dos personagens. Do ponto de vista humano,

as empresas devem figurar entre as organizações mais importantes do planeta e merecem ter suas aventuras, prevaricações, traições, paixões e inquietações relatadas com minúcia e evocadas com vividez e toda a intensidade e habilidade estética reservadas à narração de um caso de amor. Só mesmo um acidente cultural nos leva, ainda hoje, a esperar que o "interesse humano" resida na vida privada de alguém, em vez de na linha de montagem de uma fábrica, em uma cadeia de abastecimento ou no cubículo do escritório de uma corporação. Em virtude de seu escopo limitado, o noticiário destinado aos investidores ignora fenômenos diários que não são menos envolventes, chocantes, atraentes e dramáticos do que os oferecidos pelas páginas de cobertura do mundo do entretenimento ou por um romance.

Os jornalistas do setor deviam exigir o direito de infundir alguma vida a seus números.

SHARP CORP.
BOLSA DE VALORES DE TÓQUIO
VARIAÇÃO NO PREÇO: ¥ -18
ABERTURA: ¥ 288 FECHAMENTO: ¥ 270

Deviam, por exemplo, poder nos contar mais sobre o medo. O leigo se encontra com o mundo corporativo por meio de produtos sem impressões digitais, que omitem qualquer menção às circunstâncias por trás de sua fabricação. O aparelho de televisão Aquos LE836 e o micro-ondas R98STM-AA de novecentos watts, ambos da Sharp, têm uma descrição bem reservada a respeito de suas origens em uma fábrica nos subúrbios ao sul da cidade japonesa de Taki, na região de Mie. Essas máquinas incrivelmente racionais e bem concebidas não querem que se discuta a dinâmica que permitiu sua existência: os sentimentos de orgulho, inveja, desejo, crueldade e vingança que moveram seus criadores. Acima de tudo, não querem que se discuta a ansiedade que permeia o capitalismo como um todo e os 46 mil empregados da Sharp, em particular. "Destruição criativa" é uma expressão abstrata de grande utilidade a que os financistas e economistas recorrerão para descrever o aniquilamento de empresas mais fracas em um mercado competitivo, mas o que ela significa, na verdade, inclusive para a fábrica de Mie, é o fim brutal de décadas de trabalho cuidadoso, esforço, planejamento, energia e esperança. Devíamos ter coragem de ouvir mais a respeito dos vasos sanguíneos congestionados e das angústias noturnas de Mikio Katayama, ex-presidente da Sharp Corp., um indivíduo honrado e

inteligente que, no entanto, fez algumas apostas bastante equivocadas —investiu na tecnologia errada de tela plana de TV, apostou em uma tela de smartphone de segunda categoria, comprometeu-se demais com aparelhos de micro-ondas em um momento de virada no mercado — para logo ser aniquilado pelas investidas de fabricantes concorrentes, juntamente com muitos de seus colegas e o valor das ações da empresa.

NESTLÉ S.A.
BOLSA DE VALORES DA SUÍÇA
VARIAÇÃO NO PREÇO: CHF +0,20
ABERTURA: CHF 63,55 FECHAMENTO: CHF 63,75



24. Jacqueline Hassink, *Mesa de reuniões da diretoria da Nestlé, Vevey, Suíça*, 1994.

Ao mesmo tempo, deveríamos poder *ver* o mundo por trás dos números, apreciar o capitalismo como um fenômeno visual e sensorial e absorver a beleza assustadoramente ordenada e estéril de seus escritórios e centros de produção. Deveríamos acompanhar a fotógrafa Jacqueline Hassink nas salas de reunião do mundo, onde decisões que afetam a vida de centenas de milhares de pessoas são tomadas, rodeadas por um mobiliário árido, mas caro, alguns intermediários

zelosos, não raro engenheiros, e também mestres da intriga política e veículos de ambições muito bem arquitetadas — figuras que, de certa maneira, nas imagens de Hassink, parecem mais poderosas e presentes por estarem ausentes. Na sala de reuniões da Nestlé, perto de Genebra, por exemplo, poderíamos admirar por breves instantes o mapa do nosso planeta que permite aos integrantes da alta administração, como generais em épocas anteriores — quando a guerra desfrutava do mesmo prestígio hoje atribuído aos negócios —, supervisionar o progresso constante de suas campanhas para promover as vendas de Honey Nut Cheerios, San Pellegrino e Friskies a seres humanos e gatos nos cinco continentes.



25. Edward Burtynsky, *Fábrica Cankun, Xiamen*, 2005.

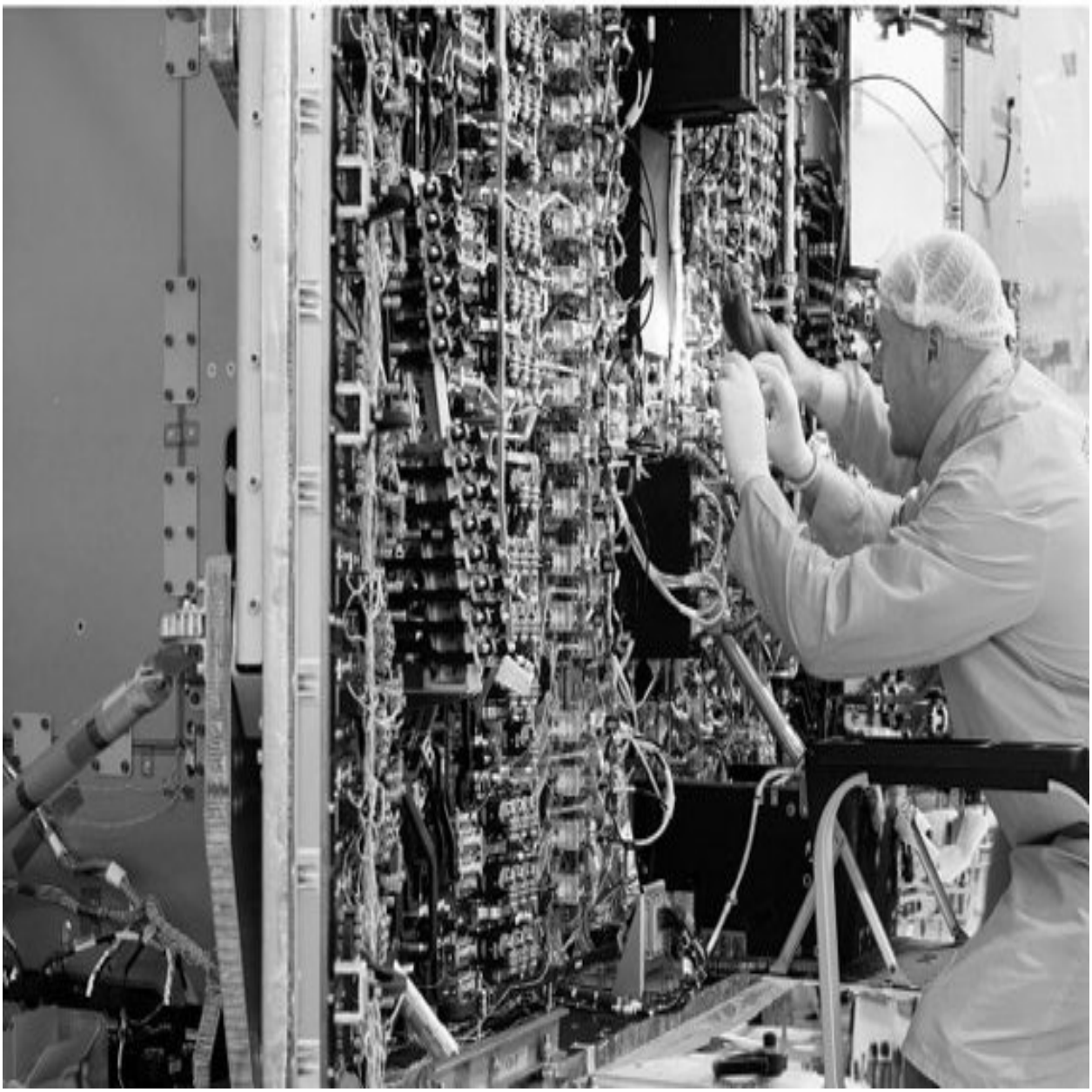
TSANN KUEN ENTERPRISE CO. LTD.
BOLSA DE VALORES DE TAIWAN
VARIAÇÃO NO PREÇO: TWD +0,60
ABERTURA: TWD 58,30 FECHAMENTO: TWD 58,90

Também deveríamos permitir que o fotógrafo Edward Burtynsky nos levasse à China para mostrar o sacrifício por trás de muitos dos produtos incrivelmente baratos que compramos com tanto gosto: ferros de passar, cafeteiras, churrasqueiras, espremedores, aspiradores de pó e torradeiras são produzidos em enormes quantidades pela Tsann Kuen Enterprise em uma fábrica-galpão que abriga 23 mil operários na cidade de Xiamen, sudeste da China.

Deveríamos ter em mente que esses produtos não são muito baratos — naturalmente — porque a Tsann Kuen Enterprise é maravilhosa ou inteligente e a tecnologia moderna é tão engenhosa, mas, sobretudo, porque os trabalhadores da região de Xiamen sofrem de uma condição a que os economistas educadamente chamariam de "falta de poder para estabelecer preços" — e nós, mais francamente, identificaríamos como desespero.

THALES S.A.
BOLSA DE VALORES DE PARIS
VARIAÇÃO NO PREÇO: EUR +0,08
ABERTURA: EUR 27,00 FECHAMENTO: EUR 27,08

No entanto, isso não deveria impedir momentos em que também podemos admirar a beleza da produção, como no caso do satélite de observação Pléiades-HR 1A, que revela as entranhas da linha de montagem na fábrica do Grupo Thales, em Cannes, França. Dificilmente nossa terrível espécie impressiona mais do que quando se envolve em uma tarefa complexa que requer ordem e atenção. Considerando nossa vocação para o caos e a indolência, pode ser comovente contemplar as incríveis precisão, exatidão e disciplina requeridas pela maioria das funções profissionais. Tal como acontece quando vemos uma pessoa dormindo, é difícil não sentir *a priori* uma benevolência em relação a um funcionário habilidoso trabalhando na montagem de um satélite.



26. Benedict Redgrove, *Fabricação de satélite, Cannes*, 2010.

AMCOR LTD.
BOLSA DE VALORES DA AUSTRÁLIA
VARIAÇÃO NO PREÇO: $ -0,11
ABERTURA: $ 8,30 FECHAMENTO: $ 8,19

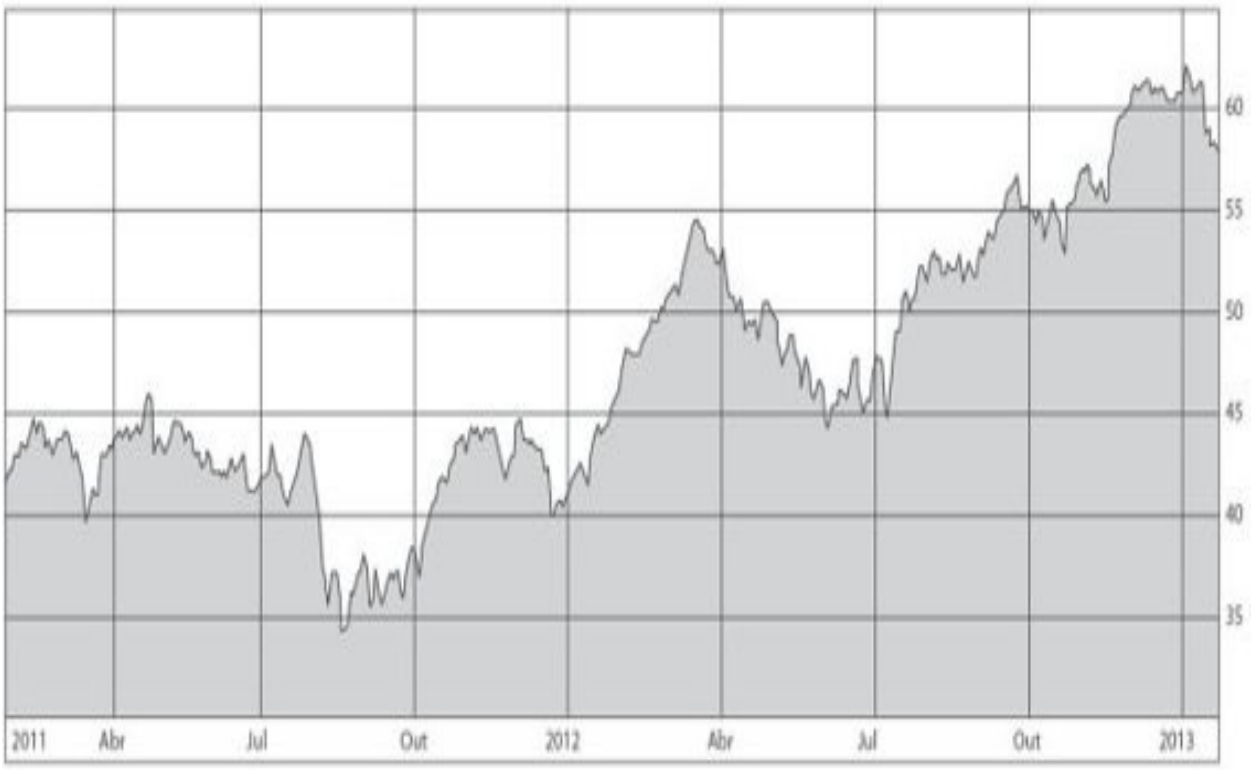
Também deveríamos estar preparados para pensar no *significado* de nossas atividades frenéticas. A maioria de nós, naturalmente, nunca ouviu falar da Amcor, uma das empresas mais lucrativas da Austrália e a maior fabricante mundial de caixas de lenço de papel, fraldas, tubos de pasta de dentes e embalagens de bronzeadores e xampus, porém as grandes fortunas da atualidade poucas vezes foram acumuladas pela venda dos produtos e serviços mais significativos, como poesia ou aconselhamento de casais.

Quando alguém tem a sensação de que seu emprego é significativo? Quando é capaz, no fim do dia, de sentir que seu trabalho de alguma forma, por mais modesta que seja, contribuiu para reduzir a miséria ou aumentar a satisfação dos outros. Nós gostamos de servir, e mais ainda de vivenciar o impacto de nosso empenho na vida de outros seres humanos. Mas, quando o trabalho é subdividido em partes cada vez menores, quando carreiras inteiras são dedicadas à produção de objetos que afetarão o bem-estar de outros por apenas um segundo, ou talvez nem isso, esse significado acaba se reduzindo. Não que os mercados de ações se importem. Eles responderiam que significado é algo a ser reservado para o fim de semana.

Os índices da bolsa nos levam a fazer malabarismos com os mais variados sentimentos, como admiração pela fertilidade dos negócios modernos, espanto com o extraordinário grau de inteligência e empenho necessários para ter êxito em uma indústria. Mas também há um sentimento de culpa diante do absurdo e do desperdício de uma parte tão grande de nosso esforço. Então, no meio da noite, quando a mente costuma se vingar dos compromissos do dia, surge um doloroso espanto ante o que podemos estar fazendo com o pedacinho cada vez mais valioso que ainda resta de nossa vida.

SAP AG.
BOLSA DE VALORES DE FRANKFURT
VARIAÇÃO NO PREÇO: EUR -0,10
ABERTURA: EUR 59,70 FECHAMENTO: EUR 59,60

Podemos concluir que os números e gráficos do noticiário financeiro nunca passam de uma forma abreviada das histórias e imagens de que precisamos para entender o mundo que construímos. No fim das contas, os negócios são interessantes e significativos demais para serem descritos apenas para quem quer investir.



Uma história arrebatadora que precisaria de um Émile Zola moderno para contá-la: a cotação na bolsa do fabricante de softwares SAP, entre 2011 e 2013.

capítulo quatro

Celebridade

ADMIRAÇÃO

Entrevistador: Usain Bolt é, sem dúvida, a pessoa mais rápida do planeta... Ninguém se compara a ele na corrida. Usain, como isso faz você se sentir?
Bolt: Eu me sinto bem.
Entrevistador: Como você se sente? Quando se ajoelha naqueles blocos de partida e está a ponto de disparar, o que realmente passa pela sua cabeça?
Bolt: Na verdade, a gente só tenta relaxar. Para mim, é só uma questão de tentar ficar calmo, tentar não pensar em nada, porque, quando a gente pensa em alguma coisa, começa a ter problemas.
Entrevistador: O que é preciso para ser um campeão, não um campeão qualquer, mas um *grande* campeão?
Bolt: Bom, é só uma questão de trabalhar duro... Trabalho duro e dedicação.
Entrevistador: O que é que mais o motiva hoje em dia? Vencer? Ser campeão? É o dinheiro? É a fama? São as mulheres?
Bolt: É tudo.

Entrevistador: Quantas vezes você se apaixonou de verdade na vida? ¶

CNN

1.

CONSTANTEMENTE O NOTICIÁRIO nos apresenta a um desfile de homens e mulheres extraordinários: gente capaz de correr mais depressa que qualquer um, que sabe nos fazer rir, que empreendeu negócios revolucionários, que é capaz de criar refeições suculentas ou que tem um rosto impecavelmente belo. Suas realizações, personalidade e boa aparência são capazes de nos estimular como poucas outras coisas. Em consequência disso, muitas vezes desejamos perguntar a eles como conseguiram, ouvi-los falar da infância, observar o que estão vestindo, descobrir por quem estão apaixonados, dar uma espiada no interior de suas casas, acompanhá-los à praia e até atravessar a rua com eles, quando vão ao mercado.

2.

ESSE TIPO DE interesse é quase sempre condenado pelos guardiões da cultura de elite. Em companhia de pessoas sérias, geralmente não convém revelar grande interesse por notícias sobre celebridades. Em parte, isso vem da convicção, muito comum nas elites, de que celebridades não podem de fato ser consideradas dignas de admiração ou interesse quando sua contribuição à sociedade é posta contra o pano de fundo dos verdadeiros problemas da humanidade. Nos raros casos em que o mérito das realizações de uma figura pública é inquestionável, a

posição deles é que devemos focalizar apenas no feito em si (o empreendimento iniciado ou o filme realizado), em vez de nos fixarmos no autor — como não raro tendemos a fazer, e de tal maneira que vivemos obcecados com os menores detalhes da vida dessas pessoas, como quem as acompanhou a uma festa ou a maneira como prenderam os cabelos na praia. O que se subentende nessa posição das elites é que há algo degradante e infantil na necessidade de idolatrar uma pessoa famosa contemporânea, mas que não nos conhece: fica parecendo uma posição passiva e inferior, uma confissão de fraqueza, uma prova de que não estamos envolvidos o bastante com nossos projetos e ambições e que optamos por “escapar” da nossa vida porque não temos a menor ideia de como conduzi-la de forma adequada.



27. Emma Watson comprando morangos, Nova York, 2012 (*Splash News*).

3.

ISSO É LAMENTÁVEL — e também problemático, pois, se as pessoas sérias considerarem que o conceito de celebridade está abaixo delas, a função de sagrar celebridades será entregue a organizações sem quaisquer escrúpulos quando se trata de explorar os apetites mais torpes.

Além disso, se não avaliarmos devidamente o propósito da celebridade, será difícil identificar o que pode ser sensato esperar das pessoas famosas que vivem entre nós. A admiração pode levar a algo que de fato valha a pena? Existe algo substancial ou importante a se ganhar venerando os outros?

4.

INEVITÁVEL, O IMPULSO da admiração é uma característica importante da nossa psique. Para acabar com ele, não basta ignorá-lo e condená-lo. Isso servirá apenas para varrê-lo para debaixo do tapete, onde ele ficará à espreita, deixado de lado e não totalmente desenvolvido, e, assim, pronto para se projetar a qualquer momento sobre alvos inadequados. Em vez de tentar eliminar nosso amor à celebridade, deveríamos otimizá-lo de forma inteligente e frutífera. Uma sociedade devidamente organizada seria aquela em que as pessoas mais conhecidas fossem as que encarnassem e reforçassem os valores mais elevados, nobres e benéficos, e, portanto, uma sociedade em que o reconhecimento da reverência por determinada celebridade seria uma oportunidade de nos orgulharmos, e não motivo de vergonha ou de uma risada autodepreciativa.

5.

EM SUA ERA de ouro, a cidade-estado de Atenas não tinha problemas com o ato da admiração. Algumas virtudes eram valorizadas. Acreditava-se no governo democrático, no destemor militar, na liberdade intelectual, na glória cívica, na expressão artística e no atletismo. Mas a crença nessas qualidades não era abstrata; voltava-se para uma série de pessoas excepcionais que as realizavam de forma concentrada — e que, em consequência, eram celebradas e festejadas em estátuas, festivais e obras literárias. Estadistas como Péricles e Demóstenes, atletas como o lutador olímpico Filêmon e o corredor de bigas Chabrias, e

músicos como Melanípides e Anacrêon eram considerados guias práticos de uma vida de εὐδαιμονία (*eudaimonia*), ou “prosperidade”.

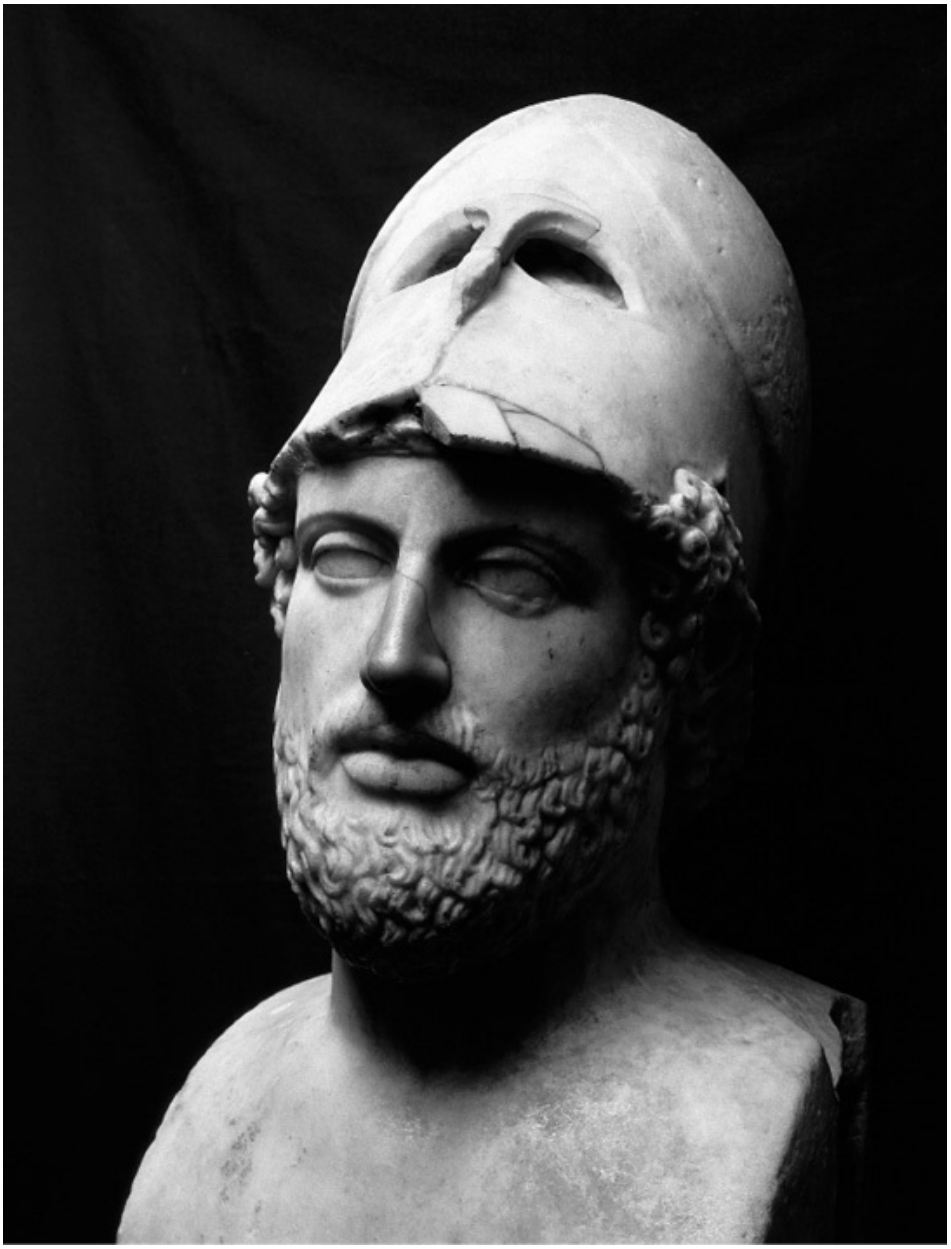


28. *Coragem*
Héracles de Mantineia,
c. 460 a.C.



29. *Destreza atlética*

Atleta anônimo lançando disco,
460-450 a.C.



30. *Liderança*
Péricles , 430 a.C.

Em sua história, o catolicismo também glorificou muitos indivíduos valorosos junto aos fiéis, na expectativa de que o exemplo deles provocasse admiração e emulação: cerca de dez mil santos cujos atos e bom caráter refletem as virtudes cristãs fundamentais da humildade, generosidade, castidade, gentileza,

sobriedade, paciência e diligência. Nos compêndios sobre a vida dos santos, como *Legenda áurea*, um best-seller do fim da Idade Média, tudo que dizia respeito a esses homens e mulheres canonizados era considerado significativo e merecedor de atenção: os alimentos que apreciavam, as roupas que vestiam, quem fazia parte de suas famílias, a cor de seu cabelo. Além disso, não parecia inadequado à cristandade medieval, passado um tempo da morte desses santos, desenterrá-los, dividir seus esqueletos e colocar pedaços dos ossos em capelas e nichos especiais, o que atraía viajantes de grandes distâncias e os convidava e estimulava a contemplar e adorar esses locais em busca de inspiração.

O que está por trás da abordagem cristã e da ateniense no que diz respeito à celebridade é um compromisso com a ideia do autoaperfeiçoamento, além da convicção de que é por meio de um mergulho na vida dos grandes exemplos da humanidade que temos maiores possibilidades de aprender a nos tornar versões aperfeiçoadas de nós mesmos. O catolicismo recomenda especificamente que, em momentos problemáticos da vida, nos perguntemos o que determinado santo faria em nosso lugar. Em uma briga doméstica, por exemplo, devemos pensar na calma e na natureza indulgente de São Gangulfo da Burgúndia, padroeiro dos casamentos difíceis, ou então, diante de uma humilhação profissional, podemos nos recompor invocando uma imagem da suave e nada paranoica Santa Brígida da Suécia, considerada no país a padroeira dos fracassos.



31. O dedo de Santa Catarina de Siena em um relicário de prata.


O DOMINE IESV
DEI VIII
Sanctus Gangolfus M

32. *Santo padroeiro dos casamentos difíceis*
São Gangulfo da Burgúndia.



33. *Santa padroeira dos fracassos*
Santa Brígida da Suécia.

6.

A ABORDAGEM DA Igreja Católica no que diz respeito a seus santos e a da antiga Atenas quanto aos oradores e arremessadores de disco nos fornecem pistas importantes sobre a melhor maneira de lidar com a celebridade moderna.

Uma primeira lição é que devíamos nos empenhar em ser mais claros quanto ao que de fato consideramos interessante nos personagens que admiramos. É raro o noticiário nos oferecer qualquer ajuda nesse sentido, pois ele tende a ignorar as origens mais profundas da curiosidade em relação às celebridades, o que nos impede de usar seus exemplos de maneira adequada. Ele se limita a girar em torno das pessoas famosas com uma espécie de energia maníaca, perguntando-lhes incansavelmente como "se sentiram" em relação a determinada conquista, fazendo perguntas de logística infindáveis e insossas sobre quando começarão as filmagens de sua nova produção ou posicionando *paparazzi* obstinados por trás de arbustos para capturar suas expressões quando saem da lavanderia. Parecem acreditar que essas táticas possam aplacar a inquietação interior gerada por algo bom que evidentemente detectamos de forma confusa na personalidade de uma celebridade.

Tendo ainda em mente o exemplo dos católicos, deveríamos tentar identificar as celebridades mais suscetíveis de funcionar como guias para as virtudes que precisamos cultivar em nós mesmos, talvez a coragem, a jovialidade, a sabedoria, a criatividade, a confiança ou o perdão. Dentre as centenas de celebridades a que o noticiário nos apresenta (dos negociadores de paz aos pintores, das estrelas do esporte aos neurocientistas), deveríamos selecionar para nós as pessoas de verdadeiro valor, cujas atitudes e realizações podem nos inspirar a levar uma vida mais bem-sucedida e completa. Sem qualquer intenção sobrenatural ou idealismo infantil, podemos nos fortalecer com o cultivo mental de um vago plantel de "santos padroeiros" seculares, pessoas famosas para as quais podemos voltar o pensamento em busca de estímulo e inspiração nos momentos de esterilidade e desânimo.

Para ajudar nessa tentativa de usar as celebridades de maneira mais produtiva, deveríamos reconfigurar esse esteio tão terrivelmente equivocado do noticiário: as entrevistas com celebridades. Gênero hoje voltado predominantemente para revelações pessoais e perguntas sem relevância sobre "o novo projeto", mas que no futuro deveria se tornar uma oportunidade de responder a uma pergunta acima de qualquer outra: "O que podemos aprender com essa pessoa famosa?" Não importa que a celebridade atue em um campo diferente do nosso. As lições são transferíveis e as virtudes podem ser aplicadas a outras atividades. A entrevista ideal com uma celebridade nos ajudaria a responder a perguntas como: "Embora eu não jogue tênis, o que posso aprender com a atitude do jogador que

acabou vencendo em Wimbledon apesar de uma marcação de ponto errada por parte do juiz no segundo set?” Ou então: “Embora eu não tenha qualquer ambição artística, como poderia extrair energia para meus planos de carreira do exemplo de um artista multifacetado que domina tantas formas de expressão, da cerâmica à arquitetura?”

Deveríamos parar de tratar as melhores celebridades como aparições mágicas, que só podem ser alvo de admiração vazia ou curiosidade sorrateira. São seres humanos comuns, que realizaram coisas extraordinárias graças ao trabalho duro e ao pensamento estratégico. Devemos considerá-los casos a serem estudados e dissecados com uma questão fundamental em mente: “O que posso absorver dessa pessoa?” O interesse que temos por detalhes das roupas ou da dieta de celebridades deveria ser canalizado para um projeto de crescimento. No noticiário ideal do futuro, toda história sobre celebridades teria, no fundo, um quê de educativa: um convite para aprender com uma pessoa admirável a melhor maneira de nos tornarmos uma versão um pouco melhor de nós mesmos.

7.

ESTAMOS ACOSTUMADOS A pensar que qualquer pessoa que “copie” uma celebridade é triste e não tem autenticidade, mas, em sua forma mais elevada, a imitação baseada na admiração é parte integrante de uma boa vida. Recusar-se a admirar ou não se interessar pelo que pessoas distintas estão fazendo é se isolar, de maneira exagerada e implausível, de um conhecimento importante. A função do noticiário é manter a seção de celebridades empolgante e, ao mesmo tempo, fornecer retratos psicológicos ricos e pedagógicos de determinados indivíduos voltados para interesses nobres, que ativam nossa imaginação por nos ajudarem a enfrentar as falhas de nossa própria personalidade e desatar os nós de nossas ambições. Em sua versão madura, o noticiário sobre celebridades deveria ser um veículo sério e respeitável através do qual aprendemos a nos tornar mais do que somos.

INVEJA

Para um sujeito rico, com um jato particular e um carro esportivo de um milhão de dólares, Elon Musk é de uma tranquilidade e timidez inusitadas. Ele é alto, tem braços longos, mãos grandes e um rosto de menino que muitas vezes parece distraído. Dá para perceber que sua mente nunca para de funcionar. Antes de fundar a SpaceX, em 2002, Musk criou duas empresas pontocom: a Zip2, que vendeu à Compaq, em 1999, por 307 milhões de dólares em dinheiro vivo, e o PayPal, que virou uma companhia de capital aberto antes de ser vendida ao eBay. Musk, o principal acionista, tinha trinta anos. ¶

Wired

1.

O FIM DE semana pode ser o momento das notícias mais brandas: os suplementos coloridos, os blogs sobre tecnologia, design e mídia, as seções de estilo, os perfis e as entrevistas. É então que, mais ou menos depois de uma hora passando os olhos pelos textos, podemos ficar sabendo sobre o chef de 25 anos que administra quatro restaurantes de frutos do mar bem-sucedidos em Lower Manhattan; sobre a marca da moda criada pela filha de um conhecido diretor de cinema; sobre o empreendedor do Vale do Silício que montou uma universidade on-line com 1 bilhão de dólares em capitais de risco do Qatar; sobre o prestigiado artista alemão trabalhando em seu próprio museu, em Berlim; e sobre o antigo banqueiro de Wall Street que vai abrir vinte hotéis "butique" na China — tudo isso em uma manhã que começou com uma sensação de bem-estar, tranquilidade e interesse por questões domésticas, em meio aos raios solares filtrados pela cortina e o canto dos pássaros no jardim lá fora.

2.

VIVEMOS EM UMA época sem paralelo com qualquer outra no cultivo da ideia da oportunidade individual. Durante a maior parte da história, as pessoas viveram e morreram no mesmo degrau da escada social. A profissão dos pais determinava a dos filhos, e não existiam perspectivas de progresso. Os mercados financeiros

eram primitivos, e não havia fácil acesso ao capital. As descobertas tecnológicas surgiam a cada duzentos anos, e as mudanças políticas vinham com frequência ainda menor.

Hoje, como evidencia o noticiário com suas constantes histórias de iniciativa, perseverança, esforço e autorrealização, em tese não há limites para o que qualquer um pode alcançar. Supostamente, tudo é possível para os criativos e tenazes. Neste exato momento, em todos os continentes, os mais inteligentes estão encontrando maneiras engenhosas de arrecadar dinheiro, redigir roteiros, inventar fórmulas e conceber máquinas que alterarão os fundamentos da existência. A resignação satisfeita com uma situação modesta passou a ser vista não só como grave erro, mas possivelmente como indício de doença mental.

Diante das histórias de realização que oferece, o noticiário nos convida a nos sentirmos satisfeitos e maduros: ficamos tranquilos e felizes com os êxitos do magnata; impressionados com o espírito de iniciativa do empreendedor; pensativos e interessados na fama mundial do artista. As agências de notícias que nos advertem para os efeitos colaterais da iluminação estroboscópica, da nudez ou da linguagem vulgar não veem qualquer necessidade de nos preparar para as consequências potencialmente problemáticas de testemunharmos o sucesso dos outros. Esperam que sejamos gratos pela seleção aleatória de vitoriosos que, nesta semana, como em qualquer outra, se empenharam com tanto afinco em nos apresentar. Sugerem que poderíamos nos sentar à mesa da cozinha em um sábado de manhã e, com boa vontade, absorver informações sobre esses titãs e não registrar quaisquer reflexões particularmente negativas ou perturbadoras, apenas uma confortável sensação de prazer diante da pura genialidade e das infinitas capacidades da espécie humana.

3.

NO ENTANTO, BEM lá no fundo, alguns de nós provavelmente estarão cedendo à pressão da inveja, sentindo a dor de nosso ego tragicamente ignorado e a ponto de ser esquecido em um mundo de possibilidades infinitas. Por baixo de uma superfície impassível, podemos estar sofrendo com o contraste entre as expectativas que nos foram incutidas um dia e a realidade do que fizemos com nossa vida, a diferença entre o que outros de nossa idade (e até alguns muito mais jovens) se revelaram capazes de realizar e as conquistas triviais alcançadas por nossa individualidade hesitante, tímida e sem direção. Embora isso possa gerar alguns momentos de melancolia comovente, até a autopiedade deixa de ser interessante depois de certo ponto.

É claro que o pânico existencial não parecerá a reação mais razoável diante de uma reportagem cheia de otimismo e fotos maravilhosas intitulada “Os vinte maiores investidores do Vale do Silício”, mas, depois de passar os olhos em uma matéria dessa natureza, podemos chegar perigosamente perto de atirar o suplemento longe, esmurrar a mesa e, em um soluço de angústia, gritar para um mundo que não está nem aí (ou para o cônjuge surpreso que prepara o almoço): “*Não aguento mais ser eu mesmo!*”

4.

O NOTICIÁRIO DEVE nos ajudar com nossos sentimentos, não fingir que é normal apresentar ao público uma sequência de provas das realizações dos membros mais vitais e inventivos da espécie e ignorar que as pessoas ficarão meio enlouquecidas com isso. Precisa reconhecer que só uma pessoa excepcionalmente sem imaginação reagirá apenas com uma sensação de prazer tranquila e completa ao ler a respeito de alguém de sua idade e sexo que comprou e vendeu empresas, associou-se aos poderosos e atraiu a atenção de milhões de pessoas. Deve ser generoso o bastante para reconhecer que precisamos de ajuda urgente para entender, interpretar e conviver com a inveja que ele provoca com tanta frequência em seus consumidores inocentes e indefesos.

5.

EMBORA A INVEJA sempre tenha sido alvo de críticas ferozes e moralistas, também é uma característica indispensável a uma vida decente. É um chamado à ação que deve ser ouvido, pois contém mensagens distorcidas de partes de nossa personalidade ainda confusas, mas importantes, tentando nos dizer o que devemos fazer com o que resta de nossa vida. Levar a inveja em consideração pode nos ajudar a dar passos dolorosos, mas necessários, para nos tornarmos quem realmente somos.

Portanto, em vez de tentar reprimir a inveja, devemos nos esforçar para conhecê-la. Toda pessoa que invejamos detém uma peça do quebra-cabeça em que se revela nossa possível condição futura. Um retrato do nosso “verdadeiro eu” esperando para ser montado reside nos sinais de inveja que recebemos quando folheamos uma revista, viramos as páginas do jornal ou ouvimos pelo rádio as últimas notícias sobre a carreira de antigos colegas de escola. Embora

no início possamos vivenciar a inveja como algo humilhante e uma confirmação de fracasso, devemos fazer uma pergunta essencial e redentora a respeito daqueles que invejamos: “O que posso aprender com essa pessoa?” É uma pena que as reações de inveja com frequência sejam vagas, confusas e acompanhadas de pânico. Começamos a invejar certos indivíduos em sua totalidade, quando, na verdade, se nos detivermos um momento para analisar a vida deles com calma, poderíamos nos dar conta de que apenas uma pequena parte do que fizeram repercute em nossos passos e deveria orientá-los.

6.

SENTIMOS MAIS INVEJA de uma realização quando sabemos muito pouco a respeito de como ela foi alcançada. Se as agências de notícias fossem mais caridosas, em vez de apenas apresentar as vitórias dos outros como misteriosos fatos consumados, investiriam energia na análise do que as permitiu. Apresentariam as histórias das pessoas bem-sucedidas sobretudo como estudos de caso que pudéssemos entender e emular, em vez de apenas admirar cegamente ou invejar no mau sentido, como acontece hoje em dia.

7.

É CLARO QUE a utilidade da inveja tem seus limites. Em excesso, os lembretes aleatórios do sucesso de outras pessoas podem simplesmente nos aterrorizar, levando-nos à inatividade e, mesmo sem querer, impedindo-nos de pôr em prática algum plano. Para conseguirmos algo por nós mesmos, precisamos estar livres das pressões psicológicas decorrentes das notícias das proezas de outros. Carecemos de fases de introspecção e calma para levar a cabo algo que de fato valha a pena, algo que um dia possa voltar a inveja de alguém em nossa direção.

O noticiário também deve nos ajudar com lembretes das realidades estatísticas. Embora os suplementos estejam constantemente cheios de histórias bem-sucedidas, o sucesso em si sempre será bastante anômalo, alcançado apenas por não mais do que alguns milhares entre muitos milhões — detalhe que os editores tomam o cuidado (e são sádicos ao fazê-lo) de manter longe de nossa imaginação.

Em contraste com o que o noticiário dá a entender, a maioria dos negócios fracassa, a maioria dos filmes não chega a ser realizada, a maioria das carreiras não é brilhante, o rosto e o corpo da maioria não chegam a ser perfeitamente

belos, e quase todo mundo fica triste e preocupado boa parte do tempo. Não deveríamos lamentar nossa condição só porque ela não está à altura de referenciais profundamente irreais, nem nos detestar por nossa incapacidade de desafiar certas dificuldades de tirar o fôlego.

Depois de explorar a inveja ao máximo, deveríamos ter uma chance de nos sentirmos coletivamente confusos com o pouco que conseguimos realizar, em vez de individualmente culpados por isso.

VONTADE DE SER FAMOSO

As celebridades mais poderosas do mundo:

70. Dwayne Johnson, US$ 36 milhões
71. Maria Sharapova, US$ 26 milhões
72. Ben Stiller, US$ 33 milhões
73. Khloe Kardashian Odom, US$ 11 milhões
74. Seth MacFarlane, US$ 36 milhões
75. Charlize Theron, US$ 18 milhões
76. Sofía Vergara, US$ 19 milhões
77. Serena Williams, US$ 13 milhões
78. Alec Baldwin, US$ 15 milhões
79. Janet Evanovich, US$ 33 milhões ¶

Forbes

1.

POR QUE AS pessoas querem ficar famosas? É muito fácil zombar das celebridades, mas de onde vem a vontade de ser famoso? Poucas vezes a fama vem fácil ou por acidente, então o que inspira os enormes sacrifícios exigidos por ela?

2.

NO CERNE DO desejo de ser famoso está uma aspiração tocante, vulnerável e simples: o desejo de ser bem tratado. Não importa o ímpeto secundário proporcionado pelo apetite de dinheiro, luxo, sexo ou poder; na verdade, o que move a vontade de ser famoso é o desejo por respeito.

Se isso não parece ser bem o poderoso combustível necessário para impulsionar os esforços de uma vida inteira exigidos para se tornar e permanecer famoso, nunca devemos subestimar o estímulo negativo representado pelo contrário da fama, a humilhação. Podemos passar a desejar a fama desesperadamente por perceber como é intensa a dor de ser ignorado, tratado com condescendência, relegado a um canto, empurrado para o fim da fila, considerado um ninguém ou convidado a voltar a telefonar dali a algumas semanas. O desejo de ser famoso é uma tentativa de fazer com que nossa dignidade seja respeitada em um mundo em que quase certamente não o será, a

menos que estejamos preparados para recorrer a medidas extremas. Podemos ser iguais perante a lei e as urnas, mas não há garantia de dignidade no tratamento que recebemos no escritório, na vida social ou nas burocracias governamental ou comercial. Sobretudo nas grandes cidades, esses polos de brutalidade em relação ao que é comum, onde a vida não sofre a mediação da influência benéfica de céus infinitos e horizontes a perder de vista, o respeito é um bem escasso e estritamente racionado, e a indiferença é a norma. Não se recomenda pôr os pés em Manhattan ou em Los Angeles sem ter preparado uma resposta bem incisiva e impressionante para a inevitável pergunta: "Você trabalha em quê?"

3.

A FAMA PERMITE às celebridades obter gentileza e respeito dos outros. Um nome famoso pode conseguir em um instante o que seu portador talvez levasse anos implorando com toda a personalidade. Isso poupa muito tempo.

As outras pessoas precisam ser gentis com os famosos porque eles representam emanações do mundo inteiro, da opinião de milhões de seguidores. A fama é o poder escorado por um exército invisível de admiradores. Recusar-se a rir da piada de uma celebridade ou manifestar ceticismo quanto a seu talento é enfrentar não apenas um indivíduo, mas todo o sistema que o ungiu: os julgadores inteligentes que lhe deram o prêmio, as legiões de pessoas que compraram seu álbum, as respeitáveis revistas que a estamparam na capa, todos parte de uma força invisível, mas muito eficaz, que a pessoa famosa pode mobilizar sempre que encontra alguém em uma festa ou é atendida por um funcionário em um balcão. A fama repele quaisquer tendências à mesquinhez oportunista e livra a pessoa famosa de ficar à mercê de estranhos.

4.

MAS NEM TODO mundo precisa tanto da fama. O apetite por ela tende a depender da infância que se teve e do tipo de sociedade em que se vive.

Nos primeiros anos da pessoa famosa arquetípica, existe — quase inevitavelmente — rejeição. Sem ela, não pode haver um anseio constante pela fama. Um dos pais terá sido indiferente, emocionalmente distante, mais preocupado com outro irmão — ou terá morrido. Nos casos mais desesperadores, nos quais a fama se torna sem dúvida uma obsessão, o pai ou a mãe deixou de dar atenção ao filho porque estava envolvido(a) na tentativa de se

tornar famoso ou se associar a quem já fosse.

Entre as idades de zero e dez anos, quando a atenção e a gentileza eram mais importantes, quando essas pessoas ainda eram indefesas e fracas, quando não dispunham de ferramentas sofisticadas além de sua simples existência para atrair o amor dos outros, os famosos ainda em estado embrionário não eram capazes de convencer seus tão necessários genitores de que eram importantes. Eles sofreram um desprezo catastrófico o bastante para moldar a trajetória de uma vida inteira. Quanto mais a pessoa for levada a se sentir invisível, mais precisará ser especial e onipresente quando crescer.

Infelizmente, claro, tornar-se famoso quase nunca permite consertar o desprezo de outras épocas, pois o verdadeiro desejo não é impressionar pelas realizações (cantar, esculpir, fazer negócios, e assim por diante), mas ser amado apenas por *existir*. Assim, é provável que o momento de alcançar a fama seja acompanhado por sentimentos de vazio, pois não corrige a humilhação que iniciou o desejo original de ser famoso. O comportamento autodestrutivo tantas vezes visto nas celebridades é uma articulação confusa da raiva por uma vitória que tem um custo tão alto que não compensa ter sido conquistada. O desejo de destruir uma adulação de muitos que não bastou para compensar o desprezo de uns poucos em um momento fundamental.

Por outro lado, o adulto anônimo feliz, que não precisa ser aclamado e se satisfaz com um emprego modesto, é a verdadeira pessoa privilegiada nesse contexto, pois pôde se deleitar com uma das maiores dádivas ao alcance dos seres humanos: o sentimento de ter sido central no afeto e no cuidado de um genitor. Uma década de amor dos pais pode dotar alguém de força suficiente para enfrentar cinquenta anos de insignificância. A única infância que de fato merece o epíteto “privilegiada” é aquela em que se atendem as necessidades emocionais da criança.

Essa análise tem a vantagem colateral de nos proporcionar um teste decisivo quanto à qualidade de nossos cuidados no papel de pais: basta perguntarmos aos filhos se eles têm vontade de ser famosos.

5.

A INTENSIDADE DO desejo de ser famoso também depende da natureza da sociedade em que se vive. Quanto mais a dignidade e a bondade forem proporcionadas apenas a poucos, mais forte será a necessidade de evitar ser apenas normal. Aqueles que culpam a imoralidade da juventude pelo “culto às celebridades” não estão entendendo a situação. A verdadeira causa desse

comportamento não é o vazio narcisista, mas um déficit de bondade. Uma sociedade em que todo mundo quer ser famoso também é uma sociedade em que, por uma série de motivos basicamente políticos (no sentido amplo), ser comum não é capaz de proporcionar o respeito necessário para satisfazer as pessoas em seu apetite natural por dignidade.

Ao notarmos que o mundo moderno se mostra obcecado com as celebridades, percebemos que estamos vivendo uma época não tanto superficial, mas cruel. A fama tornou-se um meio para alcançar um fim, o caminho mais direto para um tipo de respeito que, em outra conjuntura, poderia ser conquistado de formas menos dependentes do renome e do reconhecimento. Pela bondade, não pelas capas de revistas.

Se quisermos diminuir o anseio pela fama, não devemos começar torcendo o nariz para o noticiário sobre celebridades ou tentando censurá-lo. Temos de começar a imaginar modos de tornar a bondade, a paciência e a atenção mais disponíveis, especialmente para os jovens.

OS MALES DA FAMA

O Superior Tribunal de Londres acaba de decidir que uma coluna satirizando Elton John não constituiu ato de difamação. O cantor e compositor alegava que o artigo publicado no *Guardian* zombava de suas obras de caridade. Segundo ele, o artigo chegava inclusive a fazer piada com eventos importantes, como o Baile da Gravata Branca, dizendo que ele só o organizara para se promover e encontrar celebridades, e não para arrecadar fundos (...) Elton John considerou que o artigo assumia "um tom gratuitamente ofensivo, maldoso e sarcástico". No entanto, o juiz discordou: "Um leitor sensato da seção Weekend do *Guardian* não pode interpretar que o texto objeto de queixa contenha a grave alegação apresentada." Elton John queria indenização e um pedido de desculpas. Em nota, a Guardian News & Media declarou: "Lamentamos que Elton John tenha perdido o senso de humor ao ler o artigo (...) Em nosso país, os jornais publicam sátiras desde o século XVII. A sentença é um importante reconhecimento do direito de, eventualmente, nos divertirmos com um pouco de zombaria." ¶

Perezhilton.com

1.

AQUELES QUE PRETENDEM ficar famosos sonham em se assegurar de um tipo especial de atenção: *a atenção de alto nível*, e com isso imaginam um público receptivo a seu talento e complacente com seus defeitos, um público semelhante a um genitor amoroso, um professor ideal ou um Deus onisciente e generoso.

Então, uma vez famosos, se dão conta de que viraram alvo do tipo mais desconcertante de atenção: aquela em que um amor intenso é seguido de ódio súbito; em que seus lapsos mais insignificantes são tratados com intolerância; em que as fraquezas são exploradas e jamais perdoadas; em que um interesse lascivo envolve questões que não têm a menor relação com o talento que, a princípio, atraiu para eles a atenção da opinião pública; em que os jornalistas já começam com seu besteirol de manhã bem cedo, e fotos embaraçosas aparecem on-line, ridicularizando-o diante de milhões de pessoas rapidamente. Caso se queixem desse tipo de atenção, que pode ser chamada de *atenção de baixo nível*, são logo postos no devido lugar e informados, com alguma declaração hipócrita, de que alguém que corteja a atenção não pode escolher qual tipo receberá, devendo estar preparado para qualquer forma dela e até para fazer por merecê-la.

2.

AS CELEBRIDADES SÃO tão raras e privilegiadas que é preciso algum esforço para

lembrarmos que não constituem uma espécie diferente, que, na verdade, são semelhantes a nós em determinada área: ficam magoadas com grande facilidade.

A necessidade exagerada de aprovação que primeiro as levou a buscar a fama torna-as especialmente despreparadas para enfrentar o sarcasmo e a difamação com que decerto haverão de se deparar quando tiverem renome. Serão obrigadas a entender que sua reputação não pertence apenas a elas, mas é uma cocriação com seu público, sobre o qual exercem um controle incrivelmente indireto e imperfeito. Tentar conduzir uma reputação é mais ou menos tão inútil quanto tentar direcionar uma bolha de sabão. Ao verem os insultos, essas pessoas pensam, apavoradas, que todo mundo terá lido o artigo venenoso e visto as fotos embaraçosas, acreditando sempre na pior versão dos fatos. Quando isso acontece, os medos que as celebridades nutrem a respeito de si próprias e que as levaram a lutar pela fama revelam-se reais: elas são mesmo os monstros que tentaram convencer a si — e ao mundo — que não eram.

3.

ÀS VEZES, UMA atitude de desafio heroico é recomendável nesse momento. Aconselha-se a celebridade magoada a ser a porta-estandarte do próprio significado e a ignorar o que o mundo está dizendo. Mas como alguém poderia ficar famoso sem uma inclinação a se importar um pouco demais com o que os outros pensam?

Uma tática melhor seria entrar na mente do inimigo. A pessoa famosa pode achar que os críticos são motivados exclusivamente por um ódio obsessivo e sem limites e que fizeram suas deduções dilacerantes com base em convicções inabaláveis. Mas, na verdade, em geral seus adversários são apenas imprudentes, indiferentes, acostumados a padrões baixos e habituados a fazer o que os outros fazem. Seu sarcasmo decorre basicamente do fato de ser pouco plausível que a pessoa de quem estão zombando esteja de fato ouvindo e de haver qualquer chance de que ela seja vulnerável. Assim como acontece quando se joga uma bomba a partir de uma grande altitude, a capacidade de ferir os outros aumenta muito quando não é necessário olhar a vítima nos olhos.

4.

OS MOTIVOS PELOS quais precisamos que os outros fracassem e nos deleitamos com fofocas sobre seus deslizes são, no fim das contas, profundamente tristes:

ficamos furiosos com nossa falta de atenção e, assim, tentamos nos destacar punindo aqueles que aparentemente nos privaram do que é nosso. As ambições frustradas nos transformam em fracassados, em pessoas que precisam que os outros fracassem.

A necessidade de fofocar e o desejo de ser famoso decorrem da mesma doença: ambos surgem da falta de atenção. Na verdade, as celebridades estão apenas tentando — embora em um palco e em uma escala muito mais amplos — resolver o mesmo problema com que todos nos deparamos: o de ser ignorados. Pode-se até dizer que as pessoas famosas estão para a falta de atenção exatamente como os destemidos pioneiros da aviação para as viagens aéreas. Embora muitos desses primeiros pilotos morressem em quedas e explosões violentas, o objetivo supremo era que um dia todo mundo pudesse voar em segurança, assim como a expectativa na arena da fama é de que a dignidade um dia se torne mais comum, e o respeito, que hoje ainda é privilégio de poucos, venha um dia a ser devida e democraticamente disseminado.

Ainda estamos tentando entender o que a palavra *democracia* de fato significa. Inicialmente, ela refletia a convicção de que o poder não deve ficar nas mãos de poucos. Precisou-se de muito tempo, um grande esforço de sensibilização e articulação política para que essa ideia se espalhasse e as elites reconhecessem que não ter direito a voto merecia estar entre os males muito concretos que um governante pode infligir a seu povo. Agora, precisamos levar o processo democrático adiante e aceitar que temos outras necessidades não menos urgentes ou importantes que o voto, entre as quais é preciso incluir o direito à dignidade e ao respeito. Devemos nos sensibilizar para as enormes repercussões psicológicas que surgem quando se é intimidado e humilhado. Uma sociedade que constantemente desvaloriza a maioria de seus integrantes será acometida de um forte desejo de ser famoso, misturado com explosões dos ataques mais sarcásticos, vingativos e esquizofrênicos contra os poucos que conseguiram renome.

A solução, tanto para a fofoca perversa quanto para a vontade excessiva de ser famoso, se encontra em uma manobra praticamente inconcebível na organização atual da sociedade: distribuição mais ampla de atenção de alto nível. Com maior acesso a ela, as necessidades obsessivas de insultar os privilegiados e de se destacar da multidão acabariam cedendo, em benefício de todos.

capítulo cinco

Desastre

TRAGÉDIA

Um médico de Manhattan morreu ontem ao cair de seu apartamento, no trigésimo andar de um prédio no Upper East Side. Com base no depoimento de testemunhas, a polícia suspeita de suicídio. O corpo do dr. Sheldon "Shelly" Steinbach, de 68 anos, anestesista, caiu em uma varanda do segundo andar do prédio número 246 da East 63rd Street, às 9h35. "Ouvi um estrondo, nós olhamos lá fora e o vimos. O corpo simplesmente explodiu", comentou Jonathan Kershner, 25 anos, que mora dois andares acima do local onde o médico caiu. "E então chegou um porteiro dizendo que uma mulher estava atrás do marido", acrescentou. Steinbach tinha uma conta no Twitter, mas não a atualizava desde outubro de 2011. Sua descrição na conta é a seguinte: "Sou anestesista em Nova York e estou muito feliz. Casado. Adoro atividades aeróbicas e música." ¶

New York Post

1.

TODA VEZ QUE voltamos a atenção para o noticiário, podemos ter certeza de que vamos nos deparar com relatos detalhados de algumas das eventualidades mais espantosas que podem se abater sobre nossa espécie: um homem deprimido salta pela janela, uma mãe envenena os filhos, um professor estupra a aluna, um marido decapita a esposa, um adolescente atira nos colegas. Podemos contar com o noticiário para mergulhar no caldeirão do horror humano.

Uma reação digna é desviar o olhar e insistir que mortes e traumas dessa natureza são tristes demais e de caráter muito privado para serem submetidos ao exame de estranhos. Dessa perspectiva, qualquer curiosidade parece uma forma particularmente vergonhosa e moderna de patologia.

Motivadas pelo medo da intrusão, as agências de notícias mais sérias adotam um tom reservado em suas reportagens que abordam acontecimentos que submetem a um teste a fé que por acaso ainda tenhamos no bom senso e na decência da humanidade.

Elas deixam para os concorrentes menos dignos, sem muitos escrúpulos, a evocação dos detalhes realmente vívidos dos últimos escândalos: uma imagem bem aproximada do corpo caído na varanda, a cama onde a criancinha foi amarrada ou o facão ainda sujo com o sangue do cônjuge. Sua recompensa por essa disposição de levar a cabo tais investigações é o interesse porventura culpado, mas coordenado e lucrativo, de milhões de leitores e telespectadores.

2.

NÃO É DIFÍCIL caracterizar como inútil e de mau gosto o interesse do público por histórias horríveis. Mas, por baixo da banalidade superficial, deveríamos reconhecer que muitas vezes estamos tentando — de maneira confusa e desarticulada — chegar a algo importante. Ao mergulharmos em narrativas banhadas em sangue, nem sempre buscamos apenas entretenimento ou distração; nem sempre estamos sendo apenas lascivos ou, colocando de forma insensível, nos apropriando de intensidades de sentimento que nossa vida não nos proporciona.

Talvez saiamos em busca desses relatos bárbaros para controlar melhor nosso eu mais civilizado — e em particular para nutrir nossas reservas sempre efêmeras de paciência, autocontrole, perdão e empatia.

Em vez de sermos moralistas e investirmos contra nosso fascínio por eventos hediondos, o desafio deveria passar pelo ajuste da forma como eles são relatados, para que liberem melhor seus benefícios emocionais e sociais — aspectos importantes, mas, com muita frequência, latentes.

3.

TODO ANO, NO fim de março, os cidadãos da antiga Atenas se reuniam a céu aberto no Teatro de Dionísio, nas colinas meridionais da Acrópole, para ouvir as últimas obras dos grandes autores trágicos da cidade. Os enredos das peças eram sempre macabros e podiam ser facilmente comparados a relatos do nosso noticiário: um homem mata o pai, casa com a mãe e fura os próprios olhos (*Édipo Rei*); um homem manda assassinar a filha como parte de um plano para se vingar da infidelidade da mulher do irmão (*Ifigênia*); uma mãe mata os dois filhos para comprometer os planos do marido infiel de fundar uma nova família com outra mulher (*Medeia*).

Em vez de encarar essas histórias como espetáculos grotescos a serem evitados por pessoas sãs, o filósofo Aristóteles examinou o fascínio por elas de maneira bastante generosa em sua *Poética*, escrita aproximadamente em 335 a.C. Segundo ele, quando bem escritas e encenadas com arte, essas histórias podem se tornar elementos cruciais de educação emocional e moral para toda a sociedade. Apesar das barbaridades mostradas, elas podem funcionar como forças civilizadoras.

Contudo, para que um *horror* (uma narrativa de acontecimentos revoltantes sem significado) se transforme no que Aristóteles chamava de *tragédia* (um relato educativo extraído de abominações), o filósofo considerava vital que o

enredo fosse bem organizado e as motivações e personalidades dos personagens, devidamente delineadas. Seria preciso um talento dramático extraordinário para que o público chegasse espontaneamente a um ponto em que fosse capaz de reconhecer que o protagonista insano da história, após agir de maneira impetuosa, arrogante e cega, talvez matando outros e destruindo sua própria reputação e sua vida — aquela pessoa que talvez pudéssemos inicialmente (tendo encontrado a história no noticiário) considerar um psicopata —, era, no fim das contas, bem parecido conosco sob certos aspectos muito significativos. Uma obra trágica alcançaria suas verdadeiras possibilidades morais e edificantes quando o público, contemplando os horripilantes erros e crimes do herói, inevitavelmente chegasse à terrível conclusão: “Eu poderia ter feito a mesma coisa.” A função da tragédia era demonstrar a facilidade com que um indivíduo decente em sua essência e digna de estima pode acabar criando um inferno.

Se fôssemos completamente sãos, se a loucura não tivesse séria ascendência sobre um lado nosso, as tragédias dos outros nos pareceriam muito menos interessantes. Enquanto veiculamos histórias horripilantes nos meios de comunicação, podemos estar explorando, em um nível profundamente inconsciente, questões chocantes, mas importantes: “Se as coisas realmente saíssem do controle algum dia, tarde da noite, e eu me sentisse magoado, exausto e inseguro, seria capaz de matar minha parceira?”; “Se eu fosse divorciado e minha ex-esposa não me permitisse ver os filhos, eu seria capaz de matá-los, em uma vingança cruel e perversa?”; “Eu seria capaz de puxar conversa com alguém menor de idade na internet e, sem me dar conta da gravidade do que estaria fazendo, acabar por seduzi-lo?”.



34. Um homem joga o carro contra sua casa para punir a esposa, Manchester, 2012.



35. Medeia mata o filho para punir o marido, vaso grego, c. 300 a.C.

Nosso fascínio pelos crimes pode ser parte de uma tentativa inconsciente de nos certificar de que nunca os cometeremos.

Para que a civilização tenha continuidade, precisamos, claro, que em todos os casos as respostas sejam um categórico *não*. E aqui reside uma missão das mais sérias para o noticiário: as calamidades que nos são mostradas devem ser apresentadas de maneira a nos estimular ao máximo a *não* fazer as coisas que nossas partes mais caóticas — em circunstâncias extremas — ficariam interessadas em explorar. Pode ser que nunca cheguemos a atirar nossos filhos de uma ponte no fim de um dia de descontrole total nem a matar o cônjuge a tiros durante uma discussão, mas, às vezes, todos ficamos abalados emocionalmente a ponto de essas coisas poderem acontecer. As tragédias nos

lembram de quando e quanto precisamos nos controlar ao nos mostrar o que acontece quando as pessoas não o fazem.

4.

AS TRAGÉDIAS NÃO devem apenas nos ajudar a sermos bons, mas nos estimular a sermos gentis. A probabilidade de que simpatizemos com alguém que mata o cônjuge ou os filhos depende em grande medida da forma como a história é contada: que informações recebemos a respeito dessa pessoa, a maneira como nos apresentam as motivações, bem como o grau de percepção e complexidade com que sua psique é exposta.

Nas tragédias gregas, o coro periodicamente interrompe os acontecimentos para orientar os sentimentos e contextualizar os atos dos personagens. Ele tende a falar com um respeito solene sobre os protagonistas, quaisquer que sejam os pecados que tenham cometido. Essa sensibilidade faz com que poucos membros do público abandonem uma interpretação de *Édipo Rei* por pensar que o infeliz personagem central é um "imbecil" ou um "psicopata".

O noticiário não é tão cuidadoso em suas narrações, e nossos julgamentos, em consequência, são muito mais destemperados e cruéis.

> Foi preso em Teesside um médico que tinha no computador mais de 1.300 imagens de pornografia infantil, inclusive cenas de tortura. A polícia encontrou as imagens "revoltantes" no laptop de James Taylor, 31 anos, de Wensleydale Gardens, Thornaby. Ele trabalhava no Hospital Pinderfields, em Wakefield, e já admitira ver imagens obscenas de crianças. Na última sexta-feira, Taylor foi condenado a um ano e um dia de prisão por um juiz do Tribunal da Coroa de Teesside e está proibido de trabalhar com crianças pelo resto da vida. ¶
>
> **BBC**

À primeira vista, o médico parece não merecer qualquer simpatia. Mas nossa decisão sobre como encará-lo depende fundamentalmente do modo como os fatos do caso são apresentados. Somos capazes de simpatizar com quase qualquer um, se sua história for contada de determinada maneira — *e não necessariamente estaríamos errados* (como Dostoiévski ou Jesus teriam nos lembrado).

No contexto das reportagens, a afirmação pode parecer polêmica e até perigosa, pois temos de jogar com duas ideias que soam opostas: que podemos simpatizar com um criminoso e ao mesmo tempo condenar seu crime com firmeza. O noticiário está implicitamente convencido de que o público não seria

capaz dessa proeza conceitual e de que qualquer simpatia que os meios de comunicação manifestassem levaria o público a querer abrir os portões das prisões e permitir que os assassinos tomassem as ruas. Mantém-se, assim, firme na recusa de proceder às manobras narrativas e psicológicas necessárias para humanizar os criminosos.

Então, ele passa batido por suas histórias. Uma apresentação de *Édipo Rei* pode durar uma hora e meia, mas a notícia sobre o médico tem 304 palavras.

É provável que o sentimento de indignação chegue ao auge ao lermos a manchete:

> Médico colecionava pornografia infantil “revoltante”

Porém, à medida que lemos, nossa certeza pode vacilar. Mais para o fim do texto, somos informados do seguinte:

> Ao ordenar que o nome de Taylor constasse no Registro de Criminosos Sexuais durante dez anos, o juiz disse: “Por causa dessa condenação, não resta dúvida de que sua carreira está acabada.”

Sentimos um calafrio ante a ideia de que sete longos anos de faculdade de medicina possam acabar assim. A reportagem dá uma ideia do pânico que o médico deve ter sentido:

> O tribunal foi informado de que Taylor inicialmente negou qualquer responsabilidade, mas depois reconheceu, nos interrogatórios da polícia, que baixara as imagens.

E do enorme preço que teria de pagar:

> Stephen Rich, advogado de defesa, disse ao juiz, George Moorhouse, que Taylor tinha sido abandonado pela mulher, que levara consigo o filho recém-nascido, e que sua vida desmoronara. ¶

Um adendo nos informa que, na prisão, o homem tentou cometer suicídio. Tudo isso não é menos triste que o enredo de *Madame Bovary* ou de *Hamlet* — e podemos até sustentar que o personagem do médico não é pior. Afinal, Hamlet é um assassino, e Emma Bovary dava sinais de extrema crueldade com crianças. Nós os consideramos figuras “trágicas” — ou seja, merecedoras de certo grau de compreensão complexa — porque imaginamos que devia haver algo inusitadamente nobre e digno em seu caráter e suas circunstâncias. Mas, na verdade, é apenas a generosidade de Flaubert e Shakespeare que eleva Bovary e Hamlet acima dos criminosos comuns, dissuadindo-nos de julgá-los com o mesmo rigor que poderíamos aplicar ao médico preso.

5.

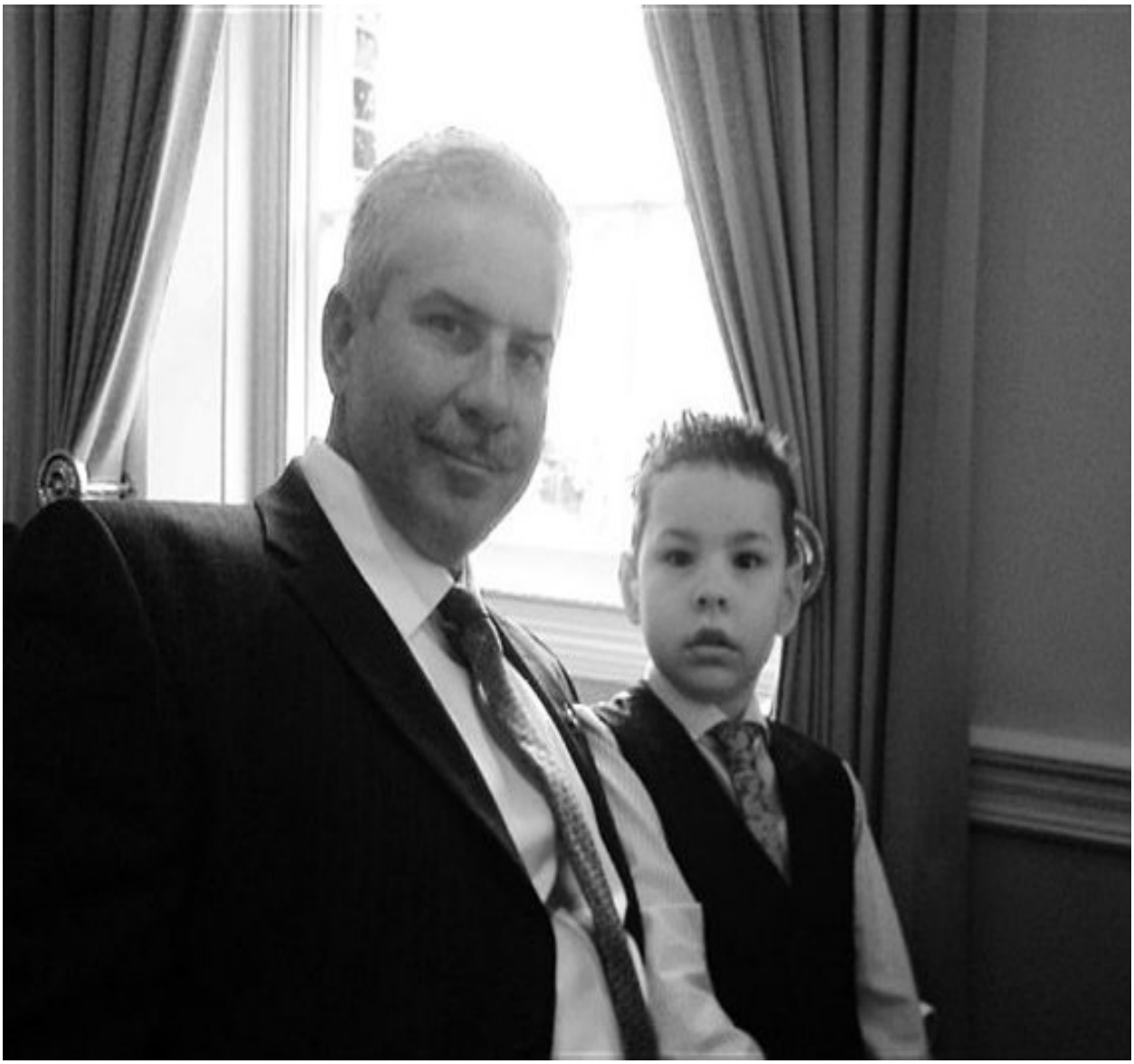
AO RELATAR UMA tragédia, o noticiário tende a apresentar os comportamentos mais terríveis como exclusivos de determinada pessoa. Ele resiste à reflexão mais ampla e à conclusão mais útil: estamos todos a um passo da catástrofe. Devidamente absorvida, essa constatação deveria nos mergulhar em uma tristeza reflexiva e madura. Estamos mais envolvidos nos delitos dos outros membros da nossa espécie do que gostaríamos de acreditar. A ausência de uma ficha criminal é, em grande medida, questão de sorte e de circunstâncias favoráveis, não prova de uma natureza incorruptível. Uma consciência tranquila é apanágio dos que não têm imaginação suficiente. Se a vida, ou o que os gregos chamavam de deuses, realmente resolvesse nos pôr à prova, com toda certeza seríamos apanhados em falta — constatação sobre a qual deveria repousar alguma compreensão em relação aos culpados.

Os autores trágicos da Grécia Antiga nunca se esqueciam disso. Gostavam de nos mostrar como podemos ser depravados, estúpidos, escravos do sexo, furiosos e cegos, mas também abriam espaço para uma compaixão complexa. Por meio dos exemplos que nos deixaram, somos induzidos a aceitar que fazemos parte de uma espécie nobre, mas terrivelmente falha. Uma espécie capaz de proezas notáveis, praticando a medicina com talento ou criando filhos com amor durante muitos anos, para, em seguida, dar meia-volta e jogar tudo para o alto em um único ato impensado. É de dar medo.

6.

OS GREGOS ANTIGOS viam peças trágicas uma vez por ano, em uma época específica, em um contexto particular e com algum conhecimento do sentido mais amplo da obra.

Por outro lado, quase todos os dias absorvemos histórias trágicas por meio do noticiário, mas raramente nos damos conta de que fazem parte de um ciclo narrativo coerente, com uma moral a transmitir. O noticiário não nos ajuda a situar em um único gênero todos os incidentes em que se perde o controle e se libera o monstro interior. Não junta, como deveria, todos os variados contos de horror na mesma categoria da “Tragédia”, para em seguida narrá-los de tal maneira que possamos reconhecer nossas tendências latentes nos atos ensandecidos dos protagonistas sanguinolentos.





36-37. O pai com o filho — e o carro em que viria a matar a criança.

Depois de tentar superar o fim de seus dez anos de casamento com Erica, o sr. Pedersen matou os dois filhos — Ben, de sete anos, e Freya, de seis — e em seguida cometeu suicídio. Os corpos de Ben e Freya Pedersen foram encontrados apunhalados perto do corpo do pai, após o crime ocorrido na noite de domingo. O sr. Pedersen havia se divorciado recentemente da esposa, de 43 anos. Ele levou as crianças para uma estrada rural distante, em Hampshire, onde estacionou o carro. Enlouquecido, depois de apunhalar as crianças até a morte, em um crime "pavoroso", o sr. Pedersen voltou o facão maior contra si e o enterrou três vezes no peito e uma vez no antebraço. Os corpos foram encontrados por um transeunte que levava o cachorro para passear e viu o Saab conversível do sr. Pedersen e a perna de uma criança. ¶

Daily Mail

7.

NO FIM DAS contas, boa parte do noticiário é um relato sobre pessoas de toda parte do mundo, em todo tipo de situação, fazendo as coisas de forma muito errada.

Elas não conseguem dominar as emoções, conter as obsessões, distinguir o certo do errado e se comportar corretamente enquanto ainda há tempo. Não devemos desperdiçar seus fracassos. Assim como a literatura e a história, o noticiário pode ser o mais vital dos instrumentos, um “simulador de vida” — ou seja, uma máquina que nos insere em uma série de cenários que vão muito além de qualquer coisa que pudéssemos ter de enfrentar na vida cotidiana, dando-nos a oportunidade de preparar nossas melhores reações de maneira segura, ao nosso bel-prazer.

Mas em geral o noticiário não nos ajuda a aprender com as experiências de nossos semelhantes mais desventurados; não tenta nos poupar, nem poupar nossas sociedades, da plena força do erro a cada nova oportunidade. Se, como já vimos, é necessário aprendermos com o exemplo de figuras inspiradoras e imitá-las para ter uma boa vida, não é menos importante empreender um estudo atento daqueles cujo comportamento deve nos assustar e horrorizar, deixando-nos de sobreaviso. São os dois lados da mesma moeda do crescimento e do desenvolvimento, e, embora ainda não esteja em sua pauta, ajudar-nos nesses dois aspectos faz parte do escopo do noticiário.

ACIDENTE



38. Um pai que levava a filha à escola, em Derbyshire, morreu quando seu carro derrapou em um rio congelado, minutos antes da esposa, que também levava o filho à escola, cair com o carro na água. As duas crianças e a mãe saíram ilesas, mas as desesperadas tentativas dos moradores locais não salvaram o pai, que morreu no hospital. Ele passava por uma trilha de cavalo ao norte da rodovia A6 quando o Toyota Aygo saiu do caminho e afundou no rio Wye. ¶

Huffington Post

1.

É, NATURALMENTE, UMA história apavorante. A vítima tinha apenas 42 anos, e ficou na lembrança dos amigos como um “pai, marido, irmão e filho amoroso”. Para nos deixar ainda mais chocados, a notícia detalha a luta desesperada da família para se desvencilhar das águas geladas do rio, relata as vãs tentativas dos vizinhos de resgatar o motorista do carro capotado e revela a decisão fatal e de última hora tomada pelos pais, ao optarem por essa traiçoeira estrada estreita, em vez da rota habitual, mais ampla e segura. Bastou um pedaço de gelo negro, uma fina camada deslizante que cobre o asfalto, para destruir uma vida. Poderia ter sido mais uma manhã como outra qualquer. O acidente dominou as manchetes na Grã-Bretanha durante várias horas em um dia de janeiro (até que um avião explodiu em chamas pouco depois de levantar voo, no Nepal).

O desastre faz parte de uma segunda categoria de más notícias, igualmente irresistível e popular, que se diferencia da tragédia no sentido de que, nesse caso, não há nenhuma pessoa específica a quem culpar. As causas da calamidade não se encontram em fatores ou distúrbios psicológicos na mente dos protagonistas; elas residem na vulnerabilidade de nossa espécie aos acidentes, na extrema fragilidade de nossa constituição e no caráter imprevisível da natureza. Com isso, somos lembrados de que tudo que nos separa do fim pode ser uma fagulha perdida, um germe teimoso, uma telha solta ou mesmo uma forte rajada de vento.

2.

MAIS UMA VEZ, o paradoxo inicial é: por que nos interessaríamos tanto por essas histórias de acidentes, quando seria mais lógico partir do princípio de que relatos mais felizes poderiam nos acalentar com mais facilidade ou de que a coragem de prosseguirmos com nossas vidas pode ser mais estimulada no contato com aspectos positivos e agradáveis da experiência humana?

Embora os benefícios das boas notícias possam ser óbvios quando se trata de nossas vidas, fica evidente que não se aplicam no momento de ouvir a respeito da vida dos outros. Extraímos benefícios bem peculiares, embora inegáveis, do contato com o sofrimento de estranhos.

Talvez isso ocorra porque todos somos, em algum lugar lá dentro, desconfortavelmente tristes e desiludidos. Nutrimos em silêncio muita coisa sombria. Ao mesmo tempo, vivemos em sociedades que não param de promover imagens de ambição e felicidade, de relacionamentos bem-sucedidos, carreiras lucrativas e empreendimentos de sucesso, em sua maioria dolorosamente fora de alcance.

É justamente o impacto incessante dessas imagens de realização que as notícias de desastres ajudam a aliviar. Acidentes, cânceres, explosões e incêndios relativizam nossos fracassos. A calamidade traz, em seu cerne, uma mensagem útil: *a humanidade sofre*. É essa moral que nosso inconsciente apreende e aplica às especificidades de nossos sofrimentos (que podem não passar da rejeição a uma proposta de negócios ou de um insulto ao ego da parte de um inimigo). As diferenças de proporção entre nossas dificuldades e as da vítima do acidente podem parecer obscenas, mas também são (em caráter privado) extremamente úteis. O alcance exagerado da dor suportada por alguém serve para colocar nossos problemas em perspectiva. Passamos a sentir uma nova gratidão por certos privilégios básicos que perdemos de vista quando sentimos inveja ou frustração. Quaisquer que sejam nossas decepções, não acabamos de perder um parente em um acidente de carro, conseguimos evitar um vírus fatal, e nossa casa ainda está de pé. Mergulhar em relatos de infortúnio pode nos ajudar a adotar uma atitude mais construtiva e generosa em relação a nós mesmos e aos outros. Paradoxalmente, a expansão da tolerância e uma dose de esperança podem ser estimuladas por notícias de sofrimento extremo.

3.

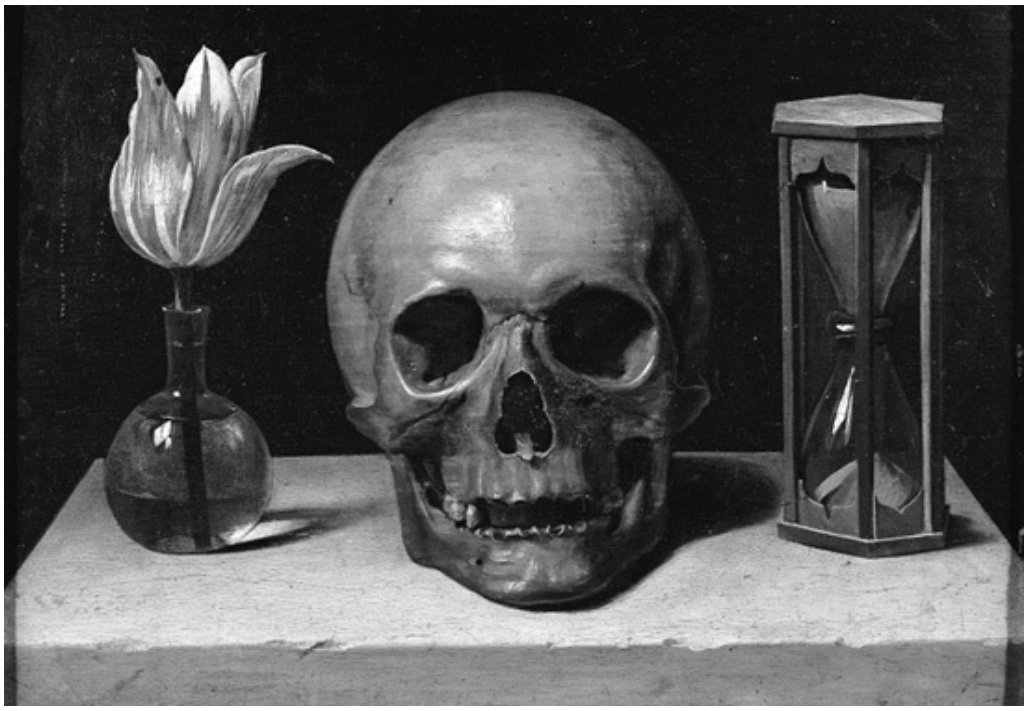
OS ACIDENTES MAIS pavorosos têm ao mesmo tempo a função de redirecionar a atenção. Boa parte do que nos perturba no dia a dia carece de relação com aquilo

que, em última análise, confere significado a nossa vida — e, no entanto, esses motivos de estresse absorvem nossas energias com intensidade feroz. Lembretes muito vívidos da mortalidade questionam nossas obsessões banais. Em contraste com nosso limitado tempo de vida, a verdadeira insignificância de certas preocupações ganha ênfase, e nossas tendências narcisistas e frívolas podem ceder diante dos aspectos mais verdadeiros e importantes.

As notícias de acidentes nos obrigam a reconhecer que, se a vida é assim, tão frágil, se realmente não temos qualquer garantia de ainda dispor de décadas pela frente, não queremos ser um daqueles que passam a tarde discutindo com um ente querido, que se recusam a perdoar um amigo por uma transgressão sem importância ou que negligenciam um talento genuíno em benefício de uma sinecura que só traz infelicidade. A ideia da morte tem o poder de reordenar nossas prioridades, trazendo de volta à tona nossas partes mais valiosas, que tendem a ficar submersas nas lutas do dia a dia. A constatação daquilo que realmente deve ser temido é uma oportunidade de, assustados, passarmos a viver da maneira que sabemos — bem no âmago do nosso ser — que deveríamos.

A ideia de que a consciência da mortalidade deve contribuir para conferir novo significado à vida é de longa data. Durante séculos, na Europa, os gabinetes de trabalho e os quartos de dormir dos poderosos frequentemente eram decorados com um crânio humano, fosse real ou pintado, em posição de destaque para chamar a atenção e a qualquer momento interromper as elucubrações de quem tramasse uma vingança mesquinha contra um rival ou se preparasse para cometer adultério.

O noticiário nos oferece a oportunidade de usar suas histórias sombrias como a versão moderna desses crânios. Aliás, seria proveitoso que essas histórias fossem reunidas na categoria “Vanitas”, para não restar dúvida quanto à moral que se deve extrair delas. Deixariam, então, de ser meros registros da dor privada e nos ajudariam a abraçar a tarefa muito mais importante de viver, de acordo com nossos verdadeiros talentos e interesses, aqueles preciosos momentos que por acaso ainda nos restem antes de nosso tempo acabar devido à queda de um galho de árvore.



39. Philippe de Champaigne, *Vanitas*, *c*. 1663.

QUEDA DE GALHO DE ÁRVORE MATA MULHER NA HORA

Erena Wilson, gerente de contabilidade neozelandesa, sofreu “ferimentos fatais na cabeça” no domingo, ao ser atingida por um galho de cedro-do-líbano arrancado pela ventania no Jardim Botânico Real de Kew, sudoeste de Londres. Ela passeava pela popular atração turística com dois amigos quando foi atingida. Os amigos da vítima, de 31 anos, disseram ter ouvido um forte estalo pouco antes de se darem conta de que um galho estava caindo. Saíram correndo, mas, ao olhar para trás, viram a amiga caída no chão. Apesar das tentativas de reanimação dos paramédicos, a srta. Wilson morreu no local. A família afirmou estar “inconsolável”. Os colegas lamentaram a perda de uma “estrela”, com um futuro brilhante pela frente. “É difícil encontrar palavras para expressar como nos sentimos depois do trágico falecimento de nossa colega e amiga Erena Wilson”, disse Gez Lowry, gerente de recursos humanos na empresa onde ela trabalhava. ¶

Daily Telegraph

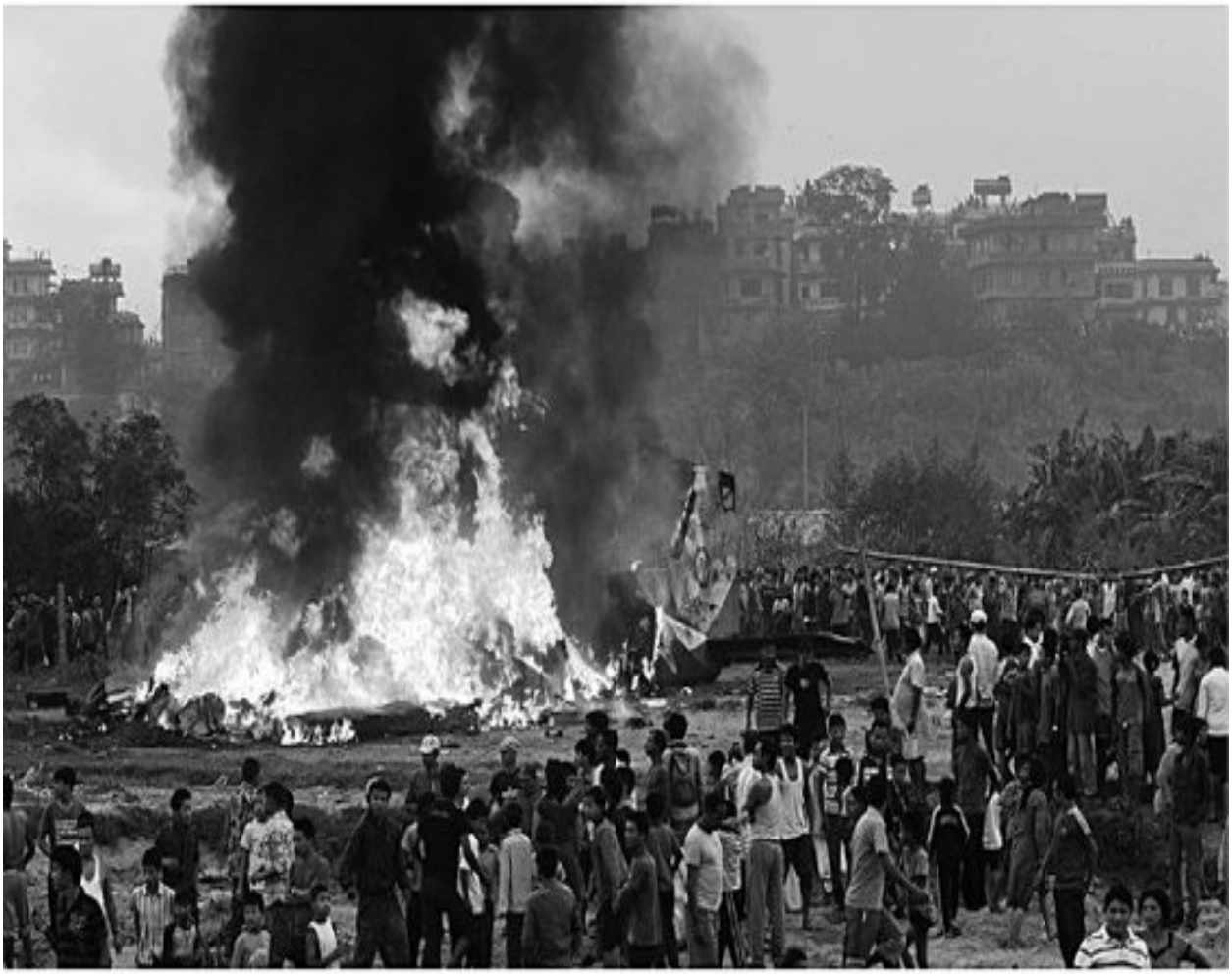
4.

MAS TAMBÉM DEVEMOS ter cuidado para não permitir que os dramas dos outros tenham um efeito contrário e menos útil sobre nós. Em vez de chamar nossa atenção para prioridades negligenciadas, essas histórias também podem nos distrair das preocupações mais relevantes. As proporções, a vivacidade e o caráter imediato dos desastres no noticiário lhes conferem o poder de abrir caminho até o primeiro plano da nossa consciência, onde se acomodam com

insistência, exigindo atualizações a cada dez minutos (as quais o noticiário devidamente nos fornece) e, assim, obscurecendo o chamado das preocupações muito mais discretas, porém mais relevantes, que devemos encarar dentro de nós mesmos. Quando um avião cai no Nepal, podemos reagir, de maneira reflexiva, como um investigador de acidentes aéreos ou um parente em pânico, em vez de lembrar apenas que, na verdade, o fato não nos diz respeito — e seria melhor passarmos o dia olhando para o nosso interior, tentando interpretar as leves pulsações de ansiedade de que a gestão de nós mesmos depende de fato.

Uma vida equilibrada requer uma curiosa combinação de preocupações interiores e exteriores: precisamos internalizar a mensagem genérica que provém dos acidentes dos outros — ou seja, a de que somos extremamente frágeis e temporários —, sem, contudo, mergulhar tão fundo nos detalhes a ponto de permitir que as calamidades dos estranhos se transformem em desculpas ou meios para fugir às responsabilidades perante nós mesmos. Devemos registrar a tristeza e a dor com que o noticiário tenta nos confrontar a cada momento, mas sem nos fixarmos nelas.

Estamos tão acostumados a associar a condição humana ao simples ato de sentir que podemos perder de vista que o fato de deixar de sentir pode eventualmente ser uma proeza necessária. Em vista dos limites de nossa capacidade emocional e de concentração, o nível necessário de envolvimento com nós mesmos, bem como com o punhado de pessoas que depende fundamentalmente de nós, muitas vezes implicará uma restrição calculada da simpatia e do interesse pelos outros. Em outras palavras, precisamos ter o devido reconhecimento (de modo algum psicopata em sua natureza) de que não importa o que o noticiário possa indicar e quão urgentes, alarmantes e tocantes seus relatos sejam: os problemas que ele apresenta nem sempre são nossos.



40. INFERNO EM AVIÃO NO NEPAL

Um avião que levava dezenove pessoas para o monte Everest caiu e pegou fogo nas imediações da capital do Nepal, nessa sexta-feira, matando todas as pessoas a bordo, entre elas sete britânicos e cinco chineses, de acordo com a polícia. O avião Sita Air de duas hélices acabara de decolar de Katmandu em direção à cidade de Lukla quando caiu nas margens de um rio perto do aeroporto da capital, por volta do amanhecer. Testemunhas disseram ter ouvido gritos dos passageiros e visto chamas em uma das asas do avião momentos antes de a aeronave atingir o solo, e autoridades aeroportuárias informaram que o piloto relatara o choque com um pássaro pouco depois da decolagem. “Ouvíamos as pessoas lá dentro gritando, mas não podíamos jogar água no avião para apagar o fogo, por medo de que os motores explodissem”, disse Tulasha Pokharel, dona de casa de 26 anos, uma das primeiras a chegar ao local. ¶

Agence France-Presse

NATUREZA

Daqui a algumas horas, a região fronteiriça entre Nova York, Nova Jersey e Connecticut será atingida por uma nevasca recorde, com ventos extremamente fortes. O Serviço Nacional de Meteorologia emitiu um alerta de nevasca para toda a cidade de Nova York, Long Island, a região nordeste de Nova Jersey, Connecticut e o sul do condado de Westchester. O acúmulo de neve deverá oscilar entre cinquenta e sessenta centímetros, com as maiores quantidades ao norte e a leste da cidade de Nova York. As prateleiras estão vazias em muitos mercados, pois a população se apressou para estocar suprimentos básicos antes da chegada de uma supertempestade que pode forçar todos a ficar dentro de casa por muitos dias. ¶

CBS News

1.

...Bastante nublado e quente, permanecendo sem chuva na maioria das regiões durante a noite, mas com possibilidade de chuva fraca ou garoa, especialmente a leste...

Em geral, não damos muita atenção ao clima. Ele se comporta mais ou menos como deveria e portanto fica de fora do noticiário. É até raro olharmos para o alto por muito tempo. Decerto não seguimos o exemplo de John Constable, que, todos os dias, durante certos períodos entre 1821 e 1822, passava horas nas encostas de Hampstead Heath, examinando atentamente as evoluções do céu e produzindo 150 estudos precisos e de beleza sutil, em guache, giz de cera e óleo, representando as formas vaporosas que passavam sobre sua cabeça — em um processo de observação dedicada que chamava de “skying” [firmamentar].

Por outro lado, nossos olhos estão fixos no drama humano aqui embaixo: quem foi promovido, em que direção podem ir os preços das ações, como se resolveu o impasse orçamentário. O que fica acima de nós na atmosfera é simplificado todos os dias em ícones muito apreciados pelos meteorologistas, os quais, em seu ingênuo reducionismo, estão para as sutilezas do céu mais ou menos como as notícias para as complexidades da vida.



2.

...Neste momento, a tempestade de neve está evoluindo na direção nordeste, ameaçando vinte estados e 160 milhões de pessoas...

Até o dia em que a natureza nos obriga a prestar atenção em uma de suas calamidades: um tornado, uma enchente, uma nevasca, um *tsunami* ou outro tipo de apocalipse restrito a um lugar.

No caso dessa tempestade de neve, os meteorologistas mapearam muito bem o monstro. No Centro Nacional do Clima, um supercomputador Power 7 da IBM, cujo desempenho de processamento pode chegar a um petaflop, mantém o espectro glacial bem à vista, embora a capacidade de prever o que acontecerá não confira aos especialistas qualquer poder para alterar as intenções implacáveis da natureza.

Sete grandes aeroportos foram fechados, e cerca de oito mil voos foram cancelados ou atrasados. Todas as principais rodovias da região foram fechadas. As aulas, suspensas. Linhas de transmissão caíram.

O governador de Nova Jersey apareceu na televisão, referindo-se à tempestade como uma “catástrofe iminente”. Mas não foi apenas isso. Ela também teve algumas das qualidades muito próprias e não inteiramente desagradáveis de uma breve guerra vencida por nós mesmos.



41. John Constable, *Estudo das nuvens*, 1821.

3.

...Moradores de North Canaan, Connecticut, entre eles crianças de colo, ficaram sem energia nas primeiras horas da manhã e tiveram de ser evacuados pelos serviços de emergência para hotéis nas proximidades, onde ainda se encontram...

De certa forma, viver é uma emergência, mas em geral nossas dificuldades precisam ser ocultadas com primor. As ansiedades vão crescendo dentro de nós, mas, por fora, temos de sorrir e dar respostas animadas às perguntas sobre como nos sentimos. A tempestade põe um fim temporário a essa farsa. Com o vento

uivando lá fora, somos autorizados a nos preocupar e, com alívio ainda maior, a voltar nossas preocupações para algo grande, objetivo e (por mais estranho que pareça às equipes encarregadas de tirar a neve das vias) relativamente *simples* — pois, no fim das contas, é mais fácil cavar, resgatar, salvar e ressuscitar do que enfrentar os desafios daqueles dias mais tranquilos e compassados em que temos de encarar sozinhos a responsabilidade de garantir o sustento, continuar apaixonados, criar crianças mentalmente sãs e não desperdiçar nossa breve vida.

A tempestade também nos ajuda a reconectar com outras pessoas. Em períodos normais, não podemos presumir o que passa pela cabeça delas, mas agora dispomos de um ponto de conexão e comunhão prontinho com quase todo mundo. Em geral, nossa impressão sobre como são as pessoas, em grande medida induzida pelos boletins de notícias, pode levar à conclusão de que todos devem ser assassinos ou pedófilos, mas, durante a tempestade, dificilmente as coisas nos parecem assim. Na verdade, aqueles que vemos ao redor evidenciam certa tendência a agasalhar cães tremendo de frio, distribuir sopa para os sem-teto e ajudar estranhos a desatolar seus utilitários na neve. Em uma paisagem de quilômetros de brancura polar, o valor de qualquer semelhante ganha destaque. Os critérios de compatibilidade caem ao modesto nível em que talvez devessem permanecer sempre. Exatamente como acontece quando estamos bêbados, temos a sensação de que poderíamos amar qualquer um.

4.

...Algumas das maiores nevascas incidem perto da Floresta Nacional de Allegheny e na região em torno de DuBois e Slippery Rock...

Há certa poesia nos nomes de regiões remotas do país que nunca visitamos e talvez nem suspeitássemos que existissem. Vêm à lembrança obras de arte naïf representando propriedades rurais distantes, caixas d’água, celeiros pintados — um modo de vida antigo no qual as pessoas lidam com gado e flores, no qual vivem sem pressa. Uma repreensão aos nossos hábitos urbanos ignorantes e excessivamente confiantes do ponto de vista tecnológico.

5.

...As autoridades informam que a nevasca levou ao fechamento total do aeroporto. Mais cedo, as condições climáticas tinham reduzido o tráfego aéreo a uma única pista, mas os técnicos de manutenção encontravam problemas para

enxergar uns aos outros em meio à neve.

Está tudo de cabeça para baixo. Aviões que normalmente sobem a mais de 35 mil pés estão perfilados no aeroporto, imobilizados debaixo de pesadas camadas de neve. Um piloto se exibe tentando desencavar um Airbus A320 com uma pá. A energia cai na sede de uma empresa de seguros, e os empregados, em geral sensatos, saem para fazer bonecos de neve. Após a água congelar no encanamento de um hotel de luxo, os hóspedes trocam o conforto e o isolamento de seus quartos pela socialização nas luzes chapadas de um rinque de patinação.

A natureza nos põe no devido lugar. Somos forçados a nos sentir pequenos, o que não é algo de que gostemos quando outra pessoa nos mostra isso, mas sermos lembrados da insignificância do nosso ser por algo tão maior que nós mesmos não é humilhante. Nosso ego, exausto com a consciência de cada pequeno insulto e constantemente comparando suas vantagens com as dos outros, pode até ficar aliviado ao, enfim, ser posto no devido lugar por forças tão poderosas e fora do alcance de qualquer ser humano.

Em épocas passadas, seríamos postos no devido lugar pela ameaça do divino. Os deuses esmagariam nossa arrogância, lembrando-nos com vozes trovejantes do nosso lugar. Em uma era tão secular, contudo, cabe à natureza, e especialmente ao chamado “mau tempo”, assumir esse papel, e cabe ao noticiário espalhar a notícia. São as frentes frias e a pressão atmosférica que nos lembram de que — não obstante nossas máquinas inteligentes e nossa engenhosidade — ainda somos fracos e às vezes precisamos aprender a simplesmente nos render aos acontecimentos. Reclamamos e nos afligimos, mas não temos opção: sucumbimos ao sabá meteorológico forçado.

Ao longo da costa leste, as antenas de telefonia celular não funcionam; a energia caiu; os caminhões estão paralisados; os supermercados, fechados; a neve cai no Central Park e acrescenta outra camada sobre os pinheiros da floresta Mohawk. É um desastre, uma calamidade, a pior tempestade em uma geração: o noticiário não mente. Mas poderia acrescentar que esse desastre também é uma lição de sabedoria. Nossa sociedade tecnológica, tão certinha e marcada por seu solipsismo constante e competitivo, já fez mal o bastante a todos nós para que não nos importemos tanto assim quando, pelo menos uma vez, ela é um pouco maltratada pela mão incrivelmente indiferente da natureza.



42.

NOTÍCIAS DE SAÚDE

Durante muito tempo, o chá verde e o vinho tinto foram considerados possíveis armas contra o câncer, e agora novos indícios revelam que componentes de ambos podem contribuir para o combate ao mal de Alzheimer. Pesquisadores de universidades constataram que substâncias químicas naturais — o EGCG no chá verde e o resveratrol no vinho tinto — podem impedir uma etapa decisiva no avanço da doença. Usando extratos purificados de EGCG e resveratrol, os pesquisadores interromperam um processo pelo qual aglomerados nocivos de proteínas se unem a células do cérebro. ¶

CTV News

1.

EMBORA DEDIQUE BOA parte de sua energia a nos informar sobre as condições horripilantes em que vários indivíduos recentemente chegaram ao fim, na área a que dá o nome de “saúde” o noticiário assume um projeto muito diferente. Ele coleta informações para nos ajudar na tarefa de viver durante muito tempo e quem sabe até para sempre, embora não chegue a ponto de dizê-lo com todas as letras. Apresenta-nos a cientistas permanentemente dedicados a reinventar a existência. Eles estão empenhados em criar robôs microscópicos para viajar por nossas veias; sintetizar medicamentos para regular o humor; mapear os genes; clonar nossos órgãos e membros; e reavaliar a vocação para dar ou tirar a vida dos alimentos e remédios do cotidiano, especialmente o vinho, o azeite de oliva e a aspirina.

2.

VIVER NA MODERNIDADE — uma época contemporânea ao triunfo do noticiário — é ser lembrado a todo tempo de que, graças à ciência e à tecnologia, a mudança e o aperfeiçoamento são constantes e inexoráveis. Em parte, é por isso que precisamos sempre assistir às notícias: a qualquer momento, podemos ser informados de algum acontecimento extraordinário destinado a alterar a essência da realidade. O tempo é uma flecha fazendo uma trajetória precária, rápida e,

ainda assim, irresistivelmente ascendente.

Nas sociedades pré-modernas, por outro lado, as pessoas encaravam o tempo como uma roda. A vida era inelutavelmente cíclica. As verdades mais importantes eram recorrentes; não se podia evitar nem interromper o ciclo. Ainda que fosse tecnologicamente possível ter acesso regular às notícias, não teria sido muito necessário do ponto de vista psicológico. As sociedades que encaram o tempo como uma roda, não como uma flecha, não sentem a necessidade premente de checar as manchetes a cada quinze minutos.

3.

SOMOS MAIS IMPACIENTES — e otimistas quanto ao futuro. A promessa subjacente e não dita das notícias sobre saúde é que a ciência pode um dia descobrir a cura para tudo, inclusive a morte.

Poderia ser mais simples se essa pretensão implícita fosse categoricamente falsa. Porém a realidade é mais complexa. Um dia, quem sabe daqui a 780 anos, revelaremos os mistérios do envelhecimento e das doenças. Só que será tarde demais para você e para mim. No que tem de mais fundamental, nossa vida está fadada a seguir o mesmo ciclo conhecido pelos nossos antepassados.

Apesar do interesse básico pelo macabro, o noticiário se recusa a ser sombrio ou pessimista ao informar sobre questões relacionadas à “saúde”. Continua tratando as últimas descobertas sobre o vinho tinto, a terapia genética e os benefícios da ingestão de nozes com uma reverência supersticiosa não muito diferente da que podia, em outras épocas, apossar-se de um devoto peregrino católico ao tocar a tíbia de Maria Madalena — ambos agem na esperança de assegurar proteção divina permanente. Em vez de enfrentar sem rodeios a inevitabilidade da decadência, o noticiário prefere explorar as vantagens recém-descobertas de beber suco de toranja e usar meias de algodão apertadas em viagens aéreas de longa distância.

Em meio ao apetite por homicídios e explosões, o noticiário mantém-se inutilmente melindroso no que diz respeito à mortalidade. Seu pendor para transformar a morte em espetáculo nos dissuade de aceitá-la como uma realidade cotidiana. Somos arrastados do local onde a bomba explodiu para a cena ainda fumegante do desastre aéreo, mas é raro sermos apresentados ao funcionamento diário do coração de um octogenário perdendo a força.

Antes de o noticiário as expulsar de nossa consciência, as religiões posicionavam a tarefa de nos preparar para a morte no centro de sua missão coletiva. As necessidades e os medos que outrora levávamos aos locais de culto

não desapareceram nessa época secular: continuamos atormentados pela ansiedade e por um desejo de conforto em relação à mortalidade. Mas essas emoções não são muito reconhecidas em público — pelo contrário: são deixadas para nos assombrar nas madrugadas, ao passo que, nas partes mais práticas e funcionais do dia, o noticiário continua atraindo nossa atenção com um entusiasmo ensandecido para as recém-descobertas propriedades anticarcinogênicas do mirtilo e de uma colher de chá diária de óleo de nozes.

capítulo seis

Consumo

GASTRONOMIA, VIAGEM, TECNOLOGIA...

O fígado fatiado servido em torradas tinha um sabor defumado, assim como o pão sírio chamuscado em uma frigideira para ficar escurecido em alguns pontos e depois recoberto com camadas de cogumelos silvestres temperados no alho. O melhor foi a fritada de lula, anchova e camarão (...) Como o chef da casa trabalhava no Bocca di Lupo, outro restaurante da região, não foi surpresa que a farelenta e rústica linguiça *cotechino* com repolho *sauté* e mostarda estivesse excepcional. ¶

Observer

1.

O NOTICIÁRIO ESTÁ intimamente ligado ao funcionamento da “sociedade de consumo”. Todos os dias, uma parte nada desprezível de sua produção empenha-se em nos informar sobre objetos e serviços que se enquadram em categorias como Gastronomia, Viagem, Tecnologia, Moda, Automobilismo e Decoração. O noticiário se esforça para ser útil, para nos poupar de erros e nos ajudar a fazer compras mais acertadas e satisfatórias.

Existem correntes que desaprovam enfaticamente nosso desejo de consumir. O apetite moderno para a aquisição de coisas muito além do estritamente necessário para sobreviver é, com frequência, considerado fútil, prejudicial ao planeta, leviano, ganancioso e, em uma palavra que resume todos os insultos, *materialista*.

Entretanto, considerando-se a grande parte dos recursos de nossas sociedades que é empregada na manufatura e na venda de bens não essenciais, talvez não seja supérfluo tentar assegurar que nossos atos de consumo se deem da melhor forma possível. O noticiário tem uma função importante no sentido de nos ajudar a gastar bem o dinheiro.

2.

NO CUMPRIMENTO DA missão a que se impôs, o noticiário tende a examinar e

relatar três coisas: primeiro, o que está disponível no mercado; segundo, quanto custa; e terceiro, se é de qualidade ou não.

Com essas finalidades, envia jornalistas ao restaurante para experimentar a salada de pera, gorgonzola e chicória; ao hotel para avaliar o *spa* de fim de semana com tudo incluso, bem como à feira de produtos eletrônicos para testar o navegador e a câmera do novo smartphone.



43. Pargo de alto-mar sendo analisado.

Com certeza são questões importantes, mas restringir o noticiário de consumo a essas investigações de ordem prática é passar por cima de uma característica essencial da motivação que temos para comprar determinadas coisas. Os tipos de compras examinados no noticiário costumam ser de uma ordem muito além da pura necessidade. Ao adquirirmos esses bens e serviços, dificilmente buscamos apenas satisfação material — esse nem mesmo é o sentimento principal. Somos guiados por um desejo mais profundo e, não raro, inconsciente de alguma forma de transformação psicológica. Não queremos só *possuir* coisas, queremos ser *transformados* ao possuí-las. Quando examinamos o comportamento do consumidor com atenção e generosidade suficientes, fica claro que de modo algum somos afetados por um materialismo incorrigível. O que distingue nossa época é o desejo que temos de tentar alcançar uma série de metas psicológicas complexas por meio da aquisição de bens materiais.

3.

Poucos pratos são tão básicos e satisfatórios quanto um simples pargo grelhado, servido em uma mesa de madeira lisa, com guardanapos xadrez e talheres robustos e arranhados. A carne tinha a consistência ideal, acrescida apenas de um pouco de sal marinho, uma salsa bem cortadinha e um toque de limão...

O principal motivo para nos deslocarmos até o restaurante novo no centro da cidade é a vontade de comer alguma coisa. Mas uma parte substancial e talvez decisiva do desejo tem um fundamento menos mundano, mais levemente psicológico: queremos absorver os valores do restaurante. Queremos (em um sentido vago) *nos tornar como ele*: Descontraído, Digno, Sociável, Feliz com a Simplicidade, Em Contato com a Natureza, à Vontade com os Outros. São essas as virtudes abstratas que, de forma mais ou menos consciente, detectamos nos pratos, no serviço e na decoração, e que buscamos, mesmo que de forma confusa, fomentar em nós mesmos pela ingestão de um pargo com salsa e uma porção de queijo burrata com lentilhas e óleo de manjericão.

Todos os 82 quartos dão para o azul do mar da baía. Em frente ao hotel, há um lago grande e tranquilo em cuja superfície o jardineiro espalha flores nas primeiras horas da manhã. O ar é perfumado, a brisa, suave no ponto...

Da mesma forma, não queremos apenas visitar um hotel tranquilo e sossegado

por alguns dias. Estamos, isto sim, em busca de um ambiente físico que nos ajude em um projeto mais amplo: tornar-nos pessoas Tranquilas e Sossegadas. Não viajamos ao exterior apenas para mudar de cenário, mas na expectativa de que as paisagens exteriores nos ajudem a reordenar nossa paisagem interna.

O smartphone envia dados a uma velocidade estonteante, fotografa imagens com nitidez incrível, obedece a comandos de voz e é capaz de abrigar qualquer biblioteca na memória prodigiosa...

E, por uma lógica semelhante, não queremos o telefone apenas por motivos práticos; também queremos assumir algumas de suas características, queremos nos tornar um pouco mais Racionais, Elegantes, Capazes e Precisos.

4.

CONSIDERANDO-SE QUE O consumo é um processo muito mais complicado — e interessante — do que parece, o noticiário a respeito desse assunto deveria reavaliar seus pressupostos quanto às necessidades do público.

Estamos acostumados a ser orientados quanto ao que deveríamos comprar em categorias como estas:

GASTRONOMIA
VIAGEM
TECNOLOGIA
MODA

Contudo, uma avaliação mais profunda e precisa das nossas necessidades agruparia as matérias jornalísticas de consumo em categorias muito diferentes:

SOCIABILIDADE
CALMA
RESILIÊNCIA
RACIONALIDADE

Os restaurantes, as viagens ao exterior e os equipamentos eletrônicos podem despertar desejos, mas seria um equívoco considerar que constituem nosso principal interesse. Eles não passam de elementos secundários dos objetivos

psicológicos mais amplos para os quais as investigações do jornalismo sobre consumo deveriam se voltar com mais ênfase.

5.

NO FUTURO, O noticiário ideal sobre consumo não se oporá ao mundo material. Embora certas correntes de pensamento sustentem que nenhum tipo de materialismo deveria ter qualquer papel a desempenhar em uma vida digna, a verdade é mais complexa. Os objetos materiais são promessas e chamarizes de futuros estados de espírito e nos proporcionam imagens idealizadas do ponto a que queremos chegar. O diminuto carro italiano passa a imagem de jovialidade e atrevimento de um vencedor, a luminária de titânio dá a ideia de uma vida atarefada reduzida a sua essência mais significativa, as férias tiradas para fazer caminhadas na montanha prometem o fim da hesitação e da fragilidade e o nascimento de uma individualidade nova e mais resiliente.

A compra de qualquer desses produtos não basta para nos assegurar mais controle dos estados íntimos de que falam. Mas eles podem nos proporcionar a imagem inspiradora de um destino, fomentando nosso empenho em chegar lá. De qualquer maneira, o consumismo está condenado a *não* ser um desperdício total de dinheiro.

As religiões sempre entenderam esse dualismo. Ao mesmo tempo que tentavam influenciar os fiéis no terreno espiritual, valorizaram a função que alimentos, roupas, viagens e objetos de decoração interior poderiam desempenhar na moldagem do caráter. Por exemplo, o zen-budismo recomenda aos seguidores que não se limitem a ler e orar, mas que também decorem suas casas com peças de cerâmica de *céladon*, a serem contempladas com o objetivo de estimular o compromisso com a Simplicidade e a Ausência de Ego. Não há nessa recomendação qualquer indício do pressuposto ocidental moderno de que um belo pote pode por si só transformar o caráter de alguém, mas, ao mesmo tempo, o zen-budismo sabiamente reconhece que o tipo adequado de pote, se encarado da maneira correta, pode ser uma contribuição válida para a evolução interior.

Da mesma forma, podemos, na esfera secular, reconhecer que os bens materiais às vezes são capazes de nos proporcionar um estímulo valioso. Um casaco novo, por exemplo, pode nos dar um lampejo inspirador de um eu mais confiante, ou talvez um simples jogo de louça de barro venha a nos induzir a uma atitude mais tranquila. Mas, ao mesmo tempo, devemos ter em mente que a esperada transformação não decorrerá apenas do ato da compra. Precisamos

fazer a aquisição no contexto de uma investida multifacetada e sutil o bastante sobre a aura de atratividade que emana dos objetos.

Na seção ideal do noticiário de consumo, categorias como Confiança e Calma serviriam para nos oferecer uma série de opções ao mesmo tempo conceituais e materiais. Aprenderíamos sobre as abordagens psicológicas que poderíamos adotar para alcançar um objetivo almejado — ouvir determinada obra musical, ler um livro sobre um período da história, estudar uma escola filosófica ou fazer um exercício mental. Mas também seríamos apresentados a certo número de aquisições materiais em sintonia com a perspectiva que desejamos — determinado tipo de jaqueta, talvez, ou uma viagem ao exterior, ou uma poltrona confortável.

6.

COMO PERMITIMOS ESSE divórcio entre o consumo e nossas necessidades mais profundas, as compras que fazemos deixaram de apoiar a psique. Assim como contribuiu para essa cisma, o noticiário a respeito desse assunto também pode ajudar a retificá-lo, pois em grande medida são os meios de comunicação que informam nossas ideias sobre o que devemos comprar e com que finalidade. As categorias, a linguagem, o posicionamento e as dicas usadas ao apresentar as opções de compra têm um extraordinário poder de influência sobre o que sentimos que devemos possuir e fazer. Ao alterarmos algo aparentemente tão sem importância como as categorias sob as quais o noticiário de consumo relata suas descobertas, passando a focalizar necessidades autênticas, em vez de desejos incipientes, talvez comecemos a fazer jus às aspirações subjacentes geradas pelos bens de consumo — bens que nos exaurimos (e ao planeta) para produzir e comprar. Teremos, então, a chance de nos tornarmos versões autênticas do que o noticiário de consumo sempre quis que fôssemos: consumidores felizes.

CULTURA

A primavera chegou, trazendo espetáculos, livros e eventos maravilhosos. Deixe que nossos críticos e redatores o guiem pelos pontos altos de uma temporada repleta de arquitetura, literatura, cinema, artes plásticas, dança, teatro e jazz, música clássica, pop e country. ¶

Los Angeles Times

1.

VIVEMOS EM UMA época de inédita riqueza cultural. Todo ano, a humanidade produz cerca de trinta mil filmes, dois milhões de livros e cem mil álbuns de música, e 95 milhões de pessoas visitam algum museu ou galeria de arte.

Em vista das limitações de tempo, nesse terreno, como em tantos outros, as empresas que geram os noticiários têm um papel essencial e de prestígio a desempenhar: ajudar-nos a decidir para onde voltar a atenção. A missão do jornalismo cultural é vasculhar a torrente de criatividade e nos direcionar para as melhores obras de arte de nosso tempo. Ao jornalismo cultural cabe nada mais nada menos que a corretagem de casamentos felizes entre a arte e seu público.

2.

A PROFISSÃO DE avaliar e recomendar obras de arte parece, de longe, não apresentar maiores problemas, mas, para ser conduzida com alguma ambição e coerência, requer que uma organização produtora de notícias faça uma pergunta de caráter bem amplo e sabidamente traiçoeira: “Para que serve a arte?”

O mundo moderno tende a se mostrar unânime no sentido de que a arte é extremamente importante, algo muito próximo do significado da vida. A pompa dessa visão elevada é acompanhada de consideráveis recursos estatais e privados para o financiamento das artes, incontáveis sacrifícios individuais em seu nome e

uma enorme atenção de parte da vida pública e da vida privada.

Apesar desse alto grau de estima, as razões por trás do status especial desfrutado pela arte tendem a ser presumidas, em vez de explicitamente expostas. Seu valor é considerado da esfera do senso comum. Perguntar por que deveríamos nos dar o trabalho de ler livros, ouvir música ou admirar pinturas é correr o risco de parecer insolente ou pedante, vivendo em uma espécie de aprisionamento a uma daquelas perguntas para as quais qualquer pessoa inteligente há muito já deve ter encontrado respostas satisfatórias.

Ainda assim, não deveria ser possível considerar "obrigatório" assistir a um filme recém-lançado ou se referir a um novo livro como "obra-prima" sem uma explicação bem argumentada e articulada sobre o propósito da arte.

3.

UMA POSSÍVEL TEORIA é a seguinte: a arte (na qual incluímos literatura, música, cinema, teatro e artes plásticas) é um meio terapêutico que guia, estimula e consola seus públicos, ajudando-os a se tornar versões melhores de si mesmos.

A arte é uma ferramenta para nos ajudar com certas fragilidades psicológicas com as quais, de outra forma, teríamos dificuldade de lidar: nossa incapacidade de entender a nós mesmos, de rir com sabedoria das nossas falhas, de ter empatia com os outros e perdoá-los, de aceitar a inevitabilidade do sofrimento sem nos sentir perseguidos, de permanecer um tanto esperançosos, de apreciar a beleza do cotidiano e de nos preparar adequadamente para a morte.

No que diz respeito a essas e muitas outras falhas, a arte mobiliza seu poder de cura, oferecendo-nos, por exemplo, um livro de poesia que delineia uma emoção que há muito sentimos, mas nunca fomos capazes de entender; uma comédia que sacode nossa indignação hipócrita; um álbum que nos fornece uma trilha sonora de esperança; uma peça que transforma horror em tragédia; um filme que mapeia um caminho mais sadio pelas dificuldades do amor ou uma pintura que nos convida a uma aceitação mais elegante da idade e da doença.

4.

ESSA TEORIA DE uma função explicitamente terapêutica da arte indica, por sua vez, um objetivo do jornalismo cultural: voltar nossas almas solitárias, confusas, assustadas e feridas para as obras culturais com maior probabilidade de nos ajudar a sobreviver e prosperar.

O jornalista cultural deve atuar como uma espécie de químico, selecionando, na infinidade de obras disponíveis, as mais suscetíveis a ajudar o público nas investigações internas, tratando o grande armazém das artes como uma gigantesca farmácia.

No fim das resenhas, poderíamos encontrar etiquetas discretas, comparáveis às das caixas de pílulas, especificando a que tipo de situação determinada obra pode se *destinar* — e por quê. Os críticos descobririam a importância de orientar suas análises em relação à vida íntima do público hipotético, dando seus veredictos como se fossem receitas psicológicas.

Uma abordagem terapêutica do jornalismo cultural aumentaria as oportunidades de aliviar, por meio da arte, momentos de dificuldade pessoal. Momentos em que precisamos do romance certo para nos ajudar a superar um trauma emocional, da pintura certa para restabelecer a calma, do filme certo para nos tirar de um clima de negatividade ou frivolidade. Ao mesmo tempo, diminuiria o número ainda elevado de vezes que (apesar dos milhões de obras de arte existentes) nos vemos sem a menor vontade de ler, ouvir ou assistir algo em particular.

Com a ajuda de um jornalismo cultural mais ambicioso, poderíamos ter, em momentos decisivos, uma nova capacidade de nos mostrar um pouco menos maus e infelizes.

5.

O FATO DE termos problemas para encontrar o caminho até as obras de arte necessárias é, ao mesmo tempo, peculiar e pungente, ainda mais quando tudo indica que nunca tivemos acesso tão pleno à cultura. Nós nos orgulhamos das invenções tecnológicas que tornaram milhões de livros, filmes e imagens disponíveis quase instantaneamente, não raro a baixo custo. Mas ter acesso a uma variedade vertiginosa de obras é muito diferente de saber quais delas podem ser boas para nós. Até agora, temos feito todo o possível para disponibilizar a arte, porém ainda mal começamos a descobrir como aproximar as pessoas das obras com mais probabilidade de serem importantes para elas.

A culpa dessa desconexão é em parte do jornalismo, uma vez que ele comanda as comportas da cultura. Como em muitas outras áreas, também aqui a informação por ele apresentada pode ser confusa e aleatória, pois os jornalistas não costumam definir suas prioridades de acordo com uma programação psicológica bem pensada, e sim com o calendário promocional das indústrias editorial, cinematográfica e museológica. As páginas de resenhas e críticas

acabam sendo dominadas por listas de best-sellers e levantamentos das bilheterias de filmes, como se a popularidade por si só pudesse ser o critério mais produtivo na hora de decidir o que ler ou assistir.

Além disso, uma enorme parte do jornalismo cultural se dedica a atacar obras de arte que os críticos consideram abaixo da média. Embora possa ser um esporte divertido para o espectador, pouco tem a ver com a missão bem mais útil de tentar aproximar um público resignado e sem tempo de obras que de fato o interessem. Não parece muito sábio se dar o trabalho de informar o público sobre obras de arte de cuja existência ele até então nem sequer suspeitava, para depois — muitas vezes com uma vivacidade considerável — insistir que a obra deveria ser completamente ignorada.

De qualquer maneira, uma obra pode ser verdadeiramente digna de atenção e ainda assim não ter ressonância, caso nos deparemos com ela no momento errado *para nós*. Podemos acabar na companhia de um "grande" livro, filme ou exposição cujos méritos reconhecemos, mas que nos deixa indiferentes, entediados e com sentimento de culpa — pois os críticos não foram capazes de esclarecer de forma sutil ou suficiente, como faria um bom farmacêutico, para qual condição a obra poderia servir como corretivo adequado. Uma verdade inconveniente é que boa parte, talvez uma parte enorme, do possível valor de qualquer obra de arte depende da situação psicológica do público. A arte só pode de fato ganhar vida naquelas ocasiões preciosas em que seu conteúdo está em sintonia com uma necessidade íntima — ocasiões em cuja identificação e divulgação o jornalismo cultural devia tentar treinar sua inteligência, assumindo o papel do farmacêutico que indica o remédio com maior poder terapêutico para a humanidade.

Conclusão

PERSONALIZAÇÃO

Você pode controlar manualmente muitos aspectos do Google Notícias. Para acessar o lugar central para a personalização de suas configurações, clique no botão “Personalize suas notícias”, que aparece como um ícone de roda dentada no canto superior direito da página inicial do Google Notícias. Nessas configurações, você pode ajustar o número de notícias exibidas para determinada seção; basta regular a barra deslizante em direção ao sinal de adição (+) ou de subtração (-). ¶

Google News

1.

HOUVE UMA ÉPOCA em que consumíamos todas as notícias que recebíamos — trinta páginas de um jornal ou meia hora de um boletim —, confiando que os produtores tinham se valido dos meios disponíveis para capturar de maneira precisa os acontecimentos mais significativos do mundo. A tecnologia mostrou que não é bem assim. Hoje, temos consciência de que o fornecimento de notícias é quase infinito, de que cada dia nos reserva mais um exabyte de imagens e palavras e de que os jornais e boletins são, na verdade, pitadas de informação pinçadas arbitrariamente de um oceano infinito de dados por editores estressados, obrigados a nada além de adivinhar os desejos de um "leitor médio" hipotético.

Inevitavelmente, eles nem sempre acertam. Talvez se estendam demais sobre uma guerra no oeste da África ou um plano incompreensível de pagamento da dívida. Talvez nos atualizem contra nossa vontade acerca de um casamento na alta sociedade ou de um furacão no Caribe. Talvez fiquemos com a sensação de estarmos sendo obrigados a comer pratos que nem sequer pedimos.

Mas nem sempre será assim. A tecnologia promete nos dar o poder de dizer aos computadores quais são nossos gostos para que eles, então, percorram automaticamente as ofertas do dia e nos apresentem boletins talhados para nossa personalidade. O fornecimento de notícias não será mais determinado apenas pelos pressupostos às vezes equivocados dos editores. Teremos alcançado uma

utopia individualista: um mundo com canais de notícias tão variados quanto os membros do público.

2.

MAS A PERSPECTIVA de abrir mão de uma orientação editorial objetiva tem aspectos alarmantes, pois levanta a questão de saber até que ponto a maioria de nós está realmente bem equipada para saber com que tipo de notícias precisamos nos defrontar.

O projeto de levar uma boa vida adulta em uma democracia moderna exige que abracemos todos os tipos de conhecimento para que nos ajudem a permanecer nos limites da moral, conscientes e seguros, e também nos desobriguem de maneira eficaz das responsabilidades públicas e privadas. Mas parte desse conhecimento pode não parecer particularmente atraente à primeira vista. Se assumirmos a incumbência de programar nosso noticiário, correremos o risco de perder informações que poderiam ser extremamente importantes para nossa evolução. Em vez de nos ajudar a desenvolver uma individualidade rica e complexa, o "noticiário personalizado" pode acabar agravando nossas patologias e nos condenando à mediocridade.

Imagine como a personalização poderia ter funcionado, por exemplo, com Maria Antonieta — que tinha temperamento melindroso quanto a notícias políticas incômodas e se sentiria tentada a mudar de estação para Moda e Entretenimento. A notícia de que cinco mil súditos estavam morrendo de fome em Rennes provavelmente teria sido sacrificada em favor de um exaustivo relato sobre os vestidos usados pelos convidados em uma festa oferecida pela duquesa de Polignac — uma ordem de prioridades que só se revelaria problemática nos idos de outubro de 1793, com a rainha já esperando seu destino final na escada para o cadafalso.

Ou então pense em um homem com forte desejo de evitar o sentimento da inveja e capacitado pelas novas tecnologias a barrar o fornecimento de quaisquer notícias sobre pessoas bem-sucedidas. Por mais satisfeito que ficasse por ter se livrado do que chamava de "histórias imbecis", ele também poderia estar perdendo algumas dicas desagradáveis, mas decisivas, a respeito de seu próprio desenvolvimento e de seu direcionamento futuro.

Igualmente dotada de restrições um tanto diferentes, outra pessoa poderia querer saber apenas de tragédias no mundo subdesenvolvido. Mas e se essa atenção voltada apenas para histórias de fome e carnificina fosse usada como uma desculpa nobre, contudo emocionalmente conveniente, para não manifestar

sentimentos em relação a pessoas bem alimentadas, porém mais exigentes, bem perto de casa?

A personalização só seria um avanço em relação ao sistema editorial atual se os usuários fossem dotados de um senso altamente maduro e complexo do tipo de notícias que precisam ouvir. Entretanto, antes de poderem chegar perto dos painéis de controle usados para programar o fluxo de notícias, eles teriam de passar a conhecer muito bem suas próprias almas. Somente depois de um prolongado autoexame, talvez com a ajuda de um psicanalista, estariam preparados para ajustar seus mecanismos pessoais de recebimento de notícias, conscientes da natureza das histórias necessárias para desafiar suas defesas, expandir seus horizontes e despertar o tipo certo de inveja. Como em qualquer portal de entrada para o aumento da liberdade de escolha, a possibilidade de um noticiário personalizado serve apenas para realçar as dificuldades de escolher com sabedoria.

3.

A QUESTÃO DA personalização nos leva de volta a uma pergunta que permeia boa parte deste livro: Idealmente, como deveria ser o noticiário? Quais as necessidades profundas que deve atender? Como poderia nos tornar pessoas melhores?

Examinamos seis variedades de noticiário para tentar definir que tipo de papel poderiam desempenhar para nós:

Noticiário político

Ante as tantas distrações e confusões com que somos defrontados, o noticiário político deveria provocar nosso interesse pela mecânica complexa das sociedades, ajudar-nos a nos mobilizar de maneira inteligente por uma reforma e aceitar certas limitações persistentes sem nos enfurecer. O noticiário político deveria criar uma nação harmoniosa e tolerante na imaginação do público, tornando possíveis momentos de orgulho e empatia coletiva. Deveria acompanhar não só as atividades dos que estão no poder, mas todos os males sistêmicos que impedem o progresso da comunidade, ao mesmo tempo reconhecendo sua capacidade de influenciar os valores da nação sobre a qual comenta.

Noticiário internacional

Esta especialidade deve abrir nossos olhos para a natureza da vida em outros países, acima e além dos momentos de crises dramáticas e sanguinolentas, que paradoxalmente bloqueiam nossa capacidade de sentir empatia e de nos identificarmos. Precisa deixar de lado sua obsessão com a reportagem neutra para nos fornecer retratos ricos, sensoriais e, eventualmente, pessoais de outras nações. Apropriando-se de certas técnicas da literatura de viagem e recorrendo sempre ao jornalismo fotográfico de qualidade, deveria nos ajudar a humanizar o Outro em nossa mente, fazendo-nos abandonar nosso provincianismo globalizado.

Noticiário econômico

Idealmente, este gênero não só esclareceria os acontecimentos econômicos atuais como investigaria as muitas abordagens teóricas inteligentes e viáveis que podem concretizar versões mais sadias e satisfatórias do capitalismo de mercado, permitindo-nos descartar tanto o cinismo desnecessário quanto a indignação imatura. Ao mesmo tempo, representaria as atividades de negócios em termos mais amplos que os frios dados econômicos exigidos pelos investidores. Evocaria as realidades humanas que estão por trás de nossos produtos de maneira a propiciar sentimentos úteis de gratidão, indignação justificada, culpa e admiração.

Noticiário de celebridades

Nesta categoria, seríamos apresentados a algumas das pessoas mais admiráveis de nossa época — escolhidas por critérios maduros e sutis — e orientados sobre como obter delas inspiração e conselhos. Os famosos nos fariam sentir uma inveja produtiva e equilibrada e, dando exemplos de ousadia e perseverança, nos ajudariam a perceber nossos talentos genuínos, ainda que tímidos. Mas também seríamos alertados de que a melhor cura para o desejo de conquistar a fama seria, em última análise, um mundo em que se distribuíssem a bondade e o respeito de forma mais generosa e equilibrada.

Noticiário de desastres

As tragédias dos outros deveriam nos lembrar de que muitas vezes também estamos muito perto de nos comportar de forma amoral, tacanha ou violenta. Ver as consequências de tais impulsos assustadoramente concretizadas na vida de estranhos deveria nos deixar, ao mesmo tempo, com sentimentos de medo e

empatia, em vez de arrogantes e cheios de razão. E os acidentes que todos os dias ceifam nossos semelhantes deveriam servir para nos demonstrar quanto sempre estamos expostos ao risco da morte súbita e de ferimentos. Assim, ficaria claro que devemos comemorar cada hora livre da dor com gratidão e generosidade.

Noticiário de consumo

O campo do jornalismo deveria nos alertar para o fato de que, em uma sociedade agressivamente comercial, é muito complicado gerar uma felicidade genuína ao gastar dinheiro. O noticiário deveria, portanto, empenhar-se em nos orientar habilmente para os objetos e serviços (e, não menos importantes, as manobras mentais) com mais probabilidade de atender a nossas aspirações subjacentes de uma existência plena.

4.

MAS, AINDA QUE, por uma sucessão de milagres, o noticiário conseguisse um dia realizar tudo isso de maneira confiável, continuaríamos com um punhado de razões para manter a cautela...

NOTÍCIAS INTERNAS

> Depois de ler sobre um homem que foi roubado, assassinado ou morto por acidente, uma casa que se incendiou, um navio que afundou ou um barco a vapor que explodiu, uma vaca atropelada nos trilhos da Estrada de Ferro do Oeste e um cachorro raivoso que foi abatido ou uma nuvem de gafanhotos no inverno, nunca mais precisaríamos voltar a ler notícias semelhantes (...) Quanto à Inglaterra, praticamente a última notícia relevante que de lá chegou foi a revolução de 1649; e, se alguém já se informou sobre o histórico de suas colheitas em um ano de resultados típicos, não precisará voltar a atenção de novo para isso, a menos que suas especulações sejam de natureza meramente financeira. A julgar por alguém que raramente dá uma olhada nos jornais, nada de novo acontece em terras estrangeiras, nem mesmo uma Revolução Francesa. ¶
>
> **Henry David Thoreau, *Walden*, 1854**

1.

NÓS EVOLUÍMOS DE uma sociedade em que quase nada mudava — e qualquer mudança que de fato ocorresse tinha tudo para ser muito significativa e talvez até representasse uma ameaça à vida. Desse passado, herdamos uma fragilidade cognitiva no que diz respeito à novidade: partimos do pressuposto de que o novo também deve ser importante.

Mas nem sempre é assim. Para manter a lucidez em uma era dominada pelo noticiário, devemos constatar que as categorias da novidade e da importância se sobrepõem, mas são fundamentalmente distintas.

Quando estamos tensos e tentados a fugir de nós mesmos, que solução melhor, mais imersiva e *respeitável* do que correr para o noticiário? Ele representa a desculpa séria perfeita para não prestarmos atenção em muitas coisas que podem ser mais importantes. Deixamos de lado, de bom grado, toda responsabilidade por nós mesmos para ouvir a respeito de questões graves e urgentes, como a dívida brasileira, o novo líder da Austrália, as taxas de mortalidade infantil em Benim, o desflorestamento na Sibéria e um homicídio triplo em Cleveland.

2.

EM SUA ESCALA e onipresença, a máquina contemporânea de produzir notícias pode arrasar nossa capacidade de pensar de maneira independente. Na sala de

controle de uma agência global de notícias localizada na Europa, encontraremos cerca de quinhentas pessoas sentadas em um gigantesco pátio interno de concreto, mal iluminado e decorado com telas e quadros de aviso ligados por cabos de fibra ótica a todos os cantos do mundo. Em um único dia, chegam ao prédio mais dados do que toda a humanidade terá gerado nos 23 séculos entre a morte de Sócrates e a invenção do telefone. Pelos fios vêm informações sobre terremotos na Guatemala e homicídios no Congo, queda de ações em Helsinki e explosões em Ancara. Há matérias sobre todos os temas e regiões geográficas imagináveis: eleições em Burkina Faso e mortalidade infantil no Vietnã; subsídios agrícolas no Canadá e a estratégia da Rio Tinto na África; a coleção de outono da Prada e restaurantes de comida chinesa em Zurique. Os relógios revelam que já passou um pouco da hora do almoço em Cartum, mas ainda amanhece em La Paz. Parece a área de embarque de um grande aeroporto internacional, dando a mesma sensação meio inebriante de que deixamos para trás tudo que é local, enraizado e lento, e entramos em um mundo frenético, sem gravidade e global. Aqui, sem dúvida estamos na era moderna, uma época de desorientação e aleatoriedade na qual, graças às novas tecnologias, abrimos mão dos vínculos provincianos, abandonamos os ritmos da natureza e, em cidades cada vez maiores, nos tornamos vividamente conscientes da existência simultânea de milhões de ensandecidos semelhantes, todos assoberbados por seu quinhão particular de infortúnios, ambições e peculiaridades.

O ritmo do ciclo de notícias é implacável. Por mais importantes que fossem as notícias de ontem — os deslizamentos, a descoberta do corpo escondido de uma menina, a humilhação de um político outrora poderoso —, toda manhã a cacofonia recomeça. O centro gerador do noticiário tem a amnésia institucional do centro de emergência de um hospital: toda noite as manchas de sangue são limpas e a lembrança dos mortos, apagada.

Ficamos nos perguntando se algum dia a torrente de matérias poderia secar, ainda que por um momento; se acaso — por um extraordinário esforço de coordenação — a humanidade concordaria em se comportar de maneira tão cuidadosa que, durante um dia, simplesmente não houvesse notícias. Assassinos adiariam a concretização de suas intenções em todo o mundo, nadadores incautos ficariam em terra, políticos adúlteros cuidariam de cortar o gramado do jardim. Mas os responsáveis pelo noticiário não precisam temer essa escassez. As estatísticas garantem que, até o fim de qualquer período de 24 horas, três mil pessoas terão perdido a vida nas estradas do mundo, 45 outras serão assassinadas em diferentes pontos dos Estados Unidos e quatrocentos incêndios terão irrompido em residências no sul da Europa — para não falar das mais recentes e imprevistas inovações nos campos da mutilação, do terror, do roubo e das

explosões.

3.

NÃO É FÁCIL ser introspectivo. Dentro de nós espreitam incontáveis verdades duras que uma investigação ameaça expulsar. Quando estamos incubando ideias embaraçosas, mas possivelmente vitais, é que tendemos a evitar ainda mais olhar para dentro de nós mesmos. E é aí que o noticiário nos pega.

Devemos ter consciência de que ele é um adversário muito ciumento do autoexame — e do que é capaz de fazer para evitar que o façamos. Seus fornecedores querem instalar telas na traseira dos assentos de nossos veículos, receptores nos nossos relógios e telefones em nossas mentes para se assegurar de que estejamos sempre conectados, conscientes do que está acontecendo. Não podemos nunca ficar sozinhos.

Mas não teremos nada de substancial a oferecer enquanto não tivermos dominado a arte de sermos parteiras pacientes de nossos pensamentos.

Precisamos de longas viagens de trem sem *wireless* nem nada para ler, nas quais o vagão esteja praticamente vazio, em que as paisagens se mostrem extensas e, como trilha sonora, haja apenas o som ritmado das rodas nos trilhos. Precisamos de viagens de avião sentados na janela, sem nada mais para focalizar a atenção por duas ou três horas senão o alto das nuvens e a presença constante, a poucos metros no frio inimaginável, de um motor Rolls-Royce pendurado na enorme asa prateada, ajudando, com sua disciplina e valentia, a propulsar nossos pensamentos vagabundos.

4.

NÃO PODEMOS ENCONTRAR no presente tudo de que precisamos para refinar nossa humanidade. Existem atitudes, ideologias, modalidades de sentimentos e filosofias em cujo encalço precisamos voltar nos séculos, pelos corredores das bibliotecas de referência, passando por armários esquecidos em museus, com suas armaduras medievais enferrujadas percorrendo páginas de livros de segunda mão cheios das anotações de donos já mortos ou subindo aos altares de templos meio arruinados e cobertos de musgo. Precisamos equilibrar o contato com os pixels em constante mudança de nossos monitores e com as páginas de livros pesados que proclamam, em suas encadernações e fontes, que têm algo a dizer que amanhã continuará merecendo um lugar em nosso pensamento.

5.

PRECISAMOS DE UM alívio da impressão, alimentada pelo noticiário, de que vivemos em uma época de importância sem igual, com nossos tumultos, guerras, dívidas, crianças desaparecidas, festas de estreia de alguma coisa, ofertas públicas de ações e mísseis. De vez em quando, precisamos usar a imaginação e chegar ao espaço, muitos quilômetros acima da superfície da Terra, até um lugar onde aquela conferência, aquela epidemia, aquele celular novo e aquele incêndio florestal chocante percam um pouco da capacidade de nos afetar — onde até os problemas mais intratáveis parecerão se dissolver no contato com a eternidade do tempo, tudo isso atestado pela visão de outras galáxias.

6.

DE VEZ EM quando, deveríamos abrir mão de nossas notícias para prestar atenção nas manchetes muito mais estranhas e maravilhosas das espécies menos eloquentes que nos cercam: gaviões e gansos, besouros e gafanhotos, lêmures e criancinhas. Todas criaturas muito desinteressadas por nossos melodramas, contrapesos de nossas ansiedades e de nosso egocentrismo.

Uma vida próspera exige a capacidade de reconhecer quando o noticiário não tem mais nada de original nem de importante a dizer. São os períodos em que deveríamos recusar qualquer vínculo imaginativo com estranhos, em que devemos deixar que os outros governem, triunfem, fracassem, criem ou matem, na certeza de que temos nossos próprios objetivos a honrar no pouco tempo que ainda nos resta.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. Bridgeman/National Gallery, Londres;
2. Bridgeman/National Gallery, Londres;
3. Shutterstock (acima);
4. Nico Hogg (abaixo);
5. Alamy/View Pictures;
6. PA Photos;
7. PA Photos;
8. PA Photos;
9. Carol Rosegg/Shakespeare Theatre Company, Washington, DC;
10. Bridgeman/Real Sociedade Geográfica, Londres;
11. © Magnum Photos/Stuart Franklin;
12. © Magnum Photos/Stuart Franklin;
13. © Magnum Photos/Stuart Franklin;
14. Bridgeman/Museus Reais de Belas-Artes da Bélgica, Bruxelas;
15. Bridgeman/Museus Reais de Belas-Artes da Bélgica, Bruxelas;
16. Getty Images;
17. Topfoto
18. Bridgeman/Musée du Petit-Palais, Paris;
19. © Stephanie Sinclair/VII Photo;
20. PA Photos;
21. © Magnum Photos/Stuart Franklin;
22. Pete Souza/White House Photo Office;

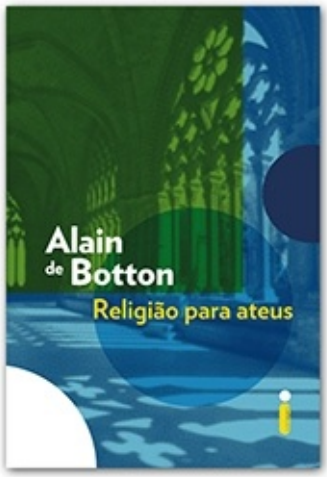
23. David Shankbone;
24. © Jacqueline Hassink (de The Table of Power (1993-5), 6 dez. 1994);
25. © Edward Burtynsky, cortesia da Nicholas Metivier Gallery, Toronto/Flowers, Londres/Paul Kuhn, Calgary (Detalhe do díptico 10 ab);
26. Benedict Redgrove/Wired © The Condé Nast Publications Ltd;
27. Corbis;
28. akg-images/Pirozzi;
29. Bridgeman/Louvre, Paris;
30. Bridgeman Art Library/De Agostini;
31. Topfoto;
32. Yale University Art Gallery, New Haven;
33. © KIK-IRPA, Bruxelas;
34. Cascade News, Manchester;
35. Akg-images/Erich Lessing;
36. INS News Agency, Reading (acima);
37. PA Photos (abaixo);
38. Ross Parry Agency, West Yorkshire;
39. Bridgeman/Musée de la Tesse, Le Mans;
40. PA Photos;
41. Bridgeman/Yale Center for British Art, Paul Mellon Collection, New Haven;
42. Corbis;
43. Jenny Zarins (de Polpo: A Venetian Cookbook (Of Sorts), de Russell Norman, Bloomsbury, 2012. Reproduzida com a gentil permissão);

SOBRE O AUTOR

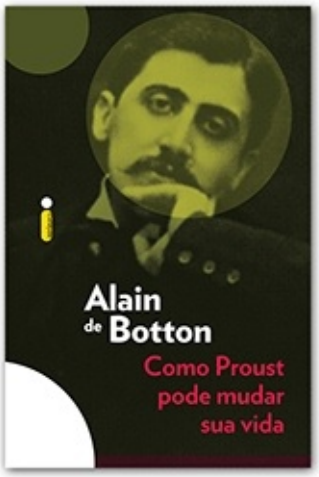


ALAIN DE BOTTON nasceu em Zurique, na Suíça, em 1969, e desde os oito anos vive com a família na Inglaterra. Estudou na tradicional Universidade de Cambridge. Seus livros de ensaio sobre temas ligados à filosofia da vida cotidiana tornaram-se best-sellers em mais de trinta países. Alguns foram transformados em documentários para a televisão britânica. Seus escritos desenvolvem ideias originais apoiadas, de forma inusitada, na obra de grandes pensadores, seguindo uma tradição iniciada por Sêneca e Montaigne. É autor de *Como Proust pode mudar sua vida*, *A arte de viajar*, *Religião para ateus* e *Arte como terapia*, publicados no Brasil pela Intrínseca.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Religião para ateus



Como Proust pode mudar sua vida

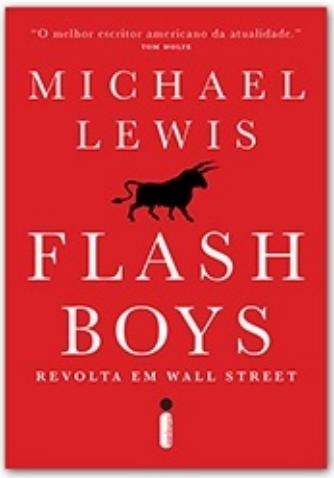


A arte de viajar

LEIA TAMBÉM



Vida após a morte
Damien Echols



Flash Boys
Michael Lewis



Sal, gordura, açúcar
Michael Moss